



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PGLetras

THECIANA SILVA SILVEIRA

**MARANHÃO, TERRA DAS PALMEIRAS: UM ESTUDO DA  
SINONÍMIA NA TERMINOLOGIA DO BABAÇU**

SÃO LUÍS

2017



**THECIANA SILVA SILVEIRA**

**MARANHÃO, TERRA DAS PALMEIRAS: UM ESTUDO DA SINONÍMIA NA  
TERMINOLOGIA DO BABAÇU**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Conceição de Maria de Araujo Ramos.

SÃO LUÍS

2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silveira, Theciana Silva.

MARANHÃO, TERRA DAS PALMEIRAS : UM ESTUDO DA SINONÍMIA  
NA TERMINOLOGIA DO BABAÇU / Theciana Silva Silveira. -  
2017.

139 f.

Orientador(a): Conceição de Maria de Araujo Ramos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em  
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,  
2017.

1. Babaçu. 2. Maranhão. 3. Sinonímia. 4.  
Terminologia. I. Ramos, Conceição de Maria de Araujo. II.  
Título.

**MARANHÃO, TERRA DAS PALMEIRAS: UM ESTUDO DA SINONÍMIA NA  
TERMINOLOGIA DO BABAÇU**

THECIANA SILVA SILVEIRA

Banca Examinadora

Membros Titulares

---

Profa. Dra. Conceição de Maria de Araujo Ramos

Orientadora/ Presidente

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

---

Profa. Dra. Gladis Maria de Barcellos Almeida

Examinador externo

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

---

Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos

Examinador interno

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Membro Suplente

---

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

São Luís, 21 de fevereiro de 2017

*A linguagem é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. É inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos (...) o recurso último e indispensável do homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta com a existência, e quando o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador.*

Hjelmslev

*À minha mãe.*

## AGRADECIMENTOS

**Um dos maiores desafios foi, sem dúvida, sintetizar toda minha gratidão, que vai muito além do que se pode expressar, a pessoas que considero como anjos, em forma humana, enviadas por Deus para fazer a minha vida feliz. Aqui ficam os meus singelos agradecimentos:**

*Primeiramente, a Deus, autor da minha fé, pelo dom da vida.*

*À minha família, pela torcida incondicional e, por compreender o fato de eu não estar presente em todos os momentos importantes.*

*Ao meu querido Roger, pela amizade, carinho, compreensão e solidariedade inefável. Por me ajudar muitas vezes a achar soluções quando elas pareciam não aparecer, fazendo das coisas mais simples coisas tão bonitas. Sem você, essa conquista não teria o mesmo sabor.*

*À Profa. Conceição Ramos, pela confiança, amizade, conselhos e, sobretudo, por acreditar em mim. Tenho muito orgulho de tê-la como orientadora e por ser responsável por grande parte da minha formação. A senhora é um exemplo de simplicidade e competência e isso vai muito além do universo acadêmico. Com a senhora aprendi que é muito mais fácil multiplicar quando sabemos dividir.*

*À Profa. Gladis Barcellos, com quem tenho aprendido muito. Agradeço, primeiramente pela confiança em me aceitar para o estágio, mesmo sem me conhecer; pelas orientações – que foram valiosas para mim; pelo carinho e amizade. Passar grande parte do ano de 2016 em São Carlos foi, acima de tudo, prazeroso e enriquecedor. Você é um ser humano incrível! Deixo registrado aqui minha admiração por você. Obrigada por ter aceitado fazer parte da minha banca e pela constante disponibilidade em me ajudar.*

*À Profa. Georgiana Santos, pelo grande incentivo, conversas e pelas valiosas contribuições dadas ao meu trabalho de qualificação, e por aceitar continuar fazer parte da minha banca.*

*A Luís Henrique, pelas longas conversas, risadas e conselhos. Por todos os “helps” desde o projeto de Mestrado até a escrita da dissertação. Obrigada por suscitar em mim o interesse pela Terminologia; por compartilhar tua bibliografia comigo e disponibilizar os*

*inúmeros textos que chegavam à minha caixa de e-mail toda vez que eu te fazia uma pergunta (que não foram poucas). És 10!*

*À Flavinha, minha amiga-irmã, que em todos os momentos, senti ao meu lado. Seu carinho, apoio e encorajamento, foram muito importantes para mim. Obrigada por ter lido minhas análises nas madrugadas da vida, pela ajuda nas pesquisas nos dicionários; por te fazer pesquisar o mesmo verbete milhares de vezes porque eu perdia as páginas; pela parceria nas viagens dos congressos; e por vibrar por cada momento meu.*

*Aos meus amigos, Gabriel, Layane, Amanda e Imaculada. Obrigada pelos sorrisos, companhia e apoio, cada um a seu modo, as nossas diferenças são o que nos une.*

*Aos meus amigos da escola “since 2005”: Victor, Marta, Amaral, Jurandir, William, Hugo, Kyron e Carliane, pela grande torcida e presença constante. Com vocês aprendi somar as diferenças.*

*Ao meu amigo Luanderson, pela revisão do Résumé.*

*Às minhas amigas Andréa, Rita e Edneide.*

*Aos meus amigos “Sancarlenses”, que tive o privilégio de conhecer em 2016, e que tornaram os dias mais frios, quentes: Maysa, pelo ótimo acolhimento, por me fazer sentir em casa com toda sua maranhêsidade; Rejeane; Gleice; Jorcemara, minha conterrânea; Nilson; Jackson; Lucas; D. Auxiliadora, minha mãe Amazonense perdida em São Carlos; e Edmar, a cearense mais arretada que já conheci. Conhecer vocês foi uma dádiva! Obrigada pela calorosa hospitalidade, apoio, incentivo e companhia.*

*À equipe ALiMA, em especial, Prof. Mendes, Thaiané, Edson, Éric, Ludmila e Nádia.*

*Às minhas colegas de Mestrado Luciana e Manuela.*

*À Coordenadora do Mestrado, Profa. Veraluce, por todo esforço, prontidão e disponibilidade, com todos os documentos de que precisei, pelas conversas e conselhos. A senhora é um exemplo de dedicação.*

*À CAPES e à FAPEMA pelas bolsas concedidas.*



## MARANHÃO, TERRA DAS PALMEIRAS: UM ESTUDO DA SINONÍMIA NA TERMINOLOGIA DO BABAÇU

A sinonímia tem sido muito discutida no domínio da Semântica e da Terminologia, já que essa questão desafia o princípio da univocidade, tão buscada pelos estudos clássicos da Semântica e da Terminologia. O fenômeno é discutido em diferentes abordagens: alguns autores julgam que é necessária a eliminação da variação denominativa, considerando-a como um problema para a comunicação, já que buscam a univocidade; enquanto outros estudiosos discordam dessa postura, entendendo a imprescindibilidade da sinonímia para compreensão da realidade do universo terminológico. Nesse sentido, o presente trabalho se fundamenta nas discussões teóricas do estudo da sinonímia no domínio da semântica, com os trabalhos de Barbosa (1999), Ullmann (1964) e Lyons (1977), e na terminologia, com os trabalhos de Auger (2001), Wüster (1998), Cabré (1999), Temmerman (2001) e Kocourek (1991), e nos principais modelos de análise sinonímica utilizados nas pesquisas terminológicas, tomando como base os modelos de Araújo (2006) e de Contente (2009). Recolhem-se os termos relativos ao babaçu no meio social em que são produzidos e usados, objetivando descrever e analisar os tipos de sinonímia presentes na terminologia do babaçu, com base na fala das quebradeiras de coco do Maranhão. O *corpus* da pesquisa é constituído por textos da fala das quebradeiras de coco babaçu, de sete municípios maranhenses. Esses textos, extraídos do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), foram recolhidos por meio da aplicação do questionário semântico-lexical (QSL), que contém cinquenta e quatro questões. Para a seleção dos termos, foram utilizados os programas computacionais *Antconc*, que consiste em um conjunto de ferramentas de análise de *corpus*, principalmente, as ferramentas *wordlist* e *concordance*, e *CmapTools*, que possibilita a criação de micromapas. Com base na descrição e análises dos dados, puderam-se identificar os processos que motivam o fenômeno sinonímico na terminologia estudada, a saber: os processos metafóricos, metonímicos, hiperonímicos/hiponímicos e holonímicos/meronímicos, bem como demonstrar que os termos sinônimos mostram-se importantes no discurso especializado, opondo-se à ideia de que a sinonímia é um empecilho para a comunicação, devendo ser eliminada.

**Palavras-chave:** Terminologia. Sinonímia. Babaçu. Maranhão.

## **MARANHÃO, LA TERRE DES PALMIERS: UNE ÉTUDE DE LA SYNONYME DANS LA TERMINOLOGIE DE LA NOIX DE COCO BABAÇU**

La synonymie est beaucoup discutée dans le domaine de la Sémantique et de la Terminologie, puisque cette question défie le principe de l'univocité, objet de recherche des études classiques sémantique et terminologiques. Ce phénomène est discuté à partir de différentes approches: certains auteurs pensent que l'élimination de la variation dénomminative se rend nécessaire, considérant qu'elle pose un problème à la communication; tandis que d'autres chercheurs défendent l'indispensabilité de la synonymie pour la compréhension de la réalité de l'univers terminologique. En ce sens, ce travail est basé sur des discussions théoriques de l'étude de la synonymie dans le domaine de la sémantique, présentes dans les travaux de Barbosa (1999), Ullmann (1964) et Lyons (1977); de la terminologie, présentes dans les travaux d'Auger (2001), Wüster (1998), Cabré (1999), Temmerman (2001) et Kocourek (1991); et les modèles principaux d'analyse synonymiques utilisées pour des recherches terminologiques, à partir des modèles d'Araújo (2006) et de Contente (2009). On recueille les termes liés à la noix de coco babaçu dans l'environnement social dans lequel ils sont produits et utilisés, afin de décrire et d'analyser les types de synonymie y présents, basé sur le discours des briseuses de noix de coco du Maranhão. Le corpus de cette recherche se compose de textes des discours de briseuses de noix de coco babaçu de sept municipalités du Maranhão. Ces textes, extraits de la base de données du Projet Atlas Linguistique du Maranhão (ALiMa), ont été recueillis par l'application du questionnaire lexico-sémantique (QLS), qui contient cinquante-quatre questions. Pour le choix des termes, les programmes informatiques Antconc ont été utilisés. Ils se constituent d'un ensemble d'outils d'analyse de corpus, en particulier des outils wordlist et concordance et CmapTools, qui permettent la création de microcartes. Basés sur la description et l'analyse des données, on a pu identifier les processus qui motivent le phénomène synonymique dans la terminologie étudiée, à savoir: les processus métaphoriques, métonymiques, hipronymiques/hiponymiques et holonymiques/meronymiques et démontrer que les termes synonymes sont importants dans le discours spécialisé, opposant à l'idée que la synonymie est un obstacle à la communication et, pourtant, qui doit être éliminée.

Mots-clés: Terminologie. Synonymie. Babaçu. Maranhão.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da distribuição por unidade federativa da quantidade produzida na extração vegetal: babaçu .....	20
Figura 2 - Representação da sinonímia segundo Barbosa (1999) .....	21
Figura 3 - Representação da parassinonímia segundo Barbosa (1999).....	22
Figura 4 - Mapa do Maranhão com a distribuição da produção do babaçu em toneladas.....	44
Figura 5 - Interface do programa <i>Antconc 3.4.4</i> .....	51
Figura 6 - Interface da ferramenta <i>Word list</i> .....	52
Figura 7 - Interface da ferramenta <i>Concordance</i> .....	53
Figura 8 - Interface do <i>Cmap Tools</i> .....	54
Figura 9 - Interface do editor de mapas conceituais .....	55
Figura 10 - Relações sinonímicas do conjunto <i>água da palmeira</i> .....	58
Figura 11 - Relação sinonímica do conjunto <i>azeite</i> .....	60
Figura 12 - Foto do <i>azeite</i> .....	60
Figura 13 - Relações sinonímicas do conjunto <i>bagaço</i> .....	61
Figura 14 - Relações sinonímicas do conjunto <i>caçamba</i> .....	62
Figura 15 - Foto da <i>caçamba</i> .....	63
Figura 16 - Relações sinonímicas do conjunto <i>cacete</i> .....	65
Figura 17 - Foto do <i>cacete</i> .....	65
Figura 18 - Relações sinonímicas do conjunto <i>cachopa</i> .....	67
Figura 19 - Foto da <i>cachopa</i> .....	68
Figura 20 - Relações sinonímicas do conjunto <i>caroço</i> .....	70
Figura 21 - Foto do <i>caroço</i> .....	70
Figura 22 - Relações sinonímicas do conjunto <i>casca</i> .....	72
Figura 23 - Foto da <i>casca</i> .....	72
Figura 24 - Relações sinonímicas do conjunto <i>cocal</i> .....	74
Figura 25 - Foto do <i>cocal</i> .....	74
Figura 26 - Relações sinonímicas do conjunto <i>coco</i> . .....	76
Figura 27 - Foto do <i>coco</i> .....	76
Figura 28 - Relação sinonímica do conjunto <i>coco de solta</i> .....	77
Figura 29 - Relações sinonímicas do conjunto <i>coco encharcado</i> .....	78
Figura 30 - Relações sinonímicas do conjunto <i>coco queimado</i> .....	80
Figura 31 - Relação sinonímica do conjunto <i>cofo</i> .....	82

Figura 32 - Foto do <i>cofo</i> .....	82
Figura 33 - Relação sinonímica do conjunto <i>esteira</i> .....	83
Figura 34 - Foto da <i>esteira</i> .....	84
Figura 35 - Relação sinonímica do conjunto <i>forageira</i> .....	85
Figura 36 - Relações sinonímicas do conjunto <i>gongo</i> .....	86
Figura 37 - Foto do <i>gongo</i> .....	86
Figura 38 - Relação sinonímica do conjunto <i>jacá</i> .....	88
Figura 39 - Foto do <i>jacá</i> .....	88
Figura 40 - Relação sinonímica do conjunto <i>leite de coco</i> .....	89
Figura 41 - Relações sinonímicas do conjunto <i>massa do coco</i> .....	90
Figura 42 - Foto da <i>massa do coco</i> .....	90
Figura 43 - Relação sinonímica do conjunto <i>mangará</i> .....	92
Figura 44 - Foto do <i>mangará</i> .....	92
Figura 45 - Relação sinonímica do conjunto <i>paçoca de babaçu</i> .....	93
Figura 46 - Relação sinonímica do conjunto <i>palmeira macho</i> .....	95
Figura 47 - Relação sinonímica do conjunto <i>pele</i> .....	96
Figura 48 - Foto da <i>pele</i> .....	96
Figura 49 - Relações sinonímicas do conjunto <i>pindova</i> .....	97

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 – Legenda 1.....</b>	<b>20</b>
<b>Tabela 2 – Distribuição da produção de babaçu em toneladas nos estados do Brasil .....</b>	<b>21</b>
<b>Tabela 3 – Legenda da Figura 2.....</b>	<b>43</b>
<b>Tabela 4 – Distribuição da produção de babaçu em toneladas nos municípios do Maranhão .....</b>	<b>43</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ALiB – Atlas Linguístico do Brasil**
- ALiMA – Atlas Linguístico do Maranhão**
- ASSEMA – Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão**
- BDELC – Breve Dicionário Etimológico de la Lengua Castellana**
- Conab – Companhia Nacional de Abastecimento**
- CTAA – Caderno de Termos Aplicados à Agricultura**
- DBB – Dicionário Banto do Brasil**
- DCLP – Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**
- DELPM – Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (Machado)**
- DELPN – Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (Nascentes)**
- DENFLP – Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**
- DEPA – Dicionário Etimológico do Português Arcaico**
- DHLP – Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**
- DHOT – Dicionário Histórico das palavras Portuguesas de origem Tupi**
- DLP – Dicionário de Língua Portuguesa**
- DRB – Dicionário Rural do Brasil**
- DTL – Dicionário de Termos Linguísticos**
- DUPC – Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**
- INF. – Informante**
- INQ. – Inquiridor**
- LPM – A Linguagem Popular do Maranhão**
- MCA – O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia**
- MDLP – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**
- MIQCB – Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu**
- NA - Novo Aurélio Século XXI.**
- NDCLP – Novíssimo Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**
- NDLLP – Novo Dicionário do Lello da Língua Portuguesa**
- OCLP – De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa.**
- QSL – Questionário Semântico-Lexical**
- SIDRA – Sistema IBGE de Recuperação Automática**
- TAIB – Tupi Antigo: a língua indígena clássica do Brasil**

**TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia**

**TGT – Teoria Geral da Terminologia**

**TST - Teoria Sociocognitiva da Terminologia**

**VAB – Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**

## SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO .....	16
1.1 Porque estudar o universo terminológico da cultura do babaçu? .....	16
1.2 Conhecendo o tesouro do Maranhão .....	19
1.2.1 Considerações sobre o babaçu .....	19
1.2.2 “Das mãos que macetam e semeiam vida” .....	23
1.3 Breve Síntese dos caminhos trilhados neste trabalho .....	23
II. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	26
2.1 Um breve passeio pela Terminologia.....	26
2.2 A questão da sinonímia .....	28
2.2.1 A sinonímia na Semântica .....	28
2.2.2 A sinonímia na Terminologia .....	32
2.2.3 Síntese de alguns modelos de tipologia sinonímica.....	35
III. METODOLOGIA.....	42
3.1 Caracterização do <i>corpus</i> e da metodologia.....	42
3.1.1 Constituição do <i>corpus</i> .....	43
3.1.2 Extração dos termos e formação do repertório terminológico.....	47
3.1.3 Seleção dos conjuntos sinonímicos.....	48
3.1.4 Identificação e classificação dos processos semânticos motivadores das sinonímias .	49
3.2 Programas computacionais .....	50
3.2.1 <i>AntConc 3.4.4</i> .....	50
3.2.2 <i>CmapTools</i> .....	53
IV. OS DADOS: análise dos termos sinônimos no universo terminológico do babaçu.....	56
4.1 Alguns esclarecimentos .....	56
4.2 Conjuntos sinonímicos .....	58
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	103
APÊNDICES.....	106
ANEXOS .....	135



## I. INTRODUÇÃO

### 1.1 Por que estudar o universo terminológico da cultura do babaçu?

A escolha do léxico do babaçu se justifica uma vez que, segundo informações da Conab/Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, no Brasil, no âmbito do extrativismo vegetal não madeireiro, a amêndoa do babaçu destaca-se como o segundo produto de maior valor, ficando atrás do açaí, que é o produto não madeireiro mais vendido no País.

Nesse cenário, o Estado do Maranhão, principal produtor brasileiro de amêndoas de babaçu<sup>1</sup>, respondeu, em 2014, segundo dados do IBGE, por 94% do total nacional, com uma produção de 79.305 toneladas, que rendeu ao Estado R\$ 147.129.000,00. Ainda de acordo com informações do IBGE, no ranking dos 20 municípios maiores produtores de amêndoas de babaçu, todos são maranhenses.

O babaçu também funciona como moeda nas regiões em que é produzido. Nesses locais, as quebradeiras podem trocar o coco babaçu, já quebrado, em comércios, por mercadorias como arroz, feijão, café, açúcar, calçados e materiais diversos.

Atualmente, estão sendo realizadas pesquisas com o mesocarpo do babaçu como nova fonte de matéria-prima para produção do etanol, que, segundo a professora Isaide de Araújo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), busca colocar em uso um combustível menos poluente; e também, como uma nova perspectiva de tratamento para o câncer, estudo que está sendo desenvolvido pela pesquisadora Flávia Nascimento, da Universidade de São Paulo (USP).

Para além das investigações nos âmbitos da economia, da tecnologia e da medicina, o babaçu requer estudos de natureza social e linguística, tendo em vista ser um produto que tem um papel fundamental tanto do ponto de vista socioeconômico como cultural. A diversificação e o estímulo do uso e aproveitamento de todas as partes do babaçu, por meio de

---

<sup>1</sup>Vale destacar que, na *Poranduba maranhense* – escrita no século XIX, na década de 20, por Frei Francisco de Nossa Senhora do Prazeres Maranhão – já encontramos registro da existência de extensas áreas de babaçuais no Maranhão, bem como da ampla variedade de produtos obtidos com base no babaçu. Sobre a palmeira, diz-nos o autor: “(...) planta pouco diferente do coqueiro, não produz tamaras, mas sim uns côcos pequenos xeios de amêndoas oleozas, que se comem. Esta planta enquanto pequena xama-se pindobeira, as suas folhas proximas ao olho xamam-se pindoba, e servem para cobrir cazas, como também para cofos esteiras etc. O olho mais tenro da pindobeira denomina-se palmito, e come-se, guizado como repolho. Existem matas de palmeiras muito extensas.” (MARANHÃO, 1946, p. 162).

um processo com foco não só econômico, mas também social, cultural e ambiental, vêm ampliando seu espaço no desenvolvimento do Estado<sup>2</sup>.

Acreditamos, ainda, que com a necessidade cada vez maior de as autoridades fiscalizarem e controlarem a atividade da extração do coco babaçu, e com o desenvolvimento de estudos, das diversas áreas do saber, sobre essa atividade econômica, ou sobre outros setores que, de alguma forma se relacionem à atividade da extração do babaçu, um estudo terminológico, como o que ora propomos, é indiscutivelmente de grande importância, não só para o setor econômico e governamental, como também para outras áreas das ciências envolvidas, como a Ecologia, a Biologia e a Botânica.

Tendo em vista esse panorama, o babaçu requer estudos de natureza social, cultural e linguística. No que diz respeito aos estudos de natureza linguística, convém destacar que o trabalho de coleta e trato do produto oferece uma excelente oportunidade para registro do vernáculo, visto que muitas trabalhadoras conservam, em seu discurso, formas linguísticas próprias, pertencentes a um vernáculo característico do Estado. Por ser coletiva e, em geral, envolver diferentes gerações de uma mesma família, a atividade congrega vários sujeitos que interagem em situações naturais de comunicação linguística realizadas sob a forma de conversas, cantorias e relatos de experiências pessoais. Todo esse material linguístico traz consigo uma parte específica do léxico da língua portuguesa, que é o léxico profissional e técnico do babaçu.

Com isso, registram-se também variantes socioprofissionais e geográficas, buscando contribuir para uma melhora qualitativa e quantitativa do diálogo entre o técnico/especialista e as quebradeiras de coco, no momento de transferência e troca de conhecimentos. Nessa perspectiva, reafirmamos a importância das pesquisas de natureza terminológica para o conhecimento da realidade linguístico-cultural brasileira, ressaltando que o estudo do universo linguístico do babaçu ampliará o conhecimento da variante linguística usada no estado do Maranhão, representativa do vernáculo, além de abrir espaço para a comparação dos dados aqui coletados com os de outras localidades.

Nesse sentido, vale destacar a importância dos estudos variacionistas sobre o léxico nas investigações sobre o português brasileiro. Tais estudos têm mostrado como a realidade humana pode ser observada por meio do léxico, visto ser este domínio da língua, no dizer de Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9), a janela por meio da qual uma comunidade pode ver o mundo. Desse modo, nossa pesquisa tem como base norteadora os estudos sinonímicos no

---

<sup>2</sup>Nessa perspectiva, merecem destaque iniciativas como a atuação da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (ASSEMA) e a criação dos produtos *Babaçu Livre*; esta última é fruto da união de comunidades da região do Médio Mearim.

domínio da semântica e da Terminologia, principalmente, nas questões atinentes à proposta teórica e metodológica da Teoria Comunicativa da Terminologia - TCT (CABRÉ, 2002).

Outra razão para este trabalho diz respeito ao fato de ele se desenvolver em consonância com o interesse de um grupo de pesquisadores que trabalham com a TCT e entendem a importância dos fenômenos semânticos na linguagem. Em se tratando do léxico especializado, observamos que a produção de trabalhos terminológicos tem aumentado consideravelmente nos últimos tempos (cf. BARROS, 2004). Dentre eles, destacamos os trabalhos que abordam a sinonímia, fenômeno que será tratado no presente estudo: *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina* (CONTENTE, 2009); *A elaboração de um dicionário terminológico da economia: aspectos da sinonímia nos discursos especializados* (ARAÚJO, 2006); *A sinonímia na Terminologia do direito do trabalho e processo trabalhista: uma análise no texto sentença judicial* (GAUDÊNCIO, 2011).

No que diz respeito aos trabalhos voltados para a terminologia do babaçu, destacamos a tese de doutorado *Uma palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu* (LUCENA, 2008), que apresenta um glossário semissistemático das atividades profissionais relacionadas ao coco babaçu, com ênfase nas variações diatécnica, diafásica, diastrática e diatópica, e um glossário do babaçu, trabalho de Iniciação Científica, *O léxico do babaçu: um estudo com base no corpus constituído para o ALiMA* (MELO, 2013).

Embora existam trabalhos sobre o léxico especializado desta atividade, ressaltamos que eles se voltam para uma organização sistemática, sem privilegiar, primordialmente, as relações semânticas fundamentais para descrição dos conceitos básicos de um domínio e para definição de como esses conceitos se relacionam.

Por essa razão, realizamos a presente pesquisa com vistas a recolher os termos relativos ao babaçu dentro do meio social em que são produzidos e usados, objetivando descrever e analisar os tipos de sinonímia presentes na terminologia do babaçu, com base na fala das quebradeiras de coco do Maranhão.

O ponto de partida para a pesquisa foi o levantamento do *corpus* extraído do banco de dados do ALiMA, composto por discursos orais das quebradeiras de coco, de sete municípios maranhenses – Buriti, Itapecuru, Viana, Vargem Grande, Presidente Vargas, Cantanhede e São Bento –, recolhidos por meio da aplicação de um questionário semântico-lexical (QSL), que contém 54 questões e abarca quatro campos temáticos: morfologia da

árvore, instrumentos de trabalho, aplicações e beneficiamento, e comercialização dos produtos oriundos do babaçu.

Para a seleção dos *termos*, utilizamos o programa gratuito *Antconc* que consiste em um conjunto de ferramentas de análise de *corpus*. Nesse programa, os inquéritos transcritos foram processados, principalmente nas ferramentas *wordlist* e *concordance*, as quais possibilitam a seleção mais acelerada dos termos e permitem uma análise mais completa, proporcionando observar quais termos aparecem com maior frequência nos inquéritos e em que contexto aparecem. Depois da recolha do *corpus*, analisamos os termos encontrados quanto aos seus aspectos semânticos, visando observar as relações que estes mantêm entre si, dando ênfase às relações sinonímicas, buscando os processos que motivam a criação dos termos sinônimos.

## 1.2 Conhecendo o tesouro do Maranhão

### 1.2.1 Considerações sobre o babaçu

A palmeira de coco babaçu<sup>3</sup> é uma oleaginosa da família botânica *Arecaceae*, *Orbignyaphalerata*, presente em diversos países da América Latina. No Brasil, encontra-se presente nas zonas de transição entre as florestas úmidas da Bacia Amazônica, as terras semiáridas do Nordeste e em parte do cerrado brasileiro.

O babaçu é uma das mais importantes palmeiras brasileiras. Atualmente, é o segundo maior produto florestal não madeireiro dos mais vendidos no Brasil e é encontrado, principalmente, em plantações conhecidas como babaçuais, concentradas nos estados do Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí, havendo ainda presença de babaçuais na Bahia e no Ceará e em menor expressão em outros estados do País, como podemos observar na Figura 1, que mostra a distribuição da produção de coco babaçu no Brasil.

---

<sup>3</sup>O babaçu, dependendo da região, pode ser chamado também de *coco-palmeira*, *coco-de-macaco*, *coco-pindoba*, *baguaçu*, *uauaçu*, *catolé*, *andaiá*, *andajá*, *indaia*, *pindoba*, *pindobassu* ou ainda vários outros nomes. (CARAZZA, 2012, p. 13).



Figura 1 –Mapa da distribuição, por unidade federativa, da quantidade produzida na extração vegetal - babaçu.  
 Fonte: IBGE –Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura, 2014 (cartografia do Sistema do IBGE de Recuperação automática – SIDRA)

<b>Nível Territorial = Unidade da Federação</b>				
<b>Variável = Quantidade produzida na extração vegetal (Toneladas)</b>				
<b>Ano = 2014</b>				
<b>Tipo de produto extrativo = 8.1 - Babaçu (amêndoa)</b>				
<b>Cor</b>	<b>De</b>	<b>Até</b>	<b>Frequência %</b>	
	1	25	2	8
	26	267	2	8
	268	3.786	2	8
	3.787	79.304	1	4
	79.305	79.305	1	4
	<b>Ausência de dados, (-) ou valor desidentificado</b>		<b>18</b>	<b>69</b>

Tabela 1 – Legenda do Mapa 1  
 Fonte: IBGE - Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura

Podemos observar ainda na Tabela 2, a distribuição por estados:









<b>Nível Territorial = Unidade da Federação</b>		
<b>Variável = Quantidade produzida na extração vegetal (Toneladas)</b>		
<b>Tipo de produto extrativo = 8.1 - Babaçu (amêndoa)</b>		
<b>Ano = 2014</b>		
<b>Nome</b>	<b>Valor</b>	<b>Cor</b>
Acre	-	/////
Alagoas	-	/////
Amapá	-	/////
Amazonas	5	
Bahia	268	
Ceará	254	
Espírito Santo	-	/////
Goiás	-	/////
Maranhão	79.305	
Mato Grosso	1	
Mato Grosso do Sul	-	/////
Minas Gerais	-	/////
Paraná	-	/////
Paraíba	-	/////
Pará	26	
Pernambuco	-	/////
Piauí	3.787	
Rio Grande do Norte	-	/////
Rio Grande do Sul	-	/////
Rio de Janeiro	...	/////
Rondônia	-	/////
Roraima	-	/////
Santa Catarina	-	/////
Sergipe	-	/////
São Paulo	-	/////
Tocantins	271	

Tabela 2 – Distribuição da produção de babaçu em toneladas nos estados do Brasil  
 Fonte: IBGE – Produção da Extração Vegetal e Silvicultura

Como podemos observar, na Tabela 2, o Maranhão, segundo dados do IBGE (2014), é o estado onde há maior concentração de palmeiras de babaçu no País, somando 79.305 toneladas de produção no período anual. Conseqüentemente, o Maranhão também é o local onde mais se produz produtos oriundos de coco babaçu. Segundo Carazza (2012), apesar de sua ocorrência natural em abundância, é possível plantar e manejar o babaçu em áreas de produção, no período chuvoso, melhor época para o plantio.

A palmeira do coco babaçu tem um papel significativo no cenário econômico da agricultura do Estado, tanto no plano industrial, com as grandes indústrias de beneficiamento, como no plano da atividade extrativista em si (realizada por famílias de baixa renda, com a coleta e a quebra do coco) e da produção artesanal (de óleo, sabonete, farinha, biscoito). É grande o número de produtos e subprodutos oriundos do babaçu, tendo em vista que o aproveitamento da palmeira é integral: da folha à semente. Segundo Carazza (2012), são pelo menos nove opções de uso do babaçu, dentre as quais se destacam: alimentação humana e animal, artesanato, cobertura de casas, cosméticos e combustíveis.

A palmeira pode atingir mais de 20 metros de comprimento e tem como característica principal a presença de folhas velhas acumuladas no alto das palmeiras, atingindo uma densidade para desbaste de 156 palmeiras adultas por hectare (SHIRAISHI NETO, 2006). O seu fruto, o babaçu, é constituído por quatro partes: o pericarpo (pele do coco), o mesocarpo (massa do coco), o endocarpo (casca do coco) e as amêndoas (caroço). Geralmente, possui três ou quatro amêndoas em seu interior. As amêndoas são as sementes oleaginosas do coco babaçu e o óleo retirado dessas sementes é o produto mais comercialmente explorado do coco babaçu, utilizado principalmente na indústria alimentícia, estética e medicinal.

Entretanto, apesar do óleo de babaçu ser o principal alvo comercial, todas as partes do babaçu são utilizadas pelas famílias que trabalham na atividade de quebra do coco. Da palmeira faz-se estrume, das folhas são feitos utensílios, como o abano, o cofo<sup>4</sup>, a esteira, além de materiais utilizados na construção de casas, como cercas, portas e janelas. Quando a palmeira ainda está nova, é possível retirar o palmito do tronco, e, da amêndoa do coco babaçu, ainda se pode extrair o leite de coco. Com a massa do coco, são feitos alimentos e remédios, e com a casca é produzido o carvão. Para muitas famílias, o babaçu é muito mais do que a principal fonte de renda, é parte integrante do seu dia a dia.

A extração do babaçu é tradicionalmente realizada pela produção familiar e representa a luta e a força do trabalho feminino.

### **1.2.2 “Das mãos que macetam e semeiam vida”**

A atividade tradicional da quebra do coco, majoritariamente, é realizada por mulheres, que são conhecidas como *quebradeiras de coco*. Elas são responsáveis por todas as etapas que envolvem essa atividade, desde a coleta do coco nas matas, o armazenamento, o

---

<sup>4</sup>Objeto feito de palha trançada, proveniente do olho da palha, de formato redondo, que serve para guardar o coco babaçu e outros produtos, como peixe, camarão, farinha.

transporte até o local da quebra do coco e a extração do óleo do coco babaçu. Elas trabalham sentadas no chão e, com auxílio de um machado e um macete, quebram o coco babaçu. Produzem, por dia, por volta de quatro a cinco litros de azeite, o que corresponde à quebra de seis a sete quilos de coco babaçu.

Entretanto, não é em todos os lugares que as quebradeiras de coco podem ter acesso à palmeira de babaçu, uma vez que muitas palmeiras encontram-se em propriedades privadas e, conseqüentemente, as quebradeiras são impedidas de realizar a coleta. Para que elas possam ter acesso a esses cocos, mesmo em propriedades privadas, e pela preservação dos babaçuais, lutam organizadas por meio de associações e movimento de mulheres. Dentre eles, destacamos a ASSEMA e o MIQCB que visam organizar as quebradeiras de coco babaçu para conhecerem seus direitos, defenderem as palmeiras de babaçu, o ambiente e desenvolverem estratégias para a melhoria da qualidade de vida das famílias agroextrativistas. (ASSEMA, 2014; MIQCB, 2013).

Uma das maiores conquistas nesse âmbito foi a Lei do Babaçu Livre que assegura, às quebradeiras, o livre acesso e o uso comunitário dos babaçuais, mesmo quando dentro de propriedades privadas, além de proibir a derrubada de palmeiras. Porém, essa lei não abrange todos os municípios maranhenses que possuem palmeiras de babaçu e, mesmo onde foi aprovada, ainda há muitos latifundiários que se aproveitam da falta de fiscalização para promover o desmatamento e impedir o acesso das quebradeiras.

A relevância do babaçu não se dá apenas no campo da economia: além de uma fonte de trabalho e renda, as quebradeiras também reproduzem um conhecimento tradicional que envolve técnicas de beneficiamento do coco (quebrar o coco e produzir alimentos, como o leite de babaçu, a farinha, o mingau, o óleo e outras comidas a base de subprodutos do babaçu), música (composição e canto e toque de tambor) e cultura (forma de vida e respeito à natureza e às tradições familiares) passadas de mãe para filhas e filhos.

No Maranhão, existem gerações de quebradeiras de coco e, como a atividade é passada de mãe para filha, já faz parte da cultura local, influenciando a vida dessa comunidade, as suas produções culturais e – nosso maior interesse – a linguagem das pessoas envolvidas com a atividade. Devido a todos esses fatores, nasce a necessidade de registro das unidades lexicais relativas à atividade de quebra do coco babaçu, um produto tão importante para o País, sobretudo para o Maranhão.

### **1.3 Breve síntese dos caminhos trilhados neste trabalho**



Considerando tudo que foi exposto anteriormente, a dissertação ora proposta tem como objetivo principal descrever e analisar os tipos de sinonímia presentes na terminologia do babaçu, com base na fala das quebradeiras de coco do Maranhão.

Desse modo, o presente texto constitui-se deste primeiro capítulo introdutório, em que apresentamos a pesquisa, a pertinência desta no cenário dos estudos terminológicos; a justificativa do porquê estudar o universo terminológico da cultura do babaçu, levando em consideração, além do aspecto linguístico, os aspectos sociais, culturais e econômicos; apresentamos, ainda, a importância do coco babaçu para o Maranhão e em que consiste a atividade da quebra de coco babaçu realizada pelas quebradeiras de coco do Maranhão.

No segundo capítulo, “Pressupostos teóricos”, será apresentado primeiro, um breve panorama dos estudos terminológicos e uma revisão desses estudos seguindo, principalmente, o viés da TGT e da TCT. Depois, privilegiaremos questões atinentes à sinonímia, a saber: (i) principais autores que discutem esse fenômeno na Semântica, com os trabalhos de Ullmann (1964), Lyons (1977) e Barbosa (1999); na Terminologia, com os trabalhos de Kocourek (1991), Wüster (1998), Cabré (1999), Auger (2001), Temmerman (2001); (ii) algumas definições de sinonímia e (iii) principais modelos de análise sinonímica utilizados nas pesquisas terminológicas, tomando como base os modelos de Araújo (2006) e Contente (2009).

No terceiro capítulo, “Metodologia”, apresentaremos, no primeiro momento, a caracterização do *corpus* e da metodologia que propusemos para a concretização deste trabalho, englobando a forma como foi constituído o *corpus*, como foram extraídos e formados os repertórios terminológicos, a seleção dos grupos sinonímicos e a identificação e classificação dos processos semânticos que motivaram o aparecimento dos termos sinônimos. No segundo momento, trataremos dos programas computacionais *Antconc* e *CmapTools*, utilizados nas etapas ora mencionadas, com a finalidade de aperfeiçoar o trabalho manual de forma ágil e eficaz.

No quarto capítulo, “Os dados”, serão apresentados alguns esclarecimentos sobre: (i) a tipologia de dicionários utilizados para embasar as análises e (ii) a disposição dos termos dos grupos sinonímicos e dos processos que motivam a relação sinonímica entre os termos nos micromapas criados, com vistas a contribuir para uma melhor visualização das análises. Trataremos ainda, neste capítulo, das análises dos termos, que correspondem a 25 conjuntos sinonímicos analisados.

No quinto e último capítulo, “Considerações Finais”, serão apresentadas, com base nos resultados obtidos, as principais ideias do texto.

Ao final do texto, traremos as referências bibliográficas das obras consultadas e citadas neste trabalho.

## II. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 2.1 Considerações acerca da Terminologia

A Terminologia, como disciplina da Linguística, se ocupa da investigação e da descrição do conceito, bem como das denominações dadas a esses conceitos, mostrando a relação entre esses elementos e o comportamento das unidades lexicais especializadas dentro da comunicação técnico-científica ou não. A pesquisa que ora nos propomos a executar toma como ponto de partida as reflexões desenvolvidas no âmbito dos estudos terminológicos e os resultados por esses estudos alcançados, principalmente, em sua face descritivista. Sobre a Terminologia, Cabré explica que se trata da ciência cujo objetivo é:

(...) descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico, dar conta de como o ativam e explicar suas relações com outros tipos de signos do mesmo ou distinto sistema, para fazer progredir o conhecimento sobre a comunicação especializada e as unidades que nela se usam<sup>5</sup>. (CABRÉ, 2002, p. 57)

Nesse sentido, entenderemos o discurso especializado como a manifestação linguística do conhecimento especializado, tanto técnico como científico.

A ideia da variação terminológica também subsidiará nosso estudo, o que nos leva a considerar os princípios teóricos e metodológicos da TCT, sobretudo, no que diz respeito à variação denominativa e conceitual como algo indissociável da comunicação especializada.

Porém, nem sempre os estudos terminológicos aceitaram a variação. Nos primeiros estudos sobre Terminologia, orientados pelos trabalhos de Wüster, o teórico não negava a existência da variação, porém defendia que fossem evitados termos sinonímicos, ou seja, a variação era uma imprecisão da linguagem especializada. Nessa perspectiva, conteúdo e expressão eram considerados independentes um do outro, ficando a cargo do terminólogo propor uma denominação exata para um conceito. Nesse sentido, Barros afirma que, para Wüster,

pode-se identificar um conjunto de conceitos de um domínio especializado, organizá-los em um sistema estruturado e defini-los sem mesmo identificar com precisão os termos que os designam. Haveria, portanto, uma total independência entre a expressão e o conteúdo. (BARROS, 2004, p. 56)

---

<sup>5</sup>Tradução nossa de: “(...) describir formal, semántica y funcionalmente las unidades que pueden adquirir valor terminológico, dar cuenta de cómo lo activan y explicar sus relaciones con otros tipos de signos del mismo o distinto sistema, para hacer progresar el conocimiento sobre la comunicación especializada y las unidades que se usan en ella.”.

O aumento do interesse da sociedade pelas terminologias levou a uma reflexão acerca das limitações da TGT e, conseqüentemente, à criação de abordagens mais descritivas e menos normativas, que dessem conta dos aspectos linguísticos e funcionais da comunicação especializada. Essa outra teoria, denominada por Cabré de TCT, se opõe à teoria de Wüster, a qual Cabré considerada reducionista e idealista, muito embora reconheça o valor do modelo da TGT para os estudos terminológicos. Cabré define a TCT como uma teoria que reconhece a existência de “variação conceitual e denominativa nos domínios de especialidade e leva em conta a dimensão textual e discursiva dos termos”.<sup>6</sup> (CABRÉ, 1999, p.120).

A TCT se contrapõe ao idealismo da TGT e entende que o termo possui múltiplas faces, sentidos diferentes, sendo um lexema que possui um caráter especializado e que comporta a variação tanto no que concerne ao conteúdo, quanto à forma.

Com a disseminação dos trabalhos terminológicos, foram sendo constatados os limites da TGT, e com as críticas científicas e as lacunas que existiam na teoria, outras teorias foram surgindo, como a Socioterminologia, a TCT e a Teoria Sociocomunicativa da Terminologia. Uma das críticas da TCT à TGT está voltada para o reconhecimento da Terminologia como ciência linguística, que descreve terminologias com base em princípios linguísticos. Nesse sentido, Cabré afirma que:

A terminologia, considerada sob a perspectiva de uma teoria linguística não reducionista que inclua a competência e o uso dos falantes contemplados em sua heterogeneidade cognitiva e comunicativa, deve propor uma teoria que ao mesmo tempo que dê conta dos fenômenos da linguagem geral, descreva as especificidades cognitivas, linguísticas (gramaticais, pragmáticas, textuais e discursivas) e comunicativas das unidades terminológicas, e explique como o falante-especialista adquire estas especificidades e utiliza estas unidades<sup>7</sup>. (CABRÉ, 2002, p. 52)

A visão da Terminologia sob uma perspectiva linguística sustenta a ideia de que um termo pode ser usado com igual conceito ou com características conceituais diferentes nos diferentes campos do conhecimento especializado, dando, desse modo, espaço para a polissemia, a homonímia e outros fenômenos variacionistas. Nesta abordagem, reitera Barros (2004, p. 59), “a sinonímia, a homonímia, a polissemia e a variação linguística (léxica) de diferentes tipos passam a ser previstas, aceitas e tratadas em um estudo terminológico de perspectiva comunicativa”.

<sup>6</sup> Tradução nossa de: “*variación conceptual y denominativa, y teniendo en cuenta la dimensión textual y discursiva de los términos.*”.

<sup>7</sup> Tradução nossa de: “*La terminología, vista desde una teoría lingüística no reductiva que incluya la competencia y la actuación de los hablantes contemplados en su heterogeneidad cognitiva y comunicativa, debe proponer una teoría que al mismo tiempo que da cuenta de los fenómenos del lenguaje general, describa las especificidades cognitivas, lingüísticas (gramaticales, pragmáticas, textuales y discursivas) y comunicativas de las unidades terminológicas, y explique como el hablante-especialista adquiere estas especificidades y utiliza estas unidades.*”.

Em se tratando de variação, Cabré ressalta que esta se dá não somente pelos fenômenos propriamente linguísticos, mas também pelos diferentes graus de especialidades que um campo específico pode apresentar, pelas condições de comunicação, pelo nível de especialização do especialista, bem como por sua orientação teórica, dando, desse modo, espaço para uma descrição mais realística dos universos especializados.

Considerando as reflexões apresentadas, fica fácil concluir que o conhecimento especializado é, sem dúvidas, um conjunto de relações que estão além dos limites linguísticos, que devem ser consideradas, caso queiramos ter um retrato fiel da terminologia dos diferentes campos especializados. Daí a importância de pesquisar o léxico especializado, levando em consideração as particularidades de cada grupo.

## **2.2 A questão da sinonímia**

A sinonímia tem sido muito discutida no domínio da Semântica e da Terminologia, já que essa questão desafia o princípio da univocidade, buscado pelos estudos clássicos, principalmente no âmbito da Terminologia. O fenômeno é discutido em diferentes abordagens: alguns autores julgam que é necessária a eliminação da variação denominativa, considerando-a como um problema para a comunicação, já que buscam a univocidade; enquanto outros estudiosos discordam dessa postura, entendendo a imprescindibilidade da sinonímia para compreensão da realidade do universo terminológico.

### **2.2.1 Sinonímia na semântica**

A sinonímia é definida pelos dicionários gerais como “qualidade das palavras sinônimas; relação de sentido entre dois vocábulos que têm significação muito próxima” (DHLP, p. 1750); “qualidade ou caráter de sinônimo; relação entre palavras sinônimas” (NA, p.1862), e “relação de sentido entre dois vocábulos que têm significação própria” (NDCLP, p. 1268). Nas acepções encontradas nos dicionários gerais, embora seja registrada a ideia geral do que é a sinonímia, é necessário, para efeito deste trabalho, descrever de forma mais detalhada o que é sinonímia e as discussões que giram em torno do seu conceito.

Nos estudos linguísticos, especialmente o de Lyons (*apud* ARAUJO, 2006), o conceito de sinonímia parece não se diferenciar dos dicionários gerais; em suas próprias palavras, Lyons afirma que: “as expressões com igual significado são sinônimas”. Entretanto,

o autor prossegue ampliando esse conceito dando ênfase à complexidade de delimitar o que é sinonímia.

[...] Haveria que se fazer duas observações a essa definição. A primeira é que a relação de sinonímia não se limita aos lexemas: pode ocorrer que expressões lexicamente simples tenham o mesmo significado que expressões lexicamente complexas. A segunda supõe que a identidade, e não meramente a semelhança, seja critério da sinonímia. Neste último sentido se diferencia da definição de sinonímia que se pode encontrar em muitos dicionários padrões e daquela com a que os mesmos lexicógrafos operam ordinariamente. Muitas das expressões recolhidas como sinônimas nos dicionários gerais ou especializados são o que poderia denominar-se **quase-sinônimos**: expressões que são mais ou menos semelhantes no significado; mas não são idênticas. [...] (LYONS *apud* ARAUJO, 2006, p 20)

Desse modo, o autor ressalta a pouca probabilidade de existência da sinonímia absoluta, em que todos os significados sejam iguais e intercambiáveis em todos os contextos de uso e acrescenta que existem poucos sinônimos perfeitos nas línguas naturais, mostrando que existem graus de sinonímia: (i) sinonímia absoluta (cuja existência é questionada) e (ii) quase-sinonímia.

Ullmann (1965), por sua vez, posiciona-se defendendo a existência da sinonímia absoluta, embora inicie seu texto com dois autores que negam essa posição. Primeiro, Ullmann (1965, p. 291) traz a aceção de Macaulay que afirma que a sinonímia “modifica a estrutura da oração; substitui um sinônimo por outro; e todo efeito será destruído”; em seguida, o autor cita Bloomfield: “cada forma linguística tem um significado constante e específico. Se as formas são foneticamente diferentes, supomos que os seus significados são também diferentes... Supomos, em resumo, que não há sinônimos reais”.

Entretanto, mesmo citando as visões apresentadas por Macaulay e Bloomfield, Ullmann apresenta uma visão diferente no que concerne à existência da sinonímia absoluta:

Embora haja de facto uma grande dose de verdade em tais afirmações, seria errôneo negar a possibilidade de completa sinonímia. Bastante paradoxalmente, encontra-se onde menos seria de se esperar: nas nomenclaturas técnicas. O facto de os termos científicos serem precisamente delimitados e emocionalmente neutros permite-nos averiguar de modo absolutamente definido se dois deles são completamente permutáveis, e a sinonímia absoluta não é, de modo algum, pouco vulgar. Estudos recentes sobre a formação de terminologias industriais mostraram que vários sinônimos surgirão por vezes em torno de uma nova invenção, até que, eventualmente, se separam. Tal sinonímia pode mesmo persistir durante um período indefinido. (ULLMANN, 1965, p.292)

De acordo com a citação, podemos afirmar que o autor defende a existência da sinonímia absoluta, principalmente, quando se trata das áreas de especialidade. Para verificar a existência da sinonímia, Ullmann propõe o teste de substituição recomendando por

Macaulay, da intercambialidade do termo sinônimo em todos os contextos. Esse teste “trata-se de um dos processos fundamentais da linguística moderna, e, no caso dos sinônimos, revela ao mesmo tempo se são permutáveis e em que medida.” E prossegue: “Se a diferença é predominantemente objectiva, encontrar-se-á muitas vezes uma certa sobreposição no significado: os termos em questão podem ser permutados em alguns contextos, mas não noutros.” (p. 296).

No entanto, Ullmann assegura que não haverá sinonímia se as palavras ou termos pertencerem a registros ou níveis de estilo totalmente diferentes. Em suas próprias palavras:

Se, por outro lado, a diferença entre sinônimos é principalmente emotiva ou estilística, pode não existir nenhuma sobreposição: por muito próximos que se encontrem no que se refere ao significado objectivo, pertencem a registros ou níveis de estilo totalmente diferentes, e não podem normalmente ser permutados. (ULLMANN, 1956, p. 296)

Assim, só poderão ser considerados sinônimos as palavras ou termos que são intercambiáveis em qualquer contexto sem mudança de sentido.

Para Barbosa (1999), a sinonímia consiste nos elementos de um campo lexical que possuem a mesma referência cognitiva e conotativa, e a mesma distribuição. Nesse sentido, as palavras ou termos devem ser intercambiáveis em todos os contextos. De outro lado, os parassinônimos são as unidades lexicais que apresentam a mesma referência cognitiva, entretanto as referências conotativas se diferem e possuem distribuição aproximada.

A autora entende que, na sinonímia (homossemia total), há dois ou mais elementos do conjunto significante, que correspondem somente a um elemento do conjunto de significado. Por outro lado, na quase-sinonímia/ parassinonímia (homossemia parcial) há dois ou mais elementos do conjunto do significante, em relação à oposição disjuntiva, correspondem dois ou mais elementos do conjunto significativo.

Barbosa propõe uma sistematização da relação de sinonímia entre palavras e termos, como podemos observar a seguir.

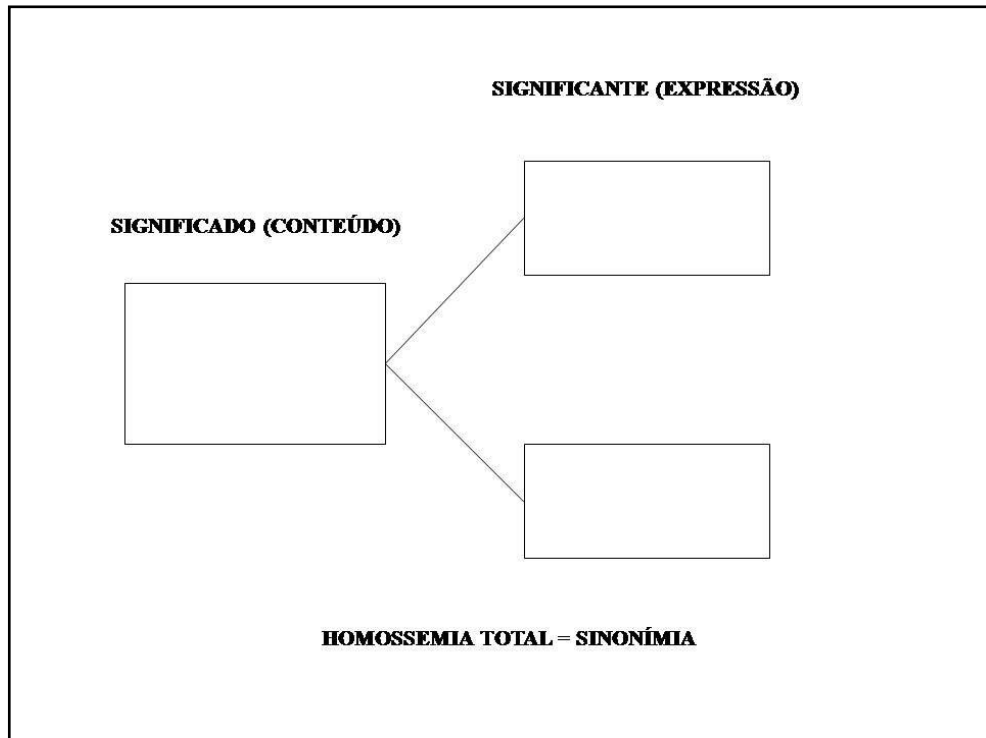


Figura 2 – Representação da sinonímia segundo Barbosa (1999)  
 Fonte: Barbosa (1999)

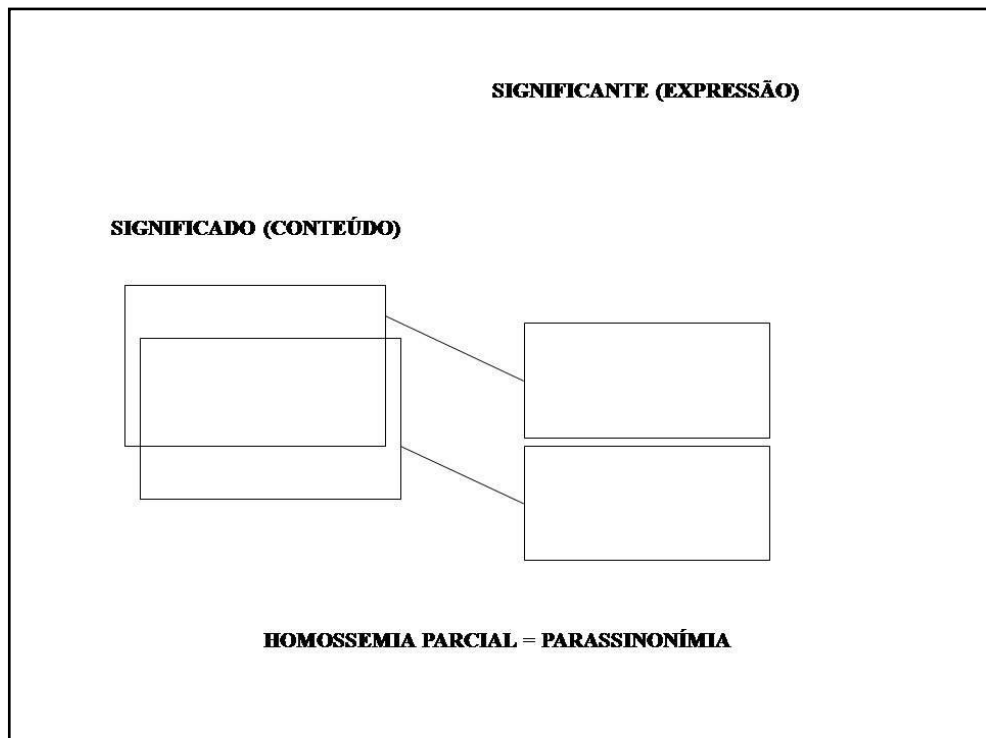


Figura 3 – Representação da parassinonímia segundo Barbosa (1999)  
 Fonte: Barbosa (1999)

Assim, Barbosa (1999) entende que a relação de significação de sinonímia e de parassinonímia apresenta uma relação de dependência.



## 2.2.2 Sinonímia na Terminologia

Retomando os estudos terminológicos, julgamos importante refletir acerca do tratamento dado à sinonímia nesse âmbito. Como vimos, a TGT postulava que para cada conceito deveria haver apenas uma forma, buscando a univocidade dos termos. Segundo Wüster (1998, p. 137), “[...] não deveria haver denominações ambíguas (homônimos e polissemia), nem múltiplas denominações para um mesmo conceito (sinônimos)”<sup>8</sup>. Além disso, Wüster já observava uma diferenciação entre os termos sinônimos. Para ele:

A diferenciação que se faz mais frequente entre sinônimos se baseia nas diferenças entre denotação e conotação, quando estas duas influências não estão separadas. Essa diferença nos leva a distinguir entre sinônimos globais e sinônimos aproximados. Os sinônimos globais simultaneamente sinônimos absolutos e sinônimos sem matiz. Os sinônimos aproximados, por sua vez, podem responder a várias combinações [...]: podem ser sinônimos sem matiz, ou bem sinônimos absolutos e conceitualmente matizados. Os sinônimos aproximados também se denominam quase-sinônimos. A maioria dos sinônimos não são nem absolutos nem globais: só são sinônimos aproximativos. (WÜSTER, 1998, p.138)<sup>9</sup>

Nesse sentido, Wüster assinala a existência de sinônimos, destacando que a maioria deles são sinônimos aproximativos, embora não negue a existência dos sinônimos absolutos.

Por outro lado, a TCT não só reconhece a existência da sinonímia, como também evidencia o aspecto funcional da sinonímia nas linguagens de especialidade, considerando, portanto, a teoria proposta por Wüster como reducionista e idealista. Desse modo, Cabré, ao apresentar os fundamentos de sua teoria, postula, como um dos princípios, a variação. De acordo com esse princípio (o terceiro de sua teoria),

Todo processo de comunicação comporta inerentemente variação, explicitada em formas alternativas de denominação do mesmo conceito (sinonímia) ou abertura significativa de uma mesma forma (polissemia). Este princípio é universal para as unidades terminológicas, embora admita diferentes graus segundo as condições de cada tipo de situação comunicativa. (CABRÉ, 1999, p. 85)<sup>10</sup>

<sup>8</sup>Tradução nossa de: “[...] no debería haber denominaciones ambiguas (homónimos y polissemia), ni denominaciones múltiples para un mismo concepto (sinónimos).”.

<sup>9</sup>Tradução nossa de: “La diferenciación que se hace más frecuentemente entre sinónimos se basa en las diferencias entre denotación y connotación, cuando estas dos influencias no están separadas. Esta diferencia nos lleva a distinguir entre sinónimos globales y sinónimos aproximados. Los sinónimos aproximados, por su parte, pueden responder a varias combinaciones (...): pueden ser sinónimos relativos y sinónimos conceptualmente matizados o sin matiz, o bien sinónimos absolutos y conceptualmente matizados. Los sinónimos aproximados también se denomina cuasi sinónimos. La mayoría de los sinónimos no son ni absolutos ni globales: sólo son sinónimos aproximativos.”.

<sup>10</sup>Tradução nossa de: 3. Principio sobre La variación. “Todo proceso de comunicación comporta inerentemente variación, explicitada en formas alternativas de denominación del mismo concepto (sinonímia) o en apertura significativa de una misma forma (polissemia). Este principio es universal para las unidades terminológicas, si bien admite diferentes grados según las condiciones de cada tipo de situación comunicativa.”.

As condições do *Princípio sobre a variação* levaram ao estabelecimento de algumas nuances para a ocorrência da sinonímia. *Grosso modo*, a TCT considera termos sinônimos quando estes designam um mesmo conceito, e estabelece a seguinte sistematização (CABRÉ, 1993, p. 216):

- sinonímia entre uma denominação e sua definição  
Ex: *párrafo* = *cada una de las divisiones de un escrito, señaladas con letra mayúscula al principio del reglón y punto aparte al final del trozo de escritura.*
- sinonímia entre uma denominação e uma ilustração do mesmo conceito
- sinonímia entre termos equivalentes de línguas diferentes  
Ex: *edifício* = *bâtiment* = *building*
- sinonímia entre denominações de diferente língua funcional  
Ex: *recinto penitenciario* = *prisión* = *chirona*
- sinonímia entre denominações alternativas da mesma língua histórica  
Ex: *pedologia* = *edafología*

Em consonância com a TCT, a TST, que tem como principal representante Termmerman (2001), entende como essenciais fenômenos como polissemia e sinonímia. Para a autora, esses fenômenos são necessários (funcionais) e inevitáveis na terminologia, uma vez que, nos *corpora* de textos estudados sobre a vida e a ciência, a polissemia e a sinonímia são evidentes. Considera, ainda, a polissemia como o resultado da evolução do significado, de pensamentos metafóricos e da reflexão de como o homem vê o mundo, e a sinonímia, como forma de refletir diferentes perspectivas.

A Socioterminologia entende a terminologia como parte integrante das línguas naturais, logo, suscetível a fenômenos linguísticos e sociais. É com base nos trabalhos de Auger e Boulanger que a perspectiva socioterminológica "vem atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas" (BOULANGER *apud* FAULSTICH, 2006, p. 29). A dedicação na elaboração de trabalhos sobre a interface linguística e social da Terminologia gerou proposições como a seguinte tipologia da sinonímia<sup>11</sup>:

---

<sup>11</sup> Tradução nossa de:

1. *synonymie géographique ou régionale;*
2. *synonymie chronologique ou temporelle;*
3. *synonymie de niveau de langue;*
4. *synonymie professionnelle:*
  - *synonymie interprofessionnelle;*
  - *synonymie socioprofessionnelle;*
  - *synonymie interthéorique;*

1. sinonímia geográfica ou regional;
2. sinonímia cronológica ou temporal;
3. sinonímia de nível de língua;
4. sinonímia profissional, que pode ser classificada em:
  - sinonímia interprofissional;
  - sinonímia socioprofissional;
  - sinonímia interteórica;
5. sinonímia funcional, que pode ser classificada em:
  - sinonímia por empréstimo;
  - sinonímia ortográfica;
  - sinonímia sintagmática;
  - sinonímia sintática;
6. sinonímia de concorrência ou sócio-econômica, que pode ser classificada em:
  - sinonímia publicitária;
  - sinonímia genérica/específica;
7. sinonímia frequencial.

(AUGER, 2001, p. 206)

Com a proposição dessa tipologia sinonímica, torna-se evidente a existência da variação, que ultrapassa os limites puramente linguísticos, sendo ocasionada por fatores extralinguísticos de ordem *geográfica*, *cronológica*, *profissional* que é expressa, na terminologia, por meio de fenômenos como a *sinônima*, *homonímia*, *polissemia*.

Koucorek aborda a sinonímia nas línguas de especialidade e define sinônimo terminológico como:

"O termo sinônimo do termo A é um termo formalmente diferente, chamado termo B que, no mesmo sistema terminológico, designa o mesmo *significatum* ou sentido (a mesma noção) que o termo A e que é capaz de ocupar a mesma função sintática." O termo sinônimo do termo A é um termo B que é intercambiável com o termo A no *definiendum* (=definido) de sua definição.<sup>12</sup> (Koucorek, 1984, p.53 *apud* CONTENTE *et al.*, p.3)

Segundo Koucorek, os termos sinônimos são termos formalmente diferentes, entretanto, têm o mesmo sentido. O autor ainda defende que a sinonímia, um dos fenômenos

---

5. *synonymie fonctionnelle*

- *synonymie d'emprunt*;
- *synonymie orthographique*;
- *synonymie syntagmatique*;
- *synonymie syntaxique*;

6. *synonymie concurrentielle ou socio-économique*:

- *synonymie "publicitaire"*;
- *synonymie générique/spécifique*;

7. *synonymie fréquentielle*.

<sup>12</sup>Tradução nossa de: "Le terme synonyme Du terme A est un terme formellement différent, appelé terme B, qui, dans le même système terminologique, désigne le même *significatum* ou sens (La même notion) que le terme A et qui est capable de remplir la même fonction syntaxique". "Le terme synonyme du terme A est un terme B qui est interchangeable avec le terme A dans le *definiendum* (= défini) de sa définition."

essenciais da língua, é caracterizada pela pluralidade de formas ligadas à identidade ou à proximidade de sentido.

Como foi possível observar, a sinonímia é um tema bastante discutido em diversos âmbitos, comportando, inclusive, variações do próprio termo *sinonímia*. No nosso trabalho, entendemos *sinonímia* como a relação entre dois ou mais termos, com sentidos semelhantes e que designam o mesmo objeto de cada grupo sinonímico analisado.

### 2.2.3 Síntese de alguns modelos de tipologia sinonímica

Muitos estudiosos em Terminologia atentaram para o estudo da sinonímia e assim, no âmbito dessa temática, encontramos convergências e divergências que abarcam desde a noção de sinonímia até as tipologias propostas. Desses estudiosos, destacamos, no Brasil, Araújo (2006), e no exterior, Contente e Magalhães (2009) que propuseram classificações diferentes para o estudo da sinonímia.

Araújo (2006, p. 106-107) propõe, em sua tese de doutorado, uma tipologia de sinonímia que considera aspectos formais e semânticos. Com base na Terminologia da Economia, campo do saber para o qual dirige seu trabalho, a autora apresenta as seguintes tipologias, segundo os aspectos:

#### 1) formais:

- Sinonímia entre termos totalmente diferentes:
  - sinonímia entre termos simples;
  - sinonímia entre termos sintagmáticos;
  - sinonímia entre um termo simples e um termo sintagmático;
  - sinonímia entre um termo vernáculo e um termo estrangeiro;
  - sinonímia entre um termo acronímico vernáculo e um termo acronímico estrangeiro;
- Sinonímia entre termos que apresentam alguma semelhança formal:
  - sinonímia entre termos sintagmáticos cujos determinantes adjetivais são diferentes;
  - sinonímia entre termos sintagmáticos cujos determinantes SP (sintagma preposicional) são diferentes;
  - sinonímia entre termos sintagmáticos em que um apresenta determinante adjetival e o outro determinante SP;
  - sinonímia entre termos sintagmáticos cujos determinantes são totalmente diferentes;
  - sinonímia entre termos sintagmáticos cujos determinantes são parcialmente diferentes;
  - sinonímia entre termos sintagmáticos em que um apresenta determinante SP composto (base presa + s) e outro determinante SP sintagmático (adj + s);
  - sinonímia entre termos sintagmáticos em que há a inversão entre os determinantes adjetivais;

- sinonímia entre termos sintagmáticos em que há a inversão entre o determinante adjetival e o determinante SP;
  - sinonímia entre termos sintagmáticos em que um dos termos é expandido e especificado por um determinante SP e outro não;
  - sinonímia entre um termo sintagmático e um termo simples (formado pela elisão do determinando);
  - sinonímia entre um termo composto e um termo sintagmático;
  - sinonímia entre um termo derivado e um termo sintagmático;
  - sinonímia entre termos formados com prefixos diferentes;
  - sinonímia entre termos formados com sufixos diferentes;
  - sinonímia entre termos sintagmáticos cujos determinantes SP são formados com preposições diferentes;
  - sinonímia entre termos sintagmáticos cujos determinantes são formalmente idênticos, mas um constitui determinante SP e o outro determinante substantival, na função de oposto;
  - sinonímia entre termos sintagmáticos em que um dos determinantes SP é antecedido por artigo e o outro não;
  - sinonímia entre termos sintagmáticos em que um é constituído pelo determinante no singular e outro pelo determinante no plural;
  - sinonímia entre termos cuja única diferença é fonético-fonológica;
  - sinonímia entre termos que apresentam mais que uma das diferenças formais descritas acima.
- Sinonímia entre termo sintagmático e acronímico.

## 2) semânticos:

- Sinonímia entre termos com diferentes preposições;
  - Sinonímia entre termos com elemento(s) definido(s) por artigo ou não-definido(s);
  - Sinonímia entre termos com elemento(s) descritivo(s) expresso(s) e termos com elemento(s) descritivo(s) elidido(s);
  - Sinonímia entre termo formado com elemento(s) descritivo(s) e termo formado com elemento(s) não-descritivo(s):
    - sinonímia entre termo descritivo e termo eponímico;
    - sinonímia entre termo sintagmático descritivo e termo formado por sigla e acrônimo;
  - Sinonímia entre termos com elemento(s) descritivo denotativo e termo denotativo metafórico;
  - Sinonímia entre termos com elementos que demonstram diferentes relações de significação:
    - sinonímia entre termos com elementos que entre si apresentam relações de hiperonímia/hiponímia;
    - sinonímia entre termos com elementos que entre si apresentam relações de antonímia;
  - Sinonímia entre termos com elementos descritivos denotativos diferentes.
- (ARAÚJO, 2006, p. 106-107)

Contente e Magalhães (2009), em pesquisa sobre a sinonímia na Medicina, elaboraram um modelo, que pretende dar conta da variedade de construções sinonímicas existentes na terminologia por eles estudada. É o que podemos observar a seguir:

**i) *Sinonímia de formante***, que engloba todos os fenómenos de sinonímia existentes a nível do formante (formas gregas ou latinas) :

<adeno-><ganglio->

**ii) *Sinonímia afixal***, resultante de variantes afixais que dão origem a denominações diferenciadas :

<balantidíase><balantidiose>

**iii) *Sinonímia fonomorfológica***, resultante de variantes fonológicas e fonomorfológicas adoptadas por diferentes escolas ou grupos de especialistas :

<acinésia><aquínésia>

**iv) *Sinonímia gráfica***, resultante de variantes gráficas:

<hiper-alimentação><hiperalimentação>

**v) *Sinonímia de nível* ou *sinonímia diastrática***, resultante de níveis de especialização em que, muitas vezes, um termo-sinónimo pertence à língua corrente:

<azia><pirose>

**vi) *Sinonímia temporal* ou *diacrónica***, quando um termo é considerado envelhecido:

<carcinoma adenoquístico><cilindroma>(desuso)

**vii) *Sinonímia eponímica***, quando há um epónimo ou várias denominações com epónimos diferentes:

<febre de Pontiac><pneumonia de Broad Street>

**viii) *Sinonímia morfossintáctica***, quando existem denominações constituídas por formantes de origem greco-latina com várias distribuições:

<arteriografia coronária><coronariografia><angiografia coronária>

**ix) *Multissinonímia***, quando existem mais do que dois termos para o mesmo conceito. No *corpus* textual observámos a coexistência de sinónimos resultantes de vários factores: usos, escolas e/ou regiões, nível, grafia, transformações em sigla, elipses de vários tipos, decalque do termo inglês e decalque do termo francês:

<alotransplante><transplantehomeoplástico><transplantehomólogo><homoplastia><homotransplante>

**x) *Monotermo/monotermo com diferenciação denominativa***, quando coexistem denominações diferentes:

<bacteriemia><septicemia><sépsis>

**xi) *Denominação complexa e/ou sintagmática com diferenciação sinonímica do formante***, quando existem diferenças de formantes nas denominações complexas ou sintagmáticas:

<iso-imunização><alo-imunização>

**xii) *Monotermo/denominação sintagmática***, em que é frequente encontrarmos um termo com uma denominação sintagmática com constituintes diferenciados:

<cistadenoma><adenomacístico>

**xiii) Diferenciação denominativa sintagmática a nível do determinado ou do determinante**, quando existe uma diferença denominativa a nível do determinado e do determinante:

<crises focais><crises epileptiformes><crises epiléticas>

**xiv) Denominação sintagmática do determinante com ou sem preposição**, quando se verifica uma diferença a nível da construção semântico-sintáctica:

<esclerose múltipla><esclerose em placas>

**xv) Denominação sintagmática/monotermo diferenciado**, resultante da diferença de construção a nível sintáctico e lexical:

<herpes zoster><zona>

**xvi) Denominação sintagmática diferenciada**, resultante da diferença de construção sintagmática semântico-lexical:

<linite plástica><epitelioma cirroso do estômago>

**xvii) Denominação sintagmática eponímica/monotermo**, quando se verifica que existe uma diferença a nível sintagmático resultante muitas vezes da evolução do conceito, o apagamento do elemento eponímico a nível da denominação, revela uma mudança de traços conceptuais do conceito:

<síndrome de Gottron><acrogeria>

**xviii) Denominação sintagmática/monotermo com condensação conceptual**, resultante da diferença de construção a nível morfossintáctico e semântico:

<hormona paratiroideia><paratormona>

**xix) Denominação sintagmática eponímica/denominação sintagmática**, este processo de sinonímia é muito frequente na terminologia da Medicina, o primeiro termo remete para o médico-cientista que o descreveu pela primeira vez, enquanto que o segundo termo descreve o conceito:

<doença de Graves><bócio tóxico-difuso><bócio tireotóxico>

**xx) Denominação sintagmática eponímica / denominação sintagmática por extensão (e/ou precisão) semântica**, quando existem denominações sintagmáticas diferentes a nível lexical e semântico:

<doença de Bouveret><taquicardia auricular paroxística essencial>

**xxi) Denominação sintagmática eponímica/denominação sintagmática por extensão eponímica/denominação sintagmática**, quando existe multissinonímia a nível lexical e semântico:

<ultrasonografia Doppler><velocimetria por ecografia Doppler><velocimetria ultrasónica>

**xxii) Denominação sintagmática eponímica diferenciada**, em que se verifica uma diferença léxico-semântica do epónimo:

<ectodermose pluriorifical de Fiessinger-Rendu><síndrome de Stevens-Johnson>

**xxiii) Denominação sintagmática eponímica diferenciada (epónimotopográfico)/monotermo**, que se verifica quando existe multissinonímia a nível lexical, semântico e morfossintáctico:

<febre de Malta><doença de Bang><brucelose>

**xxiv) Denominação sintagmática eponímica / epónimo terminológico(monotermo)** -existência de uma denominação sintagmática eponímica e de um epónimo terminológico formado por metonímia:  
<doença de Parkinson><parkinsonismo>

**xxv) Denominação sintagmática eponímica / epónimo terminológico (monotermo) /monotermo (diferenciado)**, existência de uma denominação sintagmática eponímica, um epónimo terminológico formado por metonímia e um termo diferenciado a nível lexical:  
<doença de Hansen><hanseníase><lepra>

**xxvi) Denominação sintagmática eponímica/ denominação sintagmática braquigráfica por extensão**, quando se verifica denominação sintagmática a nível lexical, morfossintático e semântico:  
<doença dos Cori><glicogenose tipo III>

**xxvii) Monotermo/ denominação sintagmática braquigráfica por extensão**, diferenciação de denominação a nível lexical, morfossintático e semântico por extensão de conceito:  
<beribéri><avitaminose B1>

**xxviii) Denominação sintagmática / denominação sintagmática braquigráfica**, diferenciação de denominação sintagmática a nível lexical e morfossintático por processo braquigráfico:  
<ácido ascórbico><vitamina C>

**xxix) Denominação sintagmática eponímica/ denominação sintagmática com sigla diferenciada**, quando se verifica denominação diferenciada a nível lexical e semântico por epónimo e sigla:  
<síndrome de Crow-Fukase><síndrome de POEMS>

**xxx) Denominação sintagmática/ denominação sintagmática eponímica por extensão semântica**, diferença por extensão semântica através de uma paráfrase:  
<miatonía atrófica><distrofia miotónica de Steinert>

**xxxi) Denominação sintagmática eponímica / denominação sintagmática eponímica por belipse**, quando a descoberta é feita por vários médicos, por vezes simultaneamente, ao longo do tempo há tendência para uma elipse no interior do próprio termo, permanecendo apenas um epónimo:  
<corpos de Heinz><corpos de Ehrlich-Heinz>

**xxxii) Denominação sintagmática eponímica com diferenciação no conceito e/ou especificação de conceito**, quando se verifica uma explicitação do conceito a nível lexical e ou semântico numa denominação:  
<corpúsculo de Barr><cromatina de Barr>

**xxxiii) Denominação sintagmática eponímica / denominação sintagmática eponímica por precisão (e/ou extensão) semântica**, diferenciação morfossintática da denominação sintagmática eponímica por extensão semântica:  
<doença de Ménétrier><poliadenoma em toalha de Ménétrier>

**xxxiv) Denominação sintagmática/ frase o termo(paráfrase definidora) e/ou por denominação eponímica**, multissinonímia diferenciada de



denominação sintagmática ou paráfrase definidora, a nível lexical e semântico-conceptual:

<coxa plana><osteochondrite deformante infantil da epífise femoral superior><doença de Perthes>

**xxxv) Denominação diferenciada de frase o termo e de sigla**, multissinonímia diferenciada de frase o termo e sigla a nível lexical e semântico:

<capacidade pulmonar utilizável em esforço><CPUE><volume expiratório máximo por segundo><VEMS>

**xxxvi) Denominação diferenciada na especificação do conceito**, multissinonímia diferenciada a nível morfosintático, semântico e conceptual da denominação:

<dengue><febre dos três dias><febre vermelha><febre quebra ossos>

**xxxvii) Monotermo / empréstimo externo (xenotermo)**, denominação diferenciada de termo linguístico e sinónimo de empréstimo semântico externo :<retroacção><feedback>

**xxxviii) Empréstimo formal integral (latim) / monotermo**, sinonímia linguística com empréstimo formal integral e termo:  
<Escherichia coli><colibacilo>

**xxxix) Empréstimo formal integral (latim)/ monotermo (sigla)**, sinonímia linguística com empréstimo formal integral e sigla:  
<truncus arteriosus><TA>

**xl) Denominação sintagmática/ monotermo (sigla)**, quando coexiste uma unidade terminológica sintagmática e uma sigla:

<fecundação in vitro e transferência de embriões>< FIVETE>

**xli) Denominação sintagmática/ monotermo de empréstimo semântico externo (sigla)**, quando se verifica a existência de uma unidade terminológica sintagmática e uma sigla de empréstimo externo:

<hormona adrenocorticotrófica><ACTH>

**xlii) Denominação sintagmática de empréstimo semântico externo/ monotermo de empréstimo semântico externo (sigla)**, quando existem empréstimos semânticos externos com denominação sintagmática e sigla:  
<treponema palidiumhaemglutinationassay><TPHA>

**xliii) Monotermo / sigla braquigráfica**, diferenciação denominativa de termo e sigla braquigráfica:

<Prostaciclina><PGI2>

**xliv) Denominação sintagmática braquigráfica / sigla braquigráfica**, diferenciação entre denominação sintagmática braquigráfica e sigla braquigráfica:

<Tromboxane A2><TxA2>

As duas tipologias apresentam classificações exaustivas acerca da sinonímia encontrada no âmbito da Economia e da Medicina, considerando aspectos formais e semânticos. Desse modo, observamos que a presença desse fenómeno é evidente, mesmo

sendo em áreas com alto nível de especialização, o que para alguns autores pode acarretar problemas na comunicação.

O modelo de Araújo (2006) é dividido em tipologias sinonímicas segundo os aspectos formais e em tipologias sinonímicas segundo os aspectos semânticos. A primeira tipologia possui mais classificações, em relação à segunda. Em nossas análises parciais, foi possível encontrar, no que tange aos aspectos semânticos: *as relações sinonímicas entre termos com elemento(s) descritivo denotativo e termo denotativo metafórico; sinonímia entre termos com elementos que demonstram diferentes relações de significação: como os termos com elementos que entre si apresentam relações de hiperonímia*, apresentados pela autora. Vale lembrar que, embora nosso trabalho dê ênfase aos aspectos semânticos, trouxemos o modelo proposto pela autora, por considerarmos referência para muitos estudos que versam sobre sinonímia, buscando analisar os termos não só no nível semântico, mas nos diferentes níveis linguísticos.

Em seguida, trouxemos o modelo elaborado por Contente e Magalhães (2009), que apresenta 44 classificações para os sinônimos encontrados na Terminologia da Medicina, embora os autores não dividam a sua classificação segundo aspectos formais e semânticos, como foi dividido por Araújo (2006), encontramos, em algumas de suas classificações, relações sinonímicas no nível semântico as quais acreditamos serem produtivas em nosso estudo, como em relação à: *multissinonímia; diferenciação denominativa sintagmática a nível do determinado ou do determinante e denominação sintagmática diferenciada*.

### III. METODOLOGIA

#### 3.1 Caracterização do *corpus* e da metodologia

A metodologia do estudo ora apresentado adota os pressupostos da TCT, que valoriza o aspecto comunicativo das linguagens especializadas, partindo da perspectiva descritiva do termo em situações reais de uso, admitindo a variação conceitual e denominativa do termo, aceitando fenômenos linguísticos como a sinonímia, a polissemia, a homonímia, que podem surgir em situações comunicativas, pragmáticas, em função da diversidade das áreas socioprofissionais do falante, do interlocutor, do nível de especialização, da finalidade, entre outros, promovendo, eventualmente, alterações semânticas dos termos.

Vale ressaltar que consideramos que os termos são signos linguísticos e fazem parte da língua natural. Em outras palavras, linguagens especializadas são expressas por meio da língua natural; desse modo, um termo é uma unidade lexical que pode designar conceitos especializados.

Para a descrição e análise dos termos, levando em consideração a perspectiva descritiva da TCT, fez-se necessária a organização de um *corpus*, pois é por meio dele que é possível extrair os termos e as suas variantes, descrever e analisar as relações semânticas entre os termos e os traços semânticos em diferentes contextos.

Entendemos o conceito de *corpus* segundo a definição de Sinclair (2004), para quem *corpus* “é uma coletânea de textos de língua em formato eletrônico, selecionados de acordo com critérios externos para representar, tanto quanto possível, uma língua ou variação de uma língua, como uma fonte de dados para pesquisa linguística.”<sup>13</sup>.

Com base nessa definição de Sinclair, nosso *corpus* é composto por transcrições de fala das quebradeiras de coco, no que concerne à atividade da quebra do coco babaçu, compreendendo os processos que estão envolvidos desde a coleta até o trato com os produtos oriundos do coco. Tais textos se apresentam em formato eletrônico.

Os textos orais das quebradeiras de coco abarcam uma variedade de termos encontrados em municípios do estado do Maranhão, possibilitando, assim, o acesso a um conjunto de termos que compõem o discurso dessa atividade, em locais em que ela é representativa no Estado.

---

<sup>13</sup>Tradução nossa de: “A *corpus* is a collection of pieces of language text in electronic form, selected according to external criteria to represent, as far as possible, a language or language variety as a source of data for linguistic research.”.

### 3.1.1 Constituição do *corpus*

O *corpus* foi extraído do banco de dados do ALiMA, vinculado ao ALiB.O ALiMA busca investigar as particularidades do português falado no Maranhão em diferentes níveis linguísticos, como o fonético e fonológico, morfossintático e lexical. O Projeto conta também com a vertente de Produtos Extrativistas e Agroextrativistas Maranhenses – área na qual esta pesquisa se insere, com o produto *Babaçu*. Os dados foram recolhidos por meio da aplicação do questionário semântico-lexical (QSL)<sup>14</sup>.

Os dados da pesquisa são constituídos de textos orais, extraídos da fala das quebradeiras de coco babaçu, obtidos por meio da aplicação do QSL, em sete municípios maranhenses: Buriti, Cantanhede, Itapecuru, Presidente Vargas, São Bento, Vargem Grande e Viana, somando o total de 10 informantes, identificados por meio de um código que apresenta as seguintes informações: as primeiras letras representam as iniciais dos seus nomes, seguidas dos números que indicam a ordem dos informantes e das iniciais do nome do município, como podemos observar na descrição a seguir.

- Buriti:  
   Inf: D.M.S\_01B  
   Inf: M.D.A.S\_02B  
   Inf: M.F.C\_03B
- Cantanhede  
   Inf: M.V. S\_01C
- Itapecuru Mirim  
   Inf: M.B.R\_01IM
- Presidente Vargas  
   Inf: G.A.S\_01PV  
   Inf: L.B\_02PV
- São Bento  
   Inf: M.R.C\_01SB
- Vargem Grande  
   Inf: M.L.M.A\_01VG
- Viana  
   Inf: M.L.V.A\_01V

---

<sup>14</sup> Cf. Anexo 1.

Os municípios foram escolhidos de acordo com a distribuição da produção de babaçu, em toneladas, abrangendo os cinco níveis de produção de coco babaçu no Maranhão. Convém, contudo, esclarecer que, como trabalhamos com o banco de dados do ALiMA, Projeto que conta com uma rede significativa de pontos linguísticos, foi possível considerar mais de cinco localidades, razão por que temos mais de um município para um mesmo nível de produção. As localidades com maior produção de coco babaçu podem apresentar maior número de variantes, por conta do contato com técnicos que promovem palestras e orientam sobre modos de beneficiamento do coco e, conseqüentemente, influenciam a fala das quebradeiras. A escolha dos municípios distribuídos nos cinco níveis de produção também permite, em trabalhos futuros, contrastar os termos e auxiliar na análise dos dados.

Observemos a Figura 4 e as Tabelas 3 e 4, que especificam a quantidade em toneladas da produção de coco babaçu nos municípios maranhenses investigados.

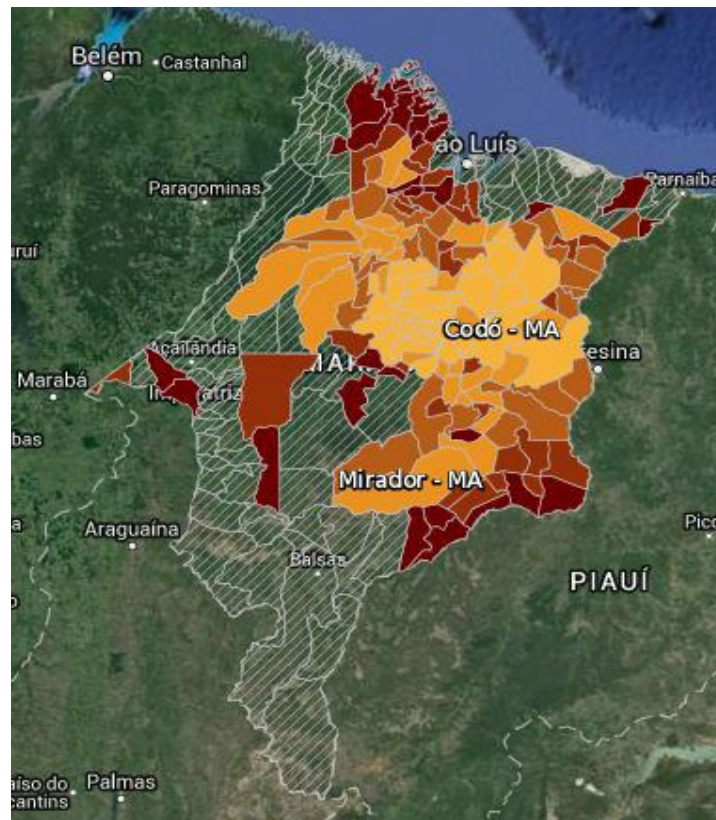


Figura 4 – Mapa do Maranhão com a distribuição da produção do babaçu em toneladas.  
 Fonte: IBGE – Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura, 2014 (cartografia do Sistema do IBGE de Recuperação automática – SIDRA)






<b>Nível Territorial = Município</b>		
<b>Variável = Quantidade produzida na extração vegetal (Toneladas)</b>		
<b>Ano = 2014</b>		
<b>Tipo de produto extrativo = 8.1 - Babaçu (amêndoa)</b>		
<b>Cor</b>	<b>De</b>	<b>Até</b>
	<b>0</b>	<b>11</b>
	<b>12</b>	<b>73</b>
	<b>74</b>	<b>299</b>
	<b>300</b>	<b>890</b>
	<b>891</b>	<b>5.306</b>
<b>//////</b>	<b>Ausência de dados, (-) ou valor desidentificado</b>	

Figura 3 – Legenda do Mapa 2

Fonte: IBGE - Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura








<b>Variável = Quantidade produzida na extração vegetal (Toneladas)</b>		
<b>Nível Territorial = Município</b>		
<b>Tipo de produto extrativo = 8.1 - Babaçu (amêndoa)</b>		
<b>Ano = 2014</b>		
<b>Nome</b>	<b>Valor</b>	<b>Cor</b>
<b>Buriti - MA</b>	<b>110</b>	
<b>Cantanhede - MA</b>	<b>73</b>	
<b>Itapecuru Mirim - MA</b>	<b>556</b>	
<b>Presidente Vargas - MA</b>	<b>465</b>	
<b>São Bento - MA</b>	<b>8</b>	
<b>Vargem Grande - MA</b>	<b>4.679</b>	
<b>Viana – MA</b>	<b>235</b>	

Tabela 4 – Distribuição da produção de babaçu em toneladas nos municípios do Maranhão

Fonte: IBGE - Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura

Após a seleção das localidades a serem investigadas, seguimos para a aplicação do questionário. Foram selecionados informantes com o seguinte perfil:

- idade: maiores de 18 anos que trabalham com o coco babaçu há pelo menos cinco anos<sup>15</sup>;
- naturalidade: pessoas naturais das localidades pesquisadas ou que nelas residam por mais de um terço de sua vida. Convém destacar que esse critério é uma forma de tentar registrar marcas/lexias características que fazem parte da realidade das localidades investigadas, no âmbito do Estado.

Como instrumento de pesquisa, utilizamos:

- Questionário Semântico-lexical (QSL)<sup>16</sup>, que é composto por cinquenta e quatro perguntas, distribuídas em quatro campos semânticos: morfologia da árvore, instrumentos, colheita e beneficiamento e produtos oriundos do coco.
- Ficha do Informante<sup>17</sup>, que compreende dados de identificação do informante (nome, idade, profissão, naturalidade, escolaridade), informações sobre a religião, contato com os meios de comunicação, participação em diversões, dados sobre a entrevista (ambiente, duração, data do inquérito, caracterização psicológica do informante).

A aplicação do questionário foi gravada por meio de um gravador digital. Utilizamos, também, câmeras digitais para registrar objetos e lugares relacionados com a pesquisa. Os dados sonoros gravados são armazenados no banco de dados do Projeto ALiMA.

A transcrição dos dados é ortográfica<sup>18</sup>. A seguir, apresentamos o trecho de uma das entrevistas:

*INQ - Como é que se chama a parte onde os cocos ficam pendurados?*

*INF - Cacho de coco.*

*INQ - Tem outro nome ou todo mundo chama de cacho?*

---

<sup>15</sup>O perfil dos informantes segue a orientação do Projeto ALiMA, que considera quatro informantes por localidade, exceto na capital, São Luís, onde são considerados oito informantes dos quais quatro são universitários. Os informantes são distribuídos igualmente pelos dois sexos – masculino e feminino –, duas faixas etárias – faixa I, de 18 a 30 anos, e faixa II, de 50 a 65 anos. Entretanto, para este trabalho, o fator faixa etária não é relevante, uma vez que não objetivamos contrastar os termos usados pelas quebradeiras. A idade mínima de 18 anos é mantida, entretanto, não estabelecemos uma idade limite, já que o foco da pesquisa é investigar os termos usados em toda atividade que compreende a quebra do coco, não sendo, portanto, imprescindível que o informante ainda esteja trabalhando com o coco.

<sup>16</sup>(Cf. Anexo 1)

<sup>17</sup>(Cf. Anexo 2)

<sup>18</sup>Considerando que nossa pesquisa tem como foco o léxico, adotamos, diferentemente do que faz o ALiMA, a transcrição ortográfica, levando em conta a variedade culta do português falado no Maranhão. Portanto, foram consideradas apenas a variação denominativa.

*INF - Não. Só cacho mesmo.*

*INQ - E como é que se chama aquela parte do coco que prende o coco no cacho?*

*INF - Que segura o coco? Aquela cachopazinha.*

*INQ - Tem outro nome?*

*INF - Não. Só cachopa mesmo.*

*INQ - E aquela parte que forma tipo uma canoa que sai junto com o cacho? Como chama aquilo?*

*INF - É o pendão do coco.*

*INQ - Tem outro nome?*

*INF - Não.*

(Inf: M.L.M.A\_01VG)

As entrevistas têm duração entre 24 minutos e uma hora, somando o total de sete horas e 44 minutos, constituindo um *corpus* com 70.148 palavras.

### **3.1.2 Extração dos termos e formação do repertório terminológico**

Após as transcrições das entrevistas, a extração dos termos foi feita de forma manual e automática. Antes de processar as transcrições em formato *txt* no programa computacional, lemos todas as entrevistas, selecionando os candidatos a termos com base nos contextos e na importância do termo para a atividade da quebra do coco, observando os termos que são característicos dessa atividade e os termos que fazem parte da língua geral, mas que recebem outro sentido no contexto analisado. Essa etapa manual foi importante para maior aproximação com o domínio investigado, possibilitando uma seleção qualitativa dos termos.

Em seguida, lançamos mão do programa *Antconc* para buscar os termos mais frequentes e os contextos em que aparecem, para então elaborar a lista de termos. Desse modo, pudemos comparar as listas elaboradas manualmente com aquelas geradas pelo programa e, ainda, constatar a validade dos termos.

Os procedimentos adotados foram importantes para a identificação de termos que, se processados somente no programa, não seriam incluídos, por aparecerem poucas vezes, tendo, portanto, baixa frequência.

Entendemos que privilegiar apenas os termos com maior número de ocorrência não nos permitiria registrar alguns termos peculiares, alguns deles com baixa ocorrência ou que só aparecem uma vez, mas que, nem por isso, são menos importante para a nossa pesquisa; pelo



contrário, os *hapax* mostram o quanto esse termo está ligado a uma realidade particular, a uma forma de entender esse universo por meio da visão das quebradeiras de coco.

### 3.1.3 Seleção dos conjuntos sinonímicos

Após a recolha e a identificação dos termos, criamos critérios para selecionar os grupos sinonímicos que de fato seriam analisados nesta dissertação.

Os grupos sinonímicos são constituídos pelos termos principais e seus respectivos sinônimos. Para eleger o termo principal de cada grupo sinonímico, consideramos o critério da frequência, ou seja, o termo mais utilizado no *corpus*. Entretanto, nos casos em que em um grupo sinonímico há mais de um termo com a mesma frequência, optamos por eleger como termo principal o termo mais transparente, de maior precisão (menos opaco).

Apresentamos, a seguir, um caso de seleção do termo principal pelo critério de maior precisão:

⇒ *água da palmeira* ~ *aguinha amarela*: neste caso, ambos os termos obtiveram a mesma frequência, entretanto o termo *água da palmeira* é preferível em relação a *aguinha amarela*, um vez que este último (*aguinha amarela*) é mais opaco por não conter, em nenhum componente do sintagma, termos que fazem referência ao universo do babaçu, diferentemente do primeiro, em que está presente o determinante *palmeira*. Nesse sentido, o termo *água da palmeira* é mais claro e preciso para designar a água que sai do tronco da palmeira quando cortada.

Inicialmente, transpusemos para uma planilha no programa *Excel* todos os termos encontrados do universo terminológico com que ora trabalhamos; em seguida, buscamos as variantes dos termos principais. Esse procedimento gerou 46 conjuntos sinonímicos. Para efetuar a delimitação dos conjuntos a serem analisados, consideramos dois critérios:

- 1º critério: não inclusão de conjuntos sinonímicos cuja relação entre os termos seja dada por aspectos formais, ou seja, de ordem morfológica, privilegiando assim os aspectos semânticos dos termos sinônimos.

Exemplo: *pilão/pilãozinho*. Neste exemplo, os sinônimos são motivados por aspectos formais. O termo sinônimo do conjunto se dá pelo uso da forma diminutivo do termo principal.

- 2º critério: não inclusão de conjuntos sinonímicos que são formados por termos que constituem sintagmas verbais.

Exemplo: *abrir a palha/ debulhar a palha/ distalar a palha/ escalar a palha/ estalar a palha.*

Após a aplicação dos critérios apresentados, chegamos a um total de 25 grupos sinonímicos, abarcando o total de 72 termos.

Partimos, então, para a identificação dos processos que motivam a sinonímia nos grupos selecionados.

### 3.1.4 Identificação e classificação dos processos semânticos motivadores das sinonímias

Para identificação dos possíveis processos que motivaram o aparecimento dos termos sinônimos nesta pesquisa, realizamos análises preliminares dos conjuntos sinonímicos selecionados. Essa análise preliminar nos permitiu classificar as motivações em quatro processos: metafóricos, metonímicos, hiperonímicos/hiponímicos e holonímicos/meronímicos.

Para a classificação dos processos que motivaram a sinonímia, organizamos os grupos sinonímicos em uma tabela no programa *Excel*, dividindo-a em colunas com os seguintes campos:

- coluna 1: todos os 25 grupos sinonímicos;
- coluna 2: termos sinonímicos motivados por processos metafóricos.  
Exemplo: *mesocarpol fubá*;
- coluna 3: termos sinonímicos motivados por processos metonímicos.  
Exemplo: *lágrima da palmeiral choro da palmeira*;
- coluna 4: termos sinonímicos motivados por elementos que, entre si, apresentam relações de hiperonímia/ hiponímia.  
Exemplo: *cocol/babaçu*;
- coluna 5: termos sinonímicos motivados por elementos que, entre si, apresentam relações de holonímia/meronímia.  
Exemplo: *palmeiral/cocal*.

Assim, foi possível selecionar os grupos sinonímicos de acordo com os processos que motivam a sinonímia na terminologia do babaçu. Essa disposição dos dados facilitou a consulta e a manipulação dos termos no momento da análise.

### 3.2 Programas computacionais

Como já afirmamos anteriormente, na etapa de reconhecimento e seleção dos termos, utilizamos o programa *AntConc 3.4.4*<sup>19</sup>. Outro programa utilizado foi o *CmapTools*<sup>20</sup>, muito útil na construção dos micromapas conceituais que representam os conjuntos sinonímicos. A seguir, apresentaremos detalhadamente cada um deles.

#### 3.2.1 *AntConc 3.4.4*

O *AntConc* é um programa computacional gratuito, desenvolvido por Laurence Anthony, da Universidade de Waseda, no Japão. O programa consiste em um conjunto de ferramentas para análise de *corpus*. O *AntConc* possui sete ferramentas que podem ser acessadas clicando nas abas como evidencia a Figura 5. São elas: *concordance*, *concordance plot*, *file view*, *clusters/n-grams*, *collocates*, *wordlist* e *keywordlist*.

---

<sup>19</sup> <http://www.laurenceanthony.net/software.html>

<sup>20</sup> <http://cmap.ihmc.us/>

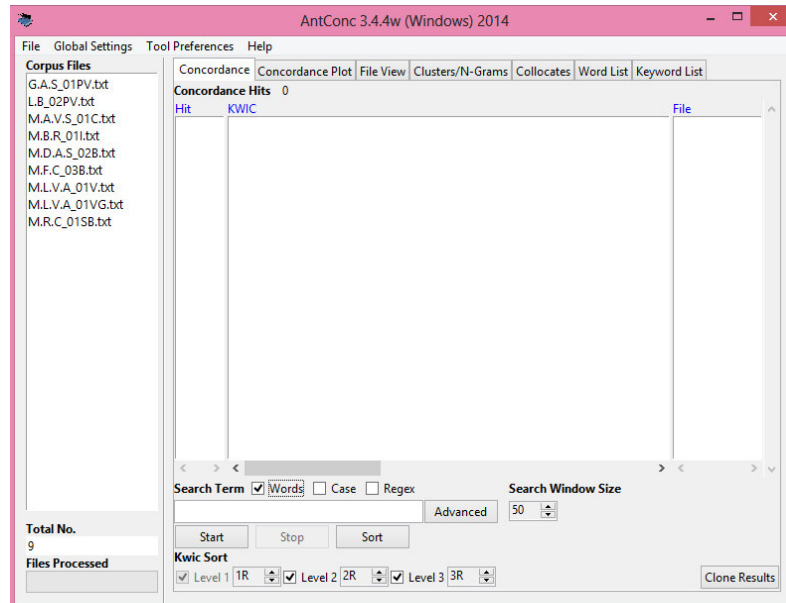


Figura 5 – Interface do programa *Antconc 3.4.4*  
Fonte: elaborada pela autora

O *concordance* apresenta os resultados da pesquisa no formato *KWIC*, ou seja, *KeyWords In Context*. Isso significa que a palavra buscada (a palavra-chave) aparece no centro de um contexto cujo tamanho é delimitado pelo usuário, permitindo que vejamos o que vem antes e depois dos termos buscados.

A ferramenta *concordance plot* mostra os resultados da pesquisa de concordância representados num formato de código de barras. Isso nos permite ver a posição em que os termos procurados aparecem nos textos selecionados. A ferramenta também permite a visualização dos arquivos em que aparece o termo pesquisado e em que parte do texto eles se encontram. Já a ferramenta *file view* mostra o texto completo de cada arquivo individualmente. Essa visualização completa do texto permite a investigação mais detalhada dos resultados gerados em outras ferramentas do *AntConc*, como nas ferramentas *concordance* e *concordance plot*.

A ferramenta *clusters* permite a busca das palavras pesquisadas juntamente com as palavras que estão à direita e à esquerda do termo de pesquisa. Essa ferramenta resume os resultados gerados pelas ferramentas *concordance* e *concordance plot*. O *n-grams* permite a busca de uma ou mais palavras, bem como frases e expressões presentes nos textos.

A ferramenta *collocates* mostra a relação que as palavras pesquisadas estabelecem com outros elementos do texto. As palavras podem ser ordenadas com base na frequência total, tanto pela frequência à esquerda ou à direita do termo de pesquisa como no início ou no final do termo de pesquisa. Essa ferramenta permite, ainda, apresentar o grau de

relacionamento que se estabelece entre o termo de pesquisa e os outros elementos que com ele se combinam.

A ferramenta *wordlist* conta todas as palavras do *corpus* e as apresenta em forma de lista, permitindo encontrar rapidamente os candidatos a termos por meio da frequência ou por ordem alfabética, e a ferramenta *keywordlist* permite a seleção de itens de uma lista de palavras por meio da comparação de suas frequências com uma lista de referência, obtida por meio de um *corpus* geral de língua, por exemplo.

Para este trabalho, utilizaram-se apenas as ferramentas *wordlist* e *concordance*. Os inquéritos transcritos foram processados nas referidas ferramentas, as quais possibilitaram a seleção mais acelerada dos termos e permitiram uma análise mais completa, proporcionando observar quais termos aparecem com maior frequência nos inquéritos e em que contexto os termos aparecem.

A ferramenta *wordlist*, como já mencionado, conta todas as palavras do *corpus* e as apresenta em forma de lista, como podemos observar na Figura 6.

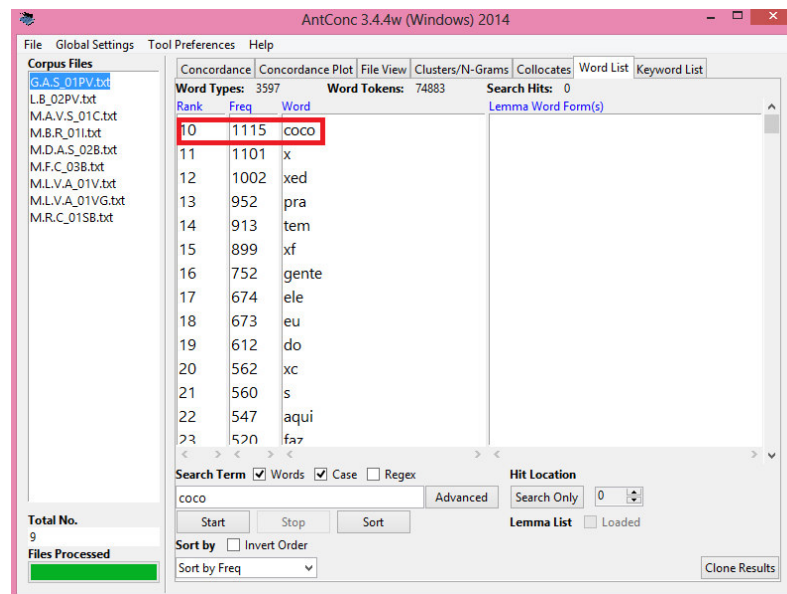


Figura 6 – Interface da ferramenta *wordlist*

Fonte: elaborada pela autora

O termo *coco* foi o primeiro candidato a termo encontrado e o mais frequente no *corpus*. Essa ferramenta também permite encontrar termos por menor frequência. Desse modo, selecionamos todos os candidatos a termos por meio da lista gerada pela ferramenta.

Em seguida, observamos cada candidato a termo em contexto, por meio da ferramenta *concordance*, como podemos observar na Figura 7, que apresenta o termo *coco* como a unidade léxica central, ou a palavra-chave.

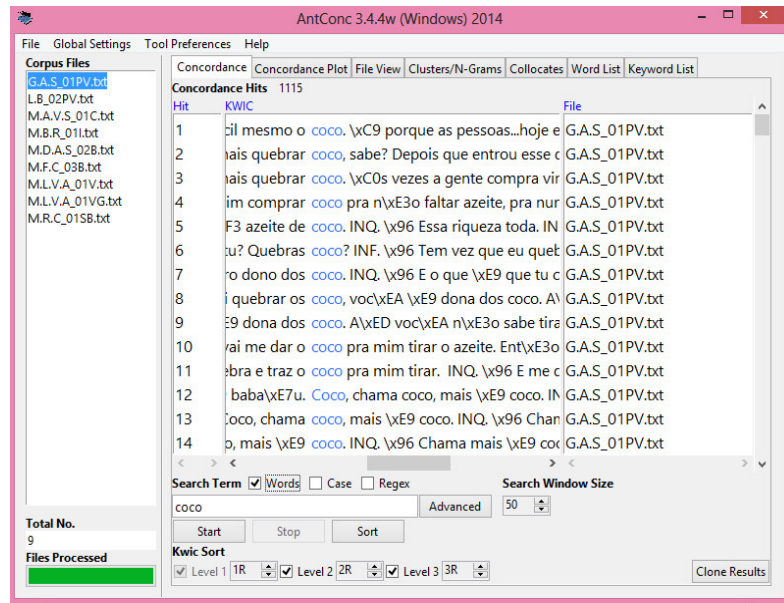


Figura 7 – Interface da ferramenta *concordance*

Fonte: elaborada pela autora

Depois da manipulação do *corpus* por meio das ferramentas *wordlist* e *concordance*, procedemos com a seleção dos grupos sinônimos e a identificação/classificação dos processos semânticos motivadores das sinônimas, conforme descrevemos anteriormente.

### 3.2.2 *CmapTools*

Para a melhor visualização dos termos e seus sinônimos e os processos que motivam a sinônima neste estudo, criamos o que denominamos micromapas conceituais no programa *CmapTools*.

O *CmapTools* é um programa computacional gratuito, disponível na internet, dedicado à confecção de mapas conceituais, aqui entendidos como ferramentas gráficas que servem para organizar e representar o conhecimento. É o resultado de uma pesquisa realizada no *Florida Institute for Human & Machine Cognition (IHMC)*. O programa oferece diversas funcionalidades que se assemelham a um organograma, como podemos observar na Figura 8.

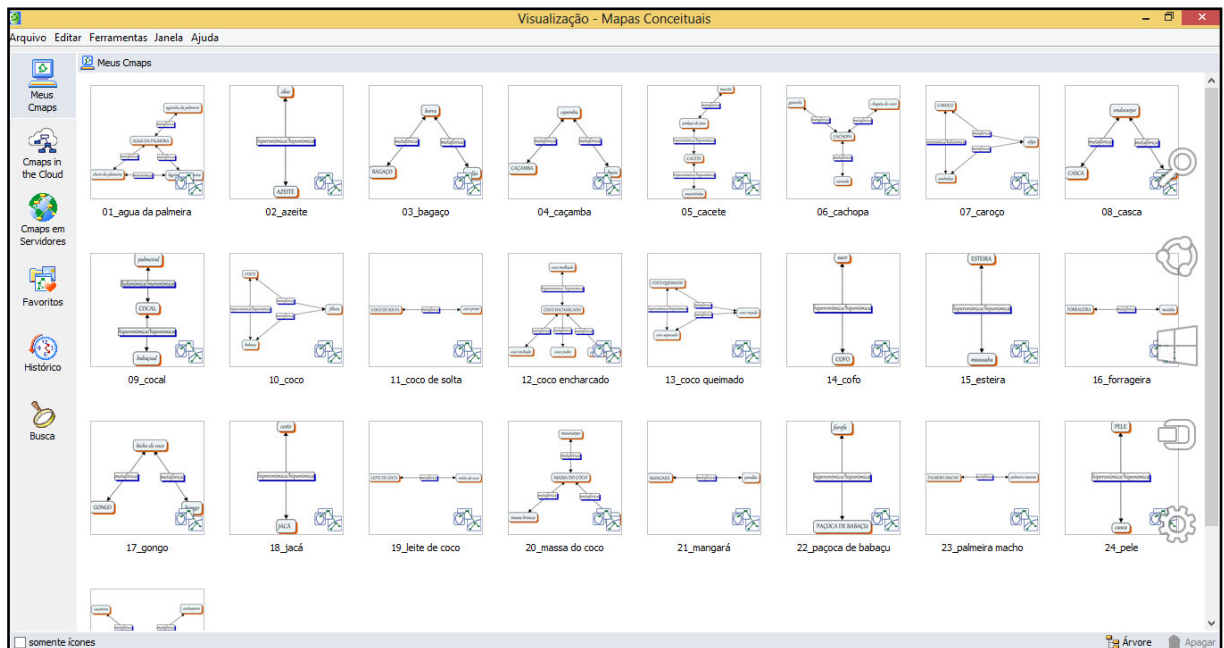


Figura 8 – Interface do *Cmap Tools* com a visualização dos mapas conceituais armazenados

Fonte: elaborada pela autora

O programa permite incluir conceitos, geralmente disponibilizados em círculos ou caixas. As relações entre os conceitos são indicadas por linhas de conexão que podem montar vínculos entre eles e ainda descrever as relações que esses termos mantêm entre si.

Outra característica importante do *Cmap Tools* é a possibilidade de inclusão de ligações cruzadas, com várias direções. Esses relacionamentos ou ligações entre conceitos ajudam a observar como um conceito pode manter vínculos com relações diferentes em um mesmo conjunto. Essa é uma característica de fundamental importância para o nosso trabalho, uma vez que lidamos, às vezes, com um único processo que motiva as relações sinonímicas entre dois ou mais termos, como nos mostra a Figura 9.

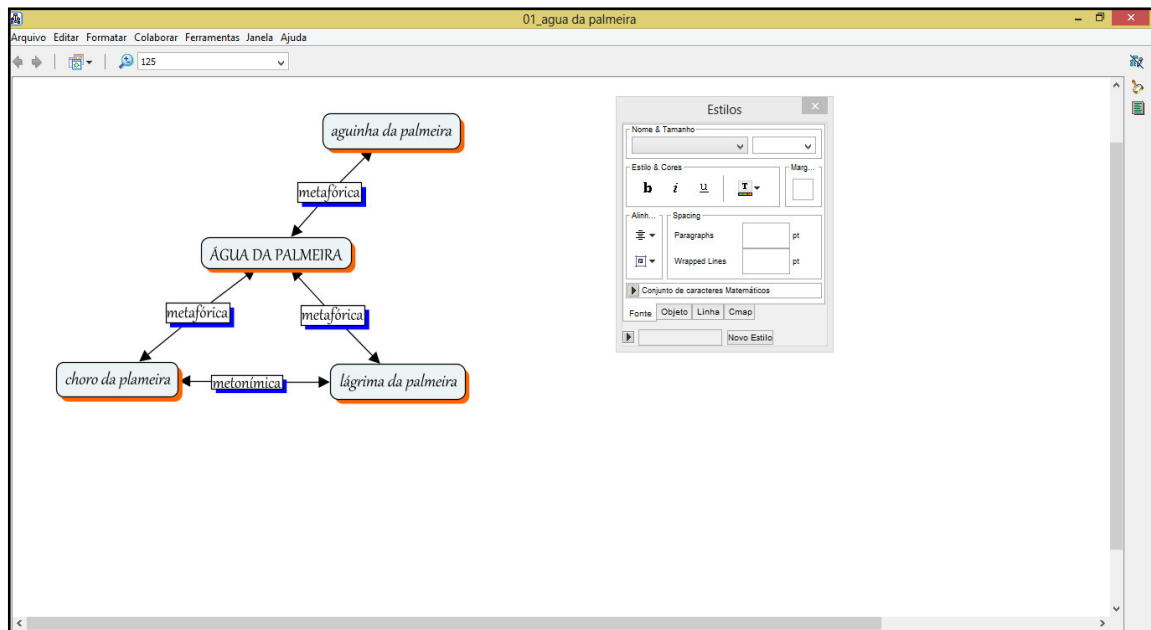


Figura 9 – Interface do editor de mapas conceituais  
Fonte: elaborada pela autora

A possibilidade de trabalhar com *corpus* contribuiu de forma significativa nas etapas metodológicas desenvolvidas no nosso trabalho. O auxílio de ferramentas computacionais permitiu aperfeiçoar o trabalho manual de compilação dos dados, extração, seleção dos termos e análise de contextos, de forma ágil e eficaz, com base nos critérios apresentados neste capítulo.

Da mesma forma, o uso do *CmapTools* foi imprescindível na etapa de criação dos micromapas conceituais em que evidenciamos termos sinônimos bem como os tipos de relações sinônimas.

Com isso, aliamos o trabalho manual às ferramentas que agilizam o trabalho terminológico.



## IV. OS DADOS: análise dos termos sinônimos no universo terminológico do babaçu

### 4.1. Alguns esclarecimentos

Em função da melhor compreensão das análises, trouxemos alguns esclarecimentos no que tange aos dicionários utilizados para embasar as análises e à disposição dos termos que formam os grupos sinonímicos nas figuras apresentadas no item 4.2.

Por isso, partindo dos esclarecimentos de uso dos dicionários, salientamos a necessidade de buscar o registro de alguns termos em diversos dicionários, uma vez que as definições de alguns termos encontradas nessas obras, muito embora não tenham a mesma acepção no universo da terminologia do babaçu, facilitam a compreensão/associação dos termos sinônimos, cujos conceitos, muitas vezes, apresentam características que estabelecem intersecção com os conceitos apresentados na terminologia ora estudada. Além disso, com a pesquisa em dicionários, pudemos ainda encontrar a etimologia dos termos. A pesquisa etimológica foi imprescindível para entendimento de alguns termos, sobretudo, em relação àqueles que são de origem indígena ou africana.

O acesso a dicionários tornou a análise dos termos mais rica e consistente. Entretanto, o desafio de encontrar alguns termos registrados nos dicionários gerais da língua portuguesa nos fez buscar uma maior variedade de tipos de dicionários— gerais da língua portuguesa, etimológicos, específicos – e ainda vocabulários regionais.

Para uma melhor leitura do texto que trata das análises, elaboramos siglas para cada um dos dicionários utilizados (*cf.* Lista de abreviaturas e siglas).

Nessa direção, apresentamos a seguir os dicionários utilizados na análise.

#### a) Dicionários gerais da língua portuguesa

- Dicionario de Língua Portuguesa (1922)
- Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa (1996)
- Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (1998)
- Dicionário UNESP do Português Contemporâneo (2004)
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009)
- Novíssimo Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (2011)

#### b) Dicionários etimológicos

- Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa – Nascentes (1955)
- Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa – Machado (1990)

- Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa (1996)
- Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana (2011)
- Dicionário Etimológico do Português Arcaico (2013)

c) Dicionários específicos

- Caderno de Termos Aplicados à Agricultura (1970)
- Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi (1989)
- Dicionário de Termos Linguísticos (1992)
- Dicionário Banto do Brasil (1993-1995)
- Dicionário Rural do Brasil (2003)
- O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia (2013)
- De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa (2014)

d) Vocabulários regionais

- A Linguagem Popular do Maranhão (1979)
- Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro (2001)
- Tupi Antigo: a língua indígena clássica do Brasil (2013)

Considerando a organização dos grupos sinonímicos e a disposição dos termos nos micromapas conceituais criados por meio do programa computacional *CmapTools*, como visto no capítulo anterior, apresentamos algumas orientações para identificação dos termos principais e dos termos sinônimos nas figuras apresentadas nas análises, a saber:

- 1º: os retângulos com bordas arredondadas com sombras de cor laranja representam os termos;
- 2º: os retângulos com sombras azuis representam o tipo de processo de relação sinonímica estabelecido, estando a tipologia do processo grafada com letras minúsculas;
- 3º: o termo principal em cada micromapa conceitual está grafado com letras maiúsculas;
- 4º: os termos sinônimos encontram-se em letras minúsculas e em itálico;
- 5º: as flechas que apontam para duas direções indicam que a relação entre os termos é bidirecional;
- 6º: os conjuntos sinonímicos estão organizados em ordem alfabética dos termos eleitos como principais.

Feitos os esclarecimentos, entendemos que agora podemos avançar para a análise dos conjuntos sinonímicos a serem apresentados a seguir.

#### 4.2. Conjuntos sinonímicos

Analisamos 25 conjuntos sinonímicos, que somam o total de 72 termos. São eles:

**Conjunto 1. Água da palmeira:** aguinha amarela, choro da palmeira, lágrima da palmeira

No conjunto1, podemos estabelecer duas relações sinonímicas, motivadas por dois processos fundamentais. São eles: (i) metafóricas – *água da palmeira/ choro da palmeira*; *água da palmeira/ lágrima da palmeira*; *água da palmeira/aguinha amarela* – e (ii) metonímico – *choro da palmeira/lágrima da palmeira*, como podemos observar na Figura 10.

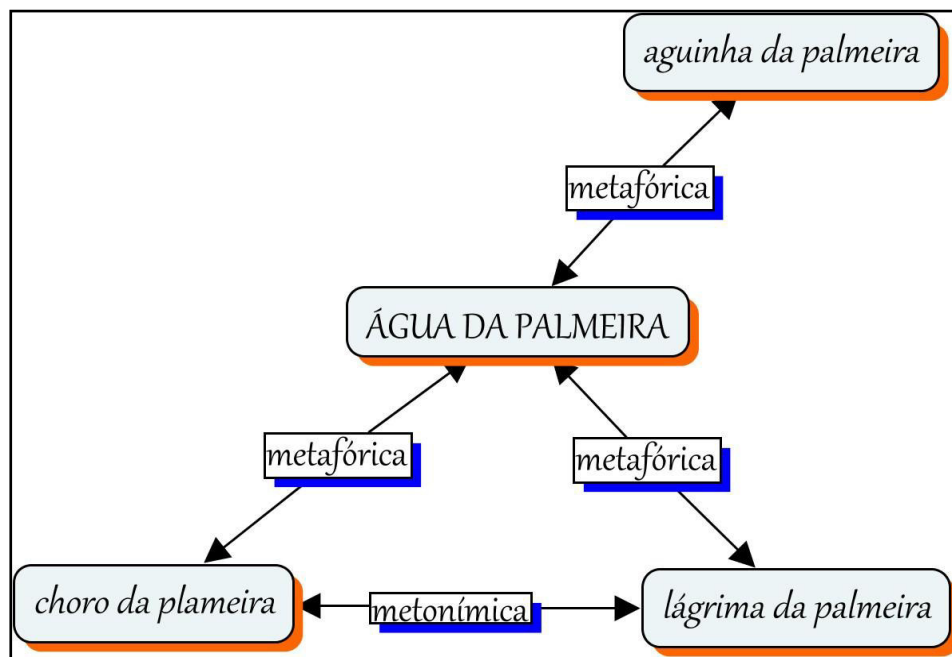


Figura 10 – Relações sinonímicas do conjunto *água da palmeira*

Fonte: elaborada pela autora

Em se tratando das relações metafóricas, é importante comentar que essa relação se dá entre as bases dos sintagmas terminológicos apresentados no parágrafo anterior. Desse modo, a metáfora está presente nos termos *choro* e *lágrima*, em relação ao termo *água*. Na terminologia do babaçu, segundo as quebradeiras, esse grupo sinonímico significa o líquido que jorra quando o tronco da palmeira de babaçu é cortado. Se buscarmos o sentido

denotativo, nos dicionários gerais da língua, como o DHLP (p. 72), o termo *água* é conceituado como “substância (H<sub>2</sub>O) líquida e incolor...” ou, numa outra acepção, como “líquido que corre das árvores quando feridas ou queimadas”. O conceito utilizado pelas quebradeiras e o registrado no DHLP apresentam traços que estabelecem intersecção na estrutura conceitual entre *choro* e *lágrima*. O termo *choro*, segundo as quebradeiras de coco, é utilizado por meio da associação entre o homem e o vegetal, assim como um corte em humanos causa a sensação de dor, da mesma forma acontece com a palmeira quando cortada no tronco. O conceito de *choro* está centralizado no conceito base apresentado no termo *água*: a água jorrada do tronco da palmeira, com a adição de características mais específicas, como pranto, dor, lágrimas, que estão relacionadas com a personificação da palmeira.

Ainda tratando das relações metafóricas, o par *água da palmeira/aguinha amarela* mantém esse tipo de relação por meio do determinante do sintagma *aguinha amarela*. Neste caso, para se referir ao líquido que sai da palmeira, a quebradeira utiliza características relacionadas com a cor do líquido, *amarela*. Esse adjetivo faz com que o termo abrigue traços além dos presentes no termo *água da palmeira*, podendo, assim, o sintagma *aguinha amarela* também ser reconhecido por este traço. Em outras palavras, uma *aguinha amarela*, nesse universo, é a *água da palmeira*.

Neste conjunto, podemos ainda destacar a relação entre os sinônimos *choro da palmeira/lágrima da palmeira* motivada pelo processo metonímico, tomando como referência novamente as bases dos sintagmas. Partindo da ideia de que a metonímia consiste em empregar um termo no lugar do outro, numa relação de contiguidade, havendo entre esses termos aproximação, afinidade de seus conceitos, aqui teríamos algo como o resultado pelo processo – *lágrima* é o resultado do processo *choro*, é aquilo que sai do choro. Com isso, ao utilizar o termo *lágrima*, é possível inferir automaticamente *choro*.

## **Conjunto 2. Azeite: óleo**

O conjunto 2 apresenta termos sinônimos que possuem a relação hierárquica de hiperonímia/hiponímia: *óleo/azeite*. A Figura 11 nos mostra essa relação.

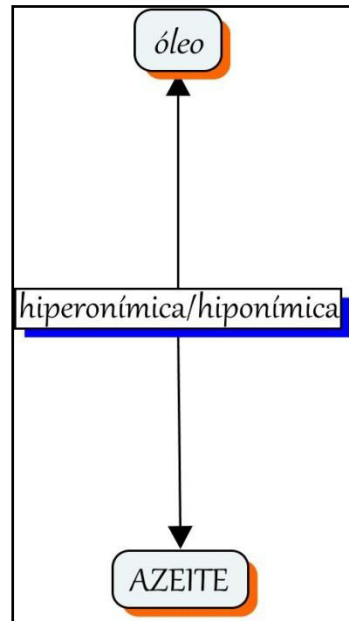


Figura 11 – Relação sinonímica do conjunto *azeite*

Fonte: elaborada pela autora



Figura 12 – Foto do *azeite*

Fonte: Projeto ALiMA

Os termos sinônimos *azeite/óleo* se estabelecem por relação hierárquica, pois possuem conceitos subordinados. A subordinação se dá pela relação hiperonímia/hiponímia que implica a subordinação de um termo mais específico a um termo mais genérico.

Para as quebradeiras, *azeite/óleo* é a substância líquida e oleosa, extraída do coco babaçu. Nesse sentido, no par *azeite/óleo*, o termo mais amplo é *óleo* e o mais específico, *azeite*. De acordo com nossas pesquisas em dicionários, no DCLP, *óleo* é a “Substância líquida gordurosa extraída de vegetais, animais e minerais” (p.990), e *azeite*, “óleo extraído da azeitona” (p. 187). Desse modo, *azeite* é um tipo de *óleo*, pois *óleo* possui o conceito mais amplo, podendo ser extraído não só de vegetais, mas de animais e minerais, enquanto *azeite*

se restringe, na primeira acepção do DCLP, ao óleo extraído da azeitona, portanto, de um vegetal.

### Conjunto 3. Bagaço: borra, ralão

No conjunto 3, observamos duas relações metafóricas, são elas: *borra/bagaço* e *borra/ralão*. Podemos observar essas relações na Figura 13.

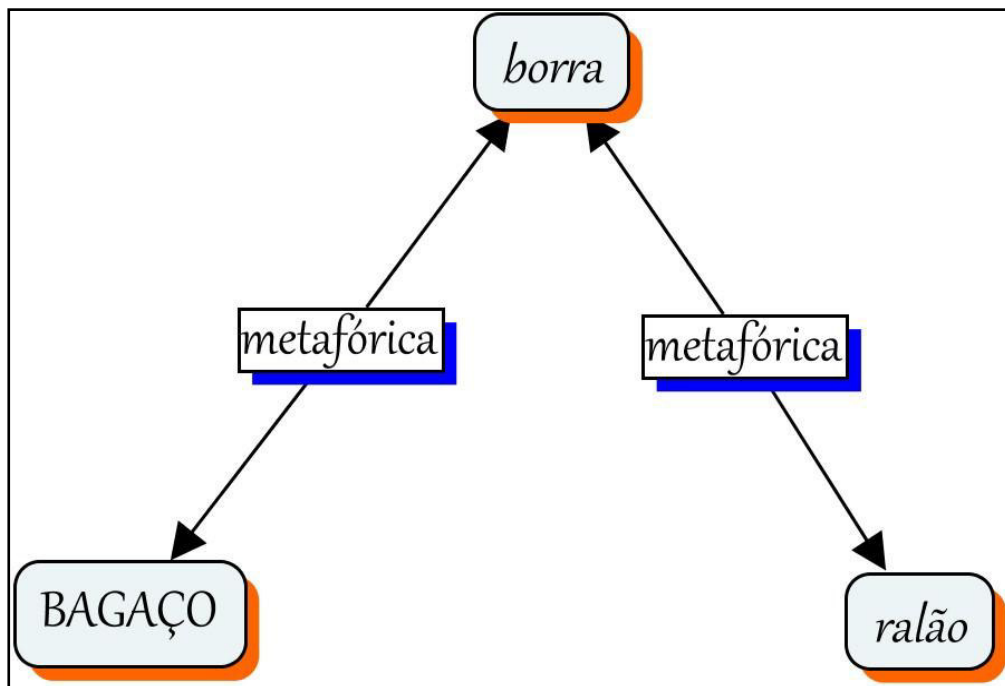


Figura 13 – Relações sinonímicas do conjunto *bagaço*  
Fonte: elaborada pela autora

Em relação ao conjunto 3, a metáfora é ativada considerando os termos *bagaço* e *ralão* em relação a *borra*. No discurso das quebradeiras de coco, esse conjunto designa os restos do caroço de babaçu, após a preparação do leite de coco ou azeite. *Borra*, de acordo com o NDCLP, é a “Substância sólida ou pastosa que assenta no fundo de um recipiente depois de ter estado em suspensão num líquido” (p. 235), e, com o DEPA, “resto de brasa ainda quente” (p.79). Com base nessas acepções, consideramos *borra* o termo descritivo, pois, assim como no discurso das quebradeiras, é o resíduo de um processo de apuração, portanto, consideramos *borra* como termo descritivo.

No par *borra/bagaço*, a metáfora é ativada no termo *bagaço*. O termo *bagaço*, segundo acepções registradas no BDELC, é “Residuo de lo que se exprime para sacar el zumo de la caña de azúcar” (p.59); no MCA, “Resíduos de frutos” (p.32); e, no DRB, “Resíduo de

frutas, caules, raízes etc., depois da extração de sucos.” (p. 50). Todas as acepções registradas remetem aos resíduos da extração de sumos de frutos, que mantêm relação com a acepção utilizada no universo das quebradeiras de coco, evidente no traço do conceito de resíduo – aquilo que resta; resto – que assim como o de *bagaço* está relacionado com as sobras depois da extração do sumo das frutas, o *bagaço* é aquilo que sobra do caroço, na apuração do azeite.

No par *borra/ralão*, a relação sinonímica motivada pelo processo metafórico é evidente quando associamos *borra* e ralar. Aqui, entendemos *-ão* como um sufixo aumentativo. Desse modo, ralar faz referência ao ato de raspar que resulta na trituração de determinados alimentos. Com base no OCLP, ralo “utensílio domestico utilizado para raspar tubérculos como à mandioca e a batata.” (p. 395). Daí a associação metafórica em relação à forma, uma vez que *borra* designa os resíduos/restos do caroço do coco babaçu, assim os alimentos raspados ficam com aspecto de resíduos, reduzidos a pequenas partículas. A aparência do coco ralado, por exemplo, assemelha-se aos resíduos que sobram na apuração do azeite.

#### Conjunto 4. Caçamba: capemba, buzu<sup>21</sup>

No conjunto 4, os termos sinonímicos são motivados por processos metafóricos nos pares: *caçamba/capemba* e *capemba/buzu*, apresentados na Figura 14.

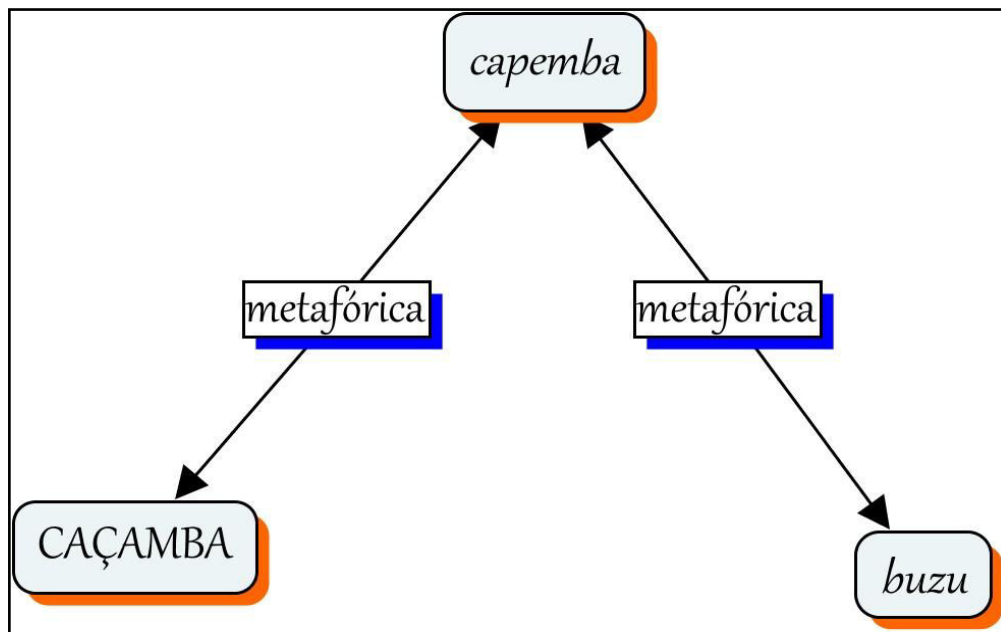


Figura 14 – Relações sinonímicas do conjunto *caçamba*  
Fonte: elaborada pela autora

<sup>21</sup>Convém ressaltar que, entre as quebradeiras de coco, a variante *buzu* (de búzio) é realizada como um vocábulo oxítono.



Figura 15 – Foto da *caçamba*  
Fonte: elaborada pela autora

As relações sinonímicas dos termos desse conjunto, como apresentadas anteriormente, são motivadas por processos metafóricos, entretanto, mantêm esse tipo de relação com o termo *capemba* e não com o termo *caçamba*, selecionado como termo principal por critérios já discutidos no capítulo anterior. *Capemba*, *caçamba* e *buzu*, no discurso das quebradeiras de coco, referem-se à parte da palmeira que possui forma de cesto, canoa e que abriga o cacho de coco babaçu.

Ao buscar a motivação dos termos que fazem parte desse grupo, percebemos que eles não estão presentes nos dicionários gerais de língua portuguesa, exceto *caçamba*; por isso consultamos dicionários e vocabulários de línguas africanas e encontramos a etimologia desses termos. Com base nas informações encontradas, pudemos fazer uma análise mais segura dos termos que formam o conjunto 4.

Para esta análise, consideramos *capemba* como o termo descritivo, uma vez que, o DBB apresenta como uma de suas acepções “invólucro do cacho da palmeira” (p.75), mesma acepção presente no universo do babaçu.

Em se tratando do par *capemba/caçamba*, *capemba* é o termo descritivo e *caçamba* é o termo metafórico.

O termo *caçamba*, denotativamente, designa, segundo o DHLP (p.351), “balde amarrado por cordas, qualquer tipo de recipiente, receptáculo de caminhões, guindastes, escavadeiras”. Embora o uso desse termo não permita a associação automática com a parte que envolve o cacho de coco, conseguimos aproximar alguns traços semânticos entre os conceitos da língua geral e do uso particular. É possível elaborar essas associações quando



pensamos na forma e na função dos objetos: balde, recipientes e receptáculo de caminhões lembram o formato do invólucro que, como esses objetos, funciona como repositório para guardar algo. Desse modo, o cacho é guardado no invólucro.

Ao buscarmos a etimologia do termo *caçamba* no VAB (p. 183) e no DBB (p. 57), encontramos a origem no *kimbundo*<sup>22</sup> *kisambu*, que significa “cesto, cesto grande”. Considerando a etimologia encontrada, podemos fazer aproximações mais claras do termo *caçamba* com o sentido encontrado no discurso das quebradeiras de coco, pois, como relatado por elas, *caçamba* tem um formato de cesto, canoa.

No que concerne ao par *capemba/buzu*, sendo *buzu* considerado o termo metafórico, podemos afirmar que, com base no termo analisado anteriormente (*caçamba*), é mais difícil recuperar ou entender, de forma automática, o sentido do seu uso na terminologia estudada. Isso acontece porque o sinônimo *caçamba*, além de já estar dicionarizado, torna-se mais claro quanto ao seu significado por estar presente na língua corrente e no cotidiano dos falantes; enquanto que para recuperar o significado de *buzu*, precisamos fazer um percurso maior e menos evidente: ter conhecimento de que se trata de uma das variantes fonéticas de *búzio*(*búzio* >*buzo*,*buzu*). *Búzio*, por sua vez, está registrado nos dicionários gerais e, com base na acepção encontrada, podemos então estabelecer as associações com o universo terminológico estudado.

Em nossas pesquisas, encontramos o termo *buzu* registrado no VAB (p. 182) com a acepção de “concha do mar” e no DBB (p. 53) como uma de suas acepções “prancha”. Essas acepções nos ajudam a aproximar características que estão presentes nesse conceito com as características do conceito empregado no discurso das quebradeiras. O traço mais evidente, considerado essencial para essa aproximação de conceitos, está na forma do objeto, ou seja, a concha e a prancha têm formato arredondado ou oval, assim como o invólucro do cacho da palmeira. E, se pensarmos ainda na função, a concha serve de abrigo, proteção para moluscos marinhos, assim como os cachos também estão protegidos, quando ainda novos, pela *capemba*.

### **Conjunto 5: Cacete:** maceta, marretinha, pedaço de pau

No conjunto 5, verificamos duas motivações para as relações sinonímicas, são elas: (i) metafórica – *pedaço de pau/maceta* e (ii) hiperonímica/hiponímica – *pedaço de pau/cacete* e *cacete/marretinha*. Podemos observar essas relações na Figura 16.

---

<sup>22</sup>O *kimbundo* é uma língua africana do tronco linguístico banto; é falada no sul do Congo-Brazzaville, no sudoeste do Congo-Kinshasa e no noroeste de Angola. (CASTRO, 2001, p. 30)

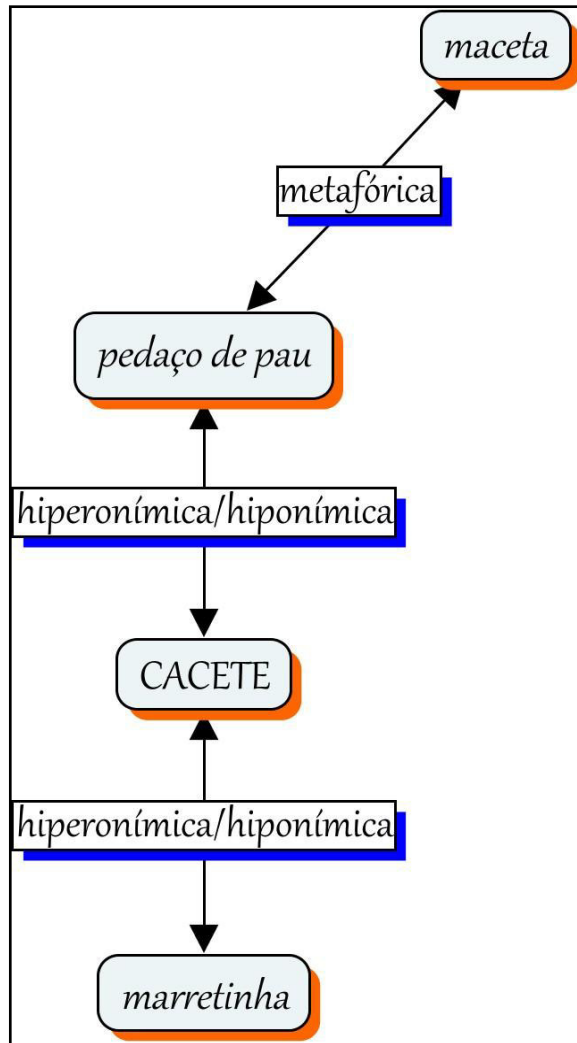


Figura 16 – Relações sinonímicas do conjunto *cacete*  
 Fonte: elaborada pela autora



Figura 17 – Foto do *cacete*  
 Fonte: Projeto ALiMA

Em se tratando do primeiro grupo – o motivado por relação sinonímica metafórica –, consideramos como descritivo o termo *pedaço de pau*, pois é a descrição literal do conceito que relaciona todos esses termos como sinônimos. Para as quebradeiras de coco, os termos

desse conjunto designam o pedaço de pau, madeira, geralmente, de formato cilíndrico, usado para quebrar o coco babaçu.

Nesse sentido, o primeiro par *pedaço de paul/maceta* possui relação sinonímica metafórica ativada no termo *maceta*. Segundo o MDLP, *maceta* é a “Maça de ferro com que os pedreiros e escultores batem o cinzel. Pedra cilíndrica de base chata e muito lisa, própria para moer e desfazer as tintas” (p. 1290), e, o NDLLP, é o “Instrumento de ferro com que pedreiros e escultores batem no cinzel” (p. 1152). Com essas definições, podemos associar o uso de *maceta*, considerando os traços da forma e função, à designação dada ao *pedaço de pau*. Quanto à forma, a *maceta* tem formato cilíndrico, a mesma forma do *pedaço de pau* que as quebradeiras de coco usam para quebrar o coco; no que concerne à função, podemos associar a finalidade do uso da *maceta*, que serve para bater/quebrar algo, com a do *pedaço de pau* que serve para quebrar o coco babaçu.

Já no que concerne aos pares sinonímicos motivados por relações hierárquicas, os termos se estabelecem pelas relações de hiponímia/hiperonímia – *tipo de* –, em que os conceitos são subordinados a um conceito mais genérico. No par *pedaço de paul/cacete*, o termo genérico (hiperônimo) é *pedaço de pau* e o termo específico (hipônimo) é *cacete*. De acordo com o DENFLP, *cacete* “talvez dim, de caço ‘vasilha com cabo’, em alusão à pequena dimensão do cabo” (p. 132), e, com o NDLLP, “Pau curto e grosso” (p. 307). Essas acepções designam o conceito desse conjunto, entretanto, no MDLP, encontramos *cacete* registrado com a acepção “Bordão, grosso em uma das extremidades” (p. 379), o que nos permite considerar *cacete* como hipônimo de *pedaço de pau*, pois agrega em seu conceito características mais específicas, como por exemplo, possuir uma das extremidades mais grossa, diferentemente de *pedaço de pau*. Essa parte mais grossa é a parte que é utilizada na quebra.

No que concerne ao par *cacete/marretinha*, constatamos a mesma relação apresentada no par anterior. O hiperônimo é *cacete* – que no par anterior era hipônimo – e o hipônimo, *marretinha*. Consideramos *-inha* como sufixo diminutivo de *marreta*. Essa relação se estabelece porque *marreta*, segundo o DHLP, significa “cacete de grande tamanho” (p. 550). Com essa acepção podemos afirmar que *marretinha* possui uma característica a mais que *cacete*, relacionada ao tamanho. Ampliando as definições apresentadas, *marreta* é registrada ainda, no DHLP, como um pequeno martelo de ferro, de cabo comprido. Essa segunda acepção deixa mais evidente a relação de conceito mais específico, uma vez que *marretinha* é uma ferramenta provida de uma cabeça de ferro ou de outro material forte e

pesado, presa a um cabo. Desse modo, inferimos que *marretinha* está subordinado a *cacete*, podendo ser considerada um tipo de *cacete*.

Vale destacar que *pedaço de pau/cacete/marretinha* tem seus conceitos vinculados hierarquicamente para além das descrições apresentadas, pois quando consideramos *marretinha* como hipônimo de *cacete*, conseqüentemente, *marretinha* também é hipônimo de *pedaço de pau*.

**Conjunto 6. Cachopa:** *canzola*, *ganzola do coco*<sup>23</sup>, *chapéu do coco*

No conjunto 6, os termos sinônimos *cachopa/ganzola*, *cachopa/canzola* e *cachopa/chapéu do coco* são motivados por relações metafóricas.

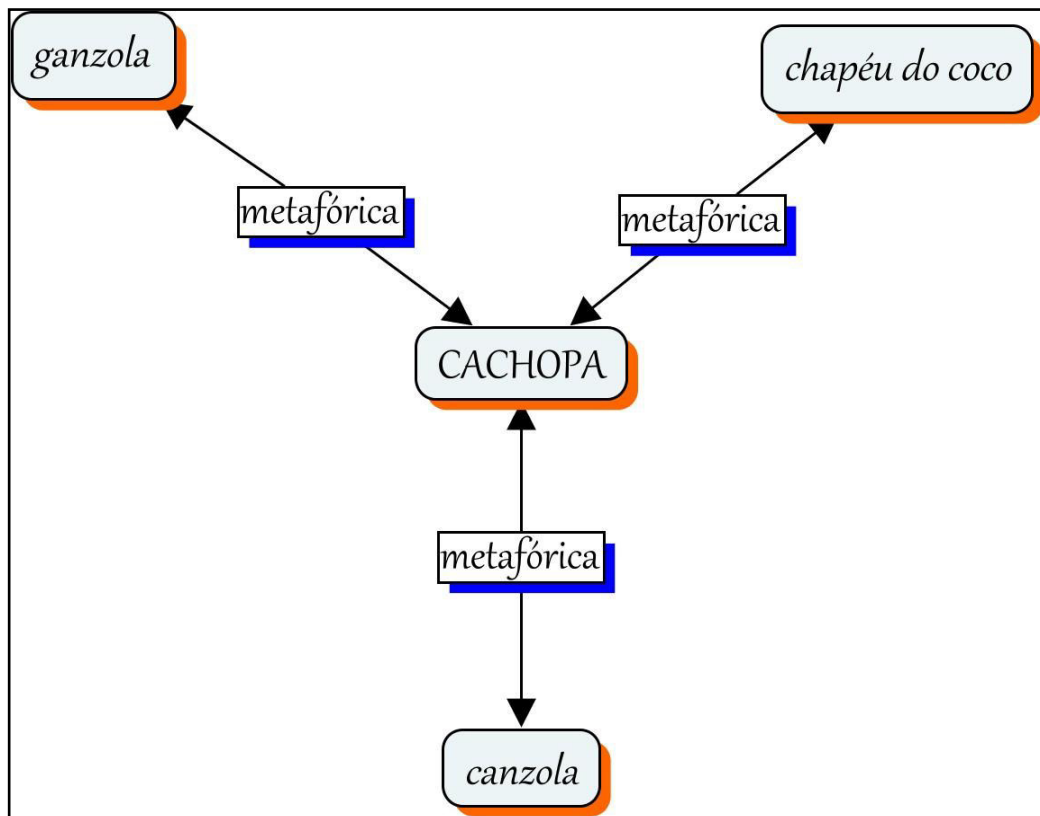


Figura 18 – Relações sinônimas do conjunto *cachopa*

Fonte: elaborada pela autora

<sup>23</sup> Para efeito da constituição deste conjunto e análise, não consideramos a questão da semelhança fonética dos segmentos [k], em *canzola*, e [g], em *ganzola*, que se diferenciam apenas pelo traço de sonoridade – surdo, sonoro, respectivamente –, tendo em vista que *canzola* e *ganzola* não são, em nossa análise, tratados como pares.



Figura 19 – Foto do *cachopa*  
Fonte: Projeto ALiMA

Segundo as quebradeiras de coco, *cachopa* é a casca em forma de chapéu que prende o coco babaçu no cacho. Partindo desse conceito, o termo *cachopa* estabelece relações sinonímicas com os termos *ganzola*, *canzola* e *chapéu do coco*. Essas relações têm motivações metafóricas, uma vez que os termos variantes, *a priori*, não estabelecem relação direta com o conceito do termo *cachopa*.

É interessante comentar, em relação ao primeiro par *cachopa/ganzola*, que esses termos, partindo do conceito empregado pelas quebradeiras, possuem traços semânticos que os aproximam, fazendo com que *ganzola* seja utilizado para designar *cachopa*. O termo *ganzola*, segundo o DHLP, é um regionalismo do Maranhão e significa uma brincadeira de pique, ponto em que se está a salvo. Essa brincadeira infantil é similar à brincadeira chamada pega-pega, e *ganzola* é o ponto, local, estabelecido pelos participantes onde não se pode pegar, ou seja, o participante encontra-se protegido ao estar na *ganzola*. É importante considerar que, por ser um regionalismo do Maranhão e estarmos tratando de termos que fazem parte do discurso de uma atividade que é majoritariamente maranhense, é comum o uso de regionalismo como os do universo do babaçu.

É com base na acepção encontrada no DHLP, ponto em que o participante da brincadeira está salvo, que encontramos proximidades, ou seja, traços comuns entre os termos *ganzola* e *cachopa*. Esses traços podem ser percebidos em se tratando do aspecto proteção, assim como a *ganzola* protege o participante na brincadeira de pique, a *cachopa* protege o coco na palmeira de babaçu. A *cachopa* abriga o coco e o prende para que ele não caia. Desse modo, a variante *ganzola* apresenta características essenciais em seu conceito para a compreensão da relação de sinonímia com o termo *cachopa*, características essas que são evidenciadas pelo traço semântico *proteção*.

No que concerne ao segundo par de sinônimos, *cachopa/canzola* é possível estabelecer uma relação metafórica similar à do par *cachopa/ganzola*. De acordo com nossas pesquisas realizadas não só em dicionários gerais, mas também em vocabulários e dicionários específicos, encontramos no VBA uma possível motivação etimológica para o uso do termo *canzola*. *Canzola* seria uma ampliação da palavra *canzo*, que, segundo o VBA (p. 199), provém do *kimbundo kanzo* que quer dizer *casa*. Vale comentar que a palavra *casa* remete ao imaginário de moradia, abrigo, proteção.

Considerando essas características, *cachopa/canzola* se aproximam pelo fato de os dois conceitos abrigarem características essenciais e comuns entre si: *abrigo* e *proteção* e, de forma secundária, *moradia*, uma vez que a *cachopa* é o local onde o coco “mora”.

Já na relação *cachopa/chapéu do coco*, a metáfora pode ser evidenciada por meio da relação estabelecida entre o termo *cachopa* e o primeiro constituinte do sintagma *chapéu do coco*. Observamos que o termo com uso da metáfora, *chapéu do coco*, é facilmente recuperado no conceito de *cachopa*, uma vez que *chapéu* abriga características relacionadas ao formato – redondo – e à função – proteção. A *cachopa* e o *chapéu*, além de possuírem traços em comum, possuem formas semelhantes. O *chapéu* é usado para cobrir a cabeça, para proteger do sol ou da chuva, assim como a *cachopa* cobre o coco e o protege do sol e da chuva.

Vale ressaltar que a palavra *chapéu* é bastante utilizada na botânica para designar cogumelos, arbustos e plantas em geral, entretanto, em se tratando da parte da palmeira, podemos constatar a utilização do recurso metafórico.

### **Conjunto 7. Caroço: amêndoa, figa**

No conjunto 7, observamos duas relações, são elas: (i) meronímica/holonímica – *caroçolamêndoa* e (ii) metafórica – *caroço* e *amêndoa/figa*. Podemos observar essas relações na Figura 20.

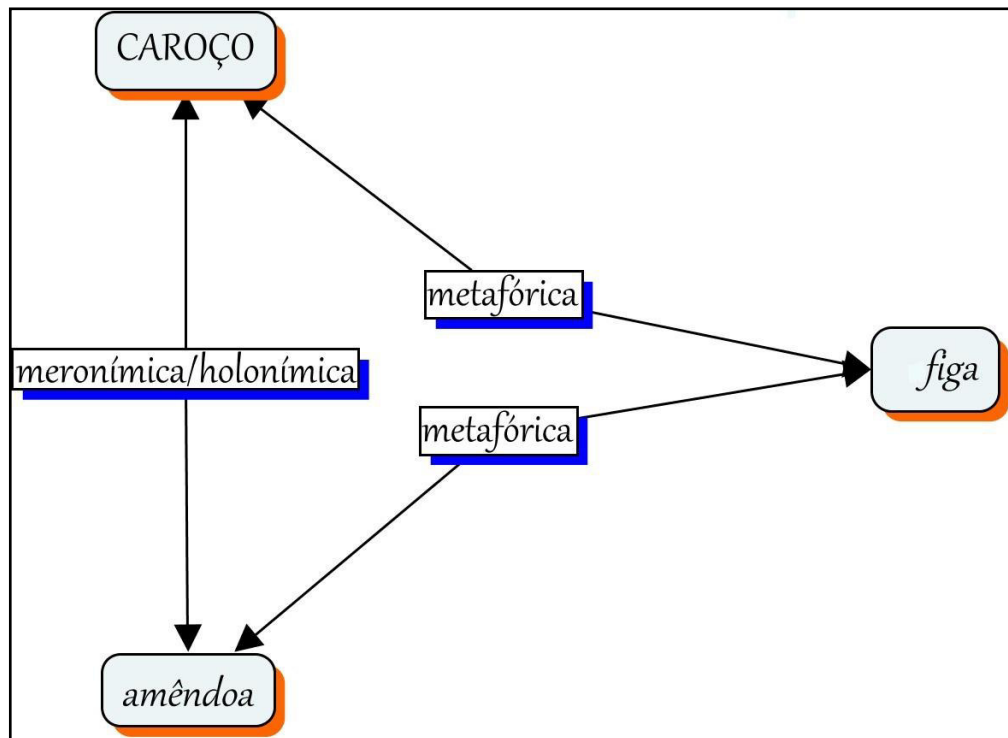


Figura 20 – Relações sinonímicas do conjunto *caroço*  
 Fonte: elaborada pela autora



Figura 21 – Foto do *caroço*  
 Fonte: Projeto ALiMA

O primeiro par *caroço/amêndoa* apresenta a relação sinonímica motivada por relações hierárquicas de meronímia/holonímia, que exprimem a relação parte todo, sendo o merônimo – todo e o holônimo – parte. Nesse sentido, o termo *caroço* é o merônimo, enquanto *amêndoa* é o holônimo. Isso porque ao buscarmos em dicionários gerais e específicos conseguimos encontrar a diferença semântica entre os dois termos, uma vez que, *a priori*, parecem ter o mesmo conceito, mesmo fora do discurso das quebradeiras de coco.

No universo das quebradeiras de coco *caroço/amêndoa* remetem à semente oleaginosa do coco babaçu, de onde se retira o azeite. No NDLLP, *caroço* quer dizer “Parte dura de certos frutos que encerram a semente” (p.356), e *amêndoa*, “A semente de qualquer

caroço” (p.95). Já nesses conceitos apresentados pelo dicionário geral da língua portuguesa, conseguimos observar a relação de *caroço/amêndoa* como parte-todo, uma vez que a semente faz parte do caroço. Mesmo com as definições apresentadas, buscamos, ainda, dicionários específicos como o DRB que apresenta os dois termos com as seguintes definições: (i) *caroço* – “designação vulgar e comum das sementes” (p.81) e (ii) *amêndoa* – “Parte interna da semente” (p.26). Com base nas definições do DRB, observamos que a relação parte-todo permanece, isto é, as definições diferenciam os conceitos dos termos de *caroço/amêndoa*, em que *caroço* é a semente, e *amêndoa* parte da semente. Portanto, *amêndoa* é uma parte do *caroço*.

No que concerne a *caroço* e *amêndoa/figa*, a relação estabelecida se dá pelo processo metafórico. A metáfora é ativada no termo *figa*, que possui, segundo o MDLP, o seguinte significado: “Amuleto ou talismã feito de madeira, de metal etc., em forma de mão fechada, com o polegar entre os dedos indicador e médio, usado supersticiosamente como preservativo de malefícios, doenças etc.” (p. 956). Ao associarmos a acepção encontrada no dicionário e a empregada na fala das quebradeiras, podemos inferir que a relação metafórica se estabelece pelo traço semântico *forma*. Em pesquisas em dicionários específicos, encontramos, no DBB, *figa* com a mesma acepção encontrada no MDLP: “Amuleto em forma de mão fechada” (p. 101). Com base nesse registro, entendemos que o gesto de ‘mão fechada’ (forma do amuleto) assemelha-se ao formato do *caroço*, como apresentado na Figura 21.

### **Conjunto 8. Casca:** endocarpo, cavaco

No conjunto 8, as relações sinonímicas são motivadas pelo processo metafórico dos seguintes pares: *endocarpo/casca* e *endocarpo/cavaco*. Podemos observar essas relações na Figura 22.



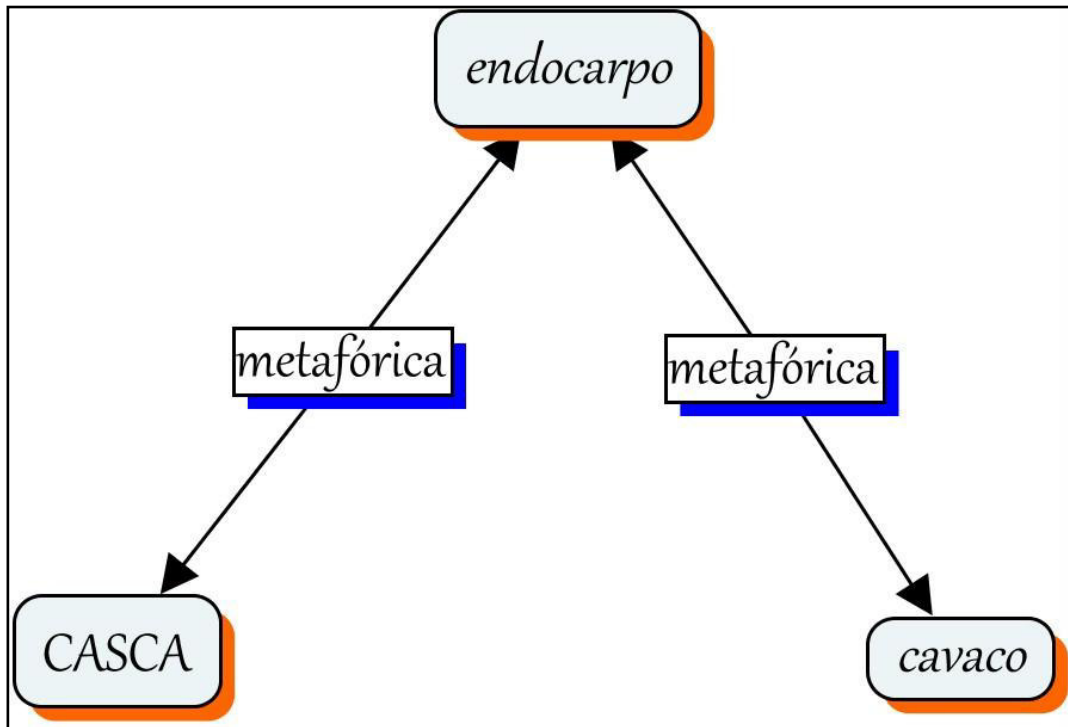


Figura 22 – Relações sinonímicas do conjunto *casca*  
 Fonte: elaborada pela autora



Figura 23 – Foto da *casca*  
 Fonte: Projeto ALiMA

Nesse conjunto, consideramos como termo descritivo *endocarpo*, pois denota em seu conceito o mesmo sentido empregado no discurso das quebradeiras de coco. Em dicionários específicos, como o DRB, encontramos *endocarpo* como “Membrana interna do pericarpo em contato com a semente.” (p.802), ou ainda, em dicionários gerais como o NDCLP, a acepção “A camada mais interna do pericarpo dos frutos. Pode ser dura, como na manga, ou ter pêlos, como na laranja.” (p. 142). Essas acepções se assemelham com a empregada pelas quebradeiras que consideram a casca como a parte dura e grossa, envolvida pela massa do coco, que envolve os caroços do coco. Desse modo, analisaremos as relações metafóricas em

relação a *endocarpo*. Vale ressaltar que *endocarpo* é uma palavra formada pelos radicais gregos end(o) < ‘dentro’ +carpo< ‘fruto’. Essa formação mostra que esse termo é um termo técnico utilizado pelos agrônomos e, ultimamente, também pelas quebradeiras, que o incorporaram ao seu léxico em função do contato destas com os agrônomos.

No primeiro par *endocarpo/casca*, a metáfora é ativada no termo *casca*, que é registrado no MDLP como “Invólucro externo de plantas, frutos, ovos, tubérculos, sementes etc. (...) Concha.” (p. 446). Embora possamos entender de maneira imediata o significado de *casca*; nesse conjunto, *casca* não remete à parte externa do coco babaçu, mas à parte que envolve a semente. Considerando que esta análise trata de um universo particular, do babaçu, podemos ainda inferir um traço que aproxima esses dois conceitos. Como visto, na definição dada pelo dicionário, *casca* pode significar ‘concha’ e, pensando no traço *forma*, podemos associar também a *casca* do coco babaçu à concha, como podemos observar na Figura 23.

Já em relação ao par *endocarpo/cavaco*, a metáfora é ativada no termo *cavaco*. Vale destacar que essa ativação não se dá automaticamente. Consultando a definição desse termo, encontramos no DHLP *cavaco* como “farpa ou lasca produzida pelo desbaste da madeira. Pequeno fragmento que sobra da carne charqueada” (p. 659). Daí, podemos inferir que a relação sinonímica entre esses termos se dá pelo fato de *cavaco*, no discurso das quebradeiras, ser a parte que envolve o caroço e, quando da retirada do *caroço*, o *cavaco* em função dos golpes do *machado* e do *cacete* sai em formas de ‘farpas, fiapos’, como podemos ver na figura 23. Soma-se a isso a associação que se estabelece entre a cor marrom da *casca* e tom marrom da madeira.

### **Conjunto 9. Cocal:** palmeiral, babaçual

O conjunto 9 apresenta termos sinônimos que possuem relações hierárquicas: (i) relação holonímica, *cocal/palmeiral* e (ii) relação hiperonímica, *cocal/babaçual*. A Figura 13 nos mostra essas relações.

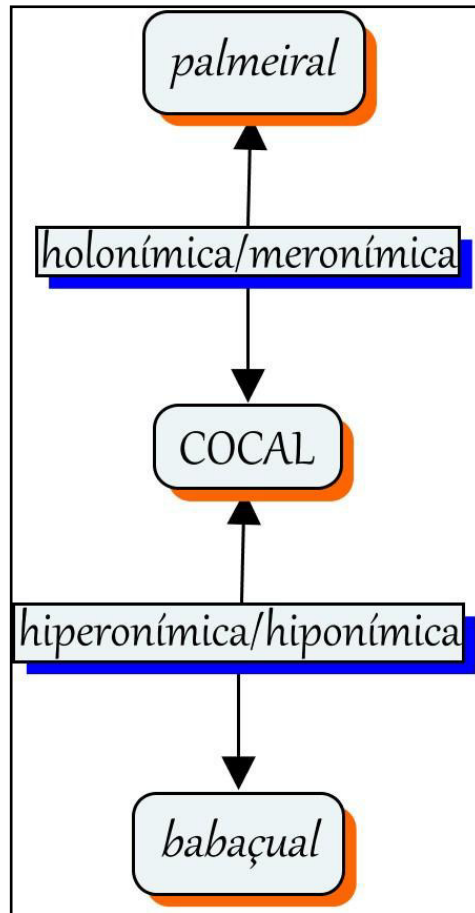


Figura 24 – Relações sinônimas do conjunto *cocal*  
 Fonte: elaborada pela autora



Figura 25 – Foto *cocal*  
 Fonte: Carazza (2012, p. 4)

Os termos sinônimos *cocal/palmeiral* e *cocal/babaçual* são estabelecidos por uma organização hierárquica de sentidos, por possuírem conceitos subordinados. No entanto, nos aspectos atinentes ao primeiro par, *cocal/palmeiral*, a relação encontrada é a holonímica, porque se refere a uma relação de *parte de*, partindo do princípio de que o coco é uma parte

da palmeira, logo, *cocal* =coco+-*al* é sinônimo de *palmeiral* = palmeira+-*al* motivados por relação holonímica por ser parte do todo, *palmeira*. *Cocal*, *palmeiral* e *babaçual* designam o local com grande concentração de palmeiras de coco babaçu.

Já no segundo par *cocal/babaçual*, a relação estabelecida por esses termos é hiperonímica. Diferentemente do primeiro par, a relação estabelecida aqui é de *tipo de*. Em outras palavras, o babaçu é um tipo de coco, logo babaçu+-*al* = *babaçual* possui um conjunto de características mais específicas em relação a *cocal* (termo mais genérico), enfatizando o tipo de coco.

Com isso, *cocal*, *palmeiral* e *babaçual*, independentemente do tipo de relação hierárquica, possuem conceitos superordenados e subordinados formando vários níveis de especificidade. O *palmeiral* é um campo de palmeiras, sejam elas de quaisquer espécies, mas que pode ser usado para fazer referência à palmeira de babaçu; o *cocal* é um campo de palmeiras de coco, podendo abranger as diversas espécies de palmeira de coco, e o *babaçual* é um campo de palmeiras de coco babaçu. Notemos que *babaçual* é o termo que possui características mais específicas, enquanto *palmeiral* agrupa um conjunto de características de conceitos mais genéricos, que, como representado no mapa conceitual da Figura 25, está em um nível mais acima.

### **Conjunto 10. Coco: babaçu, filhote**

No conjunto 10, verificamos duas relações sinonímicas, a saber: (i) hiperonímia/hiponímia – *coco/babaçu*; (ii) metafórica – *coco e babaçul filhote*. Observemos a Figura 26.

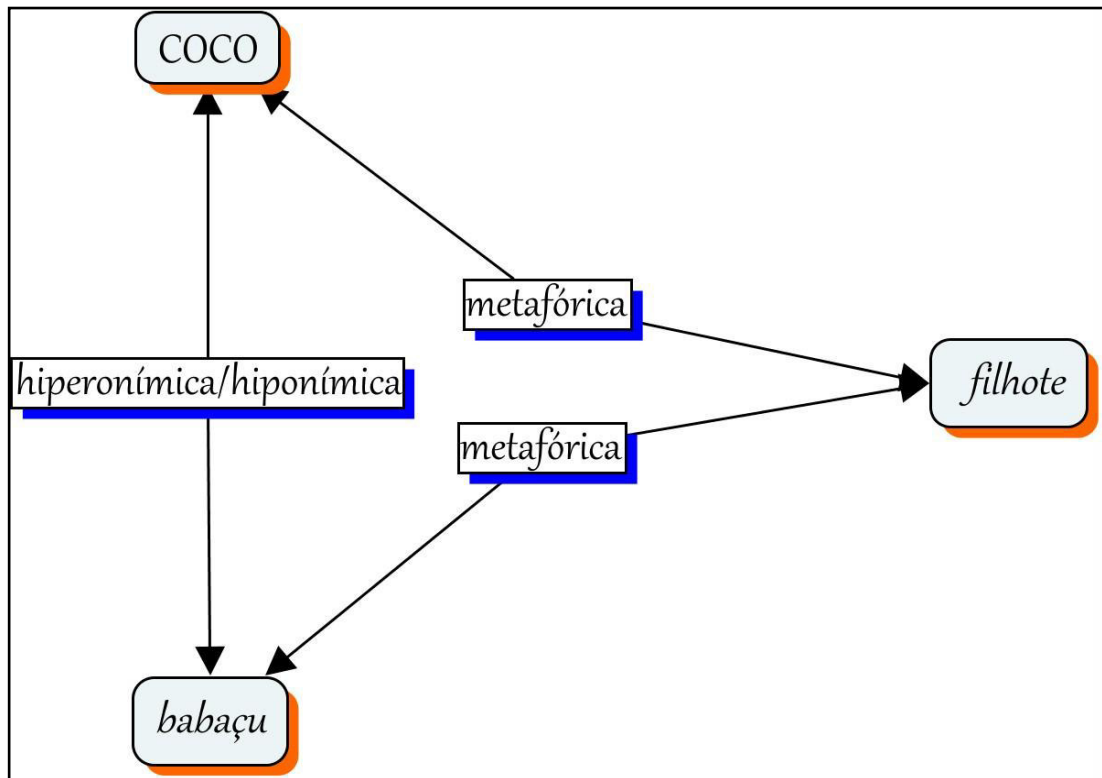


Figura 26 – Relações sinonímicas do conjunto *coco*  
 Fonte: elaborada pela autora



Figura 27 – Foto do *coco*  
 Fonte: Projeto ALiMA

A relação sinonímica (i) apresenta termos em que os conceitos se estabelecem em uma relação de hiperonímia/hiponímia. Os termos *coco* e *babaçu*, na terminologia do universo do *babaçu*, aparecem como sinônimos. Em uma hierarquia conceitual, o termo *coco* possui traços mais genéricos e está em um nível acima do conceito presente no termo *babaçu*, pois este é um tipo de *coco*, ou seja, tem caráter determinante e específico, uma vez que

existem vários tipos de coco. O hipônimo *babaçu* possui em seu conceito traços que restringem o tipo de coco que é objeto da atividade das quebradeiras. Vale destacar, ainda, que o termo *babaçu*, segundo o DHLP (2009, p. 236), é de origem tupi “*i'wagwa'su*” e significa *i'wa* 'fruta' + *gwa'su* 'grande' = fruta grande. Com base nessa descrição etimológica, podemos relacionar *coco* e *babaçu* como sinônimos, uma vez que ambos possuem traços em comum, ambos são frutos e, no contexto estudado em particular, frutos da palmeira.

Na relação sinonímica (ii), a metáfora encontra-se no termo *filhote*. O termo *filhote*, denotativamente, segundo o DHLP (2009, p. 895), designa “natural, originário”. Embora o uso do termo *filhote* não possibilite uma associação direta com o sentido empregado na terminologia do *babaçu*, “fruto da palmeira de *babaçu*”, é possível relacionar semanticamente *coco* e *filhote* como sinônimos, por possuírem traços comuns nos seus conceitos, uma vez que o fruto é natural, ou seja, se origina da planta. Desse modo, *coco* e *filhote* estabelecem entre si uma relação sinonímica por meio do processo metafórico ativado no termo *filhote*. O mesmo acontece com a relação *babaçufilhote*, pois consideramos os termos *coco* e *babaçu* descritivos denotativos.

### Conjunto 11. Coco de solta: coco preso

No conjunto 11, a sinonímia observada entre os termos é motivada por processo metafórico.

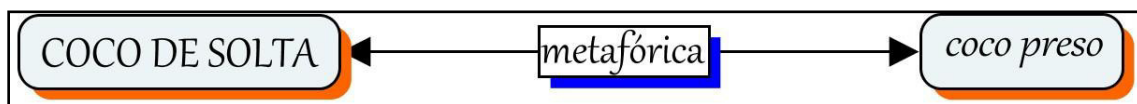


Figura 28 – Relação sinonímica do conjunto *coco de solta*  
Fonte: elaborada pela autora

Em relação ao conjunto 11, o elemento metafórico ocupa a função de determinante na constituição da lexia complexa *coco de solta*. No universo terminológico do *babaçu*, *coco de solta/ coco preso* se referem ao coco que se encontra em propriedades privadas, às quais as quebradeiras não têm acesso. O determinante *solta* encontra-se registrado no DHLP (p. 1767), com acepção, no sentido figurado, de “prisão, cadeia”. Desse modo, o *coco de solta* é o coco que está “numa prisão”, ou seja, em propriedades privadas, não sendo, pois, possível às quebradeiras coletá-los. Diz-se, então, que o coco está preso.

### Conjunto 12. Coco encharcado: coco molhado, coco inchado, coco pubo, coco emburabado

No conjunto 12, verificamos duas relações sinonímicas, a saber: (i) hiperonímia/hiponímia entre os elementos determinantes dos sintagmas – *coco molhado*/ *coco encharcado* – e (ii) metafórica entre os elementos determinantes dos sintagmas – *coco encharcado*/ *coco inchado*, *coco encharcado*/ *coco pubo* e *coco encharcado*/ *coco emburabado*.

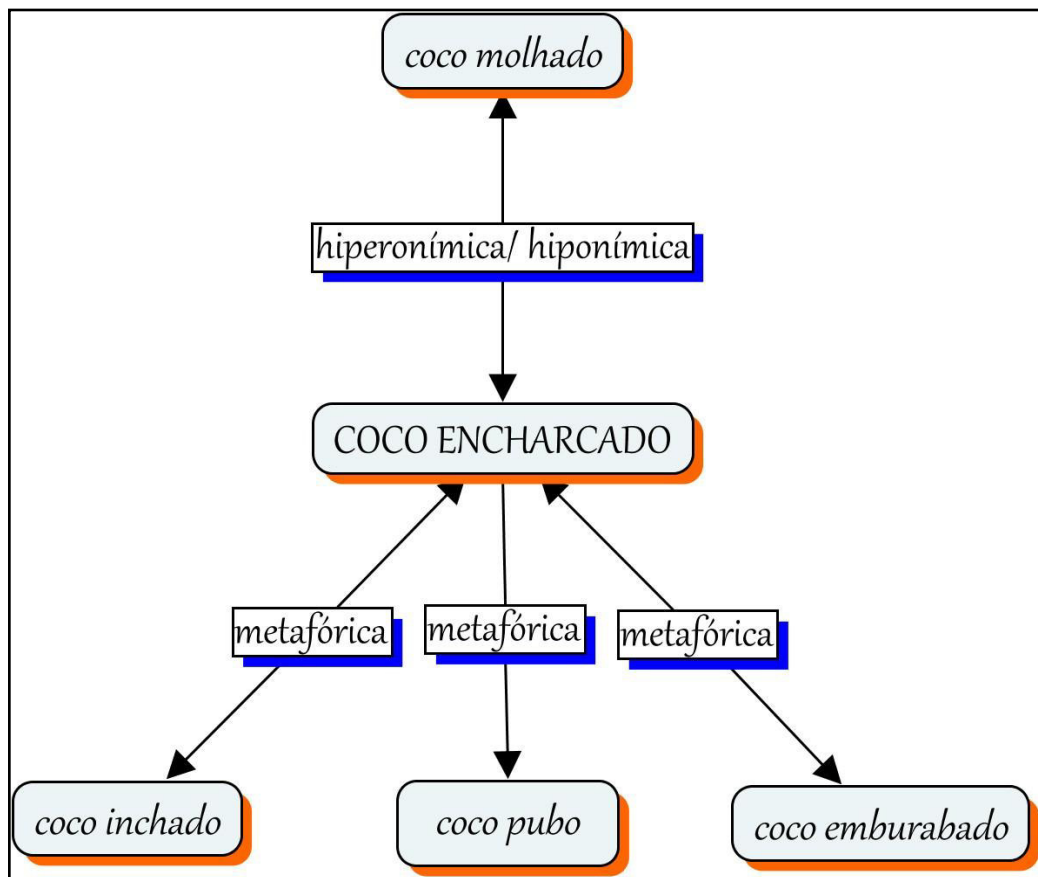


Figura 29 – Relações sinonímicas do conjunto *coco encharcado*  
Fonte: elaborada pela autora

Os termos do conjunto 12 designam o coco que é molhado, pela chuva ou por outra fonte de água.

No par da relação sinonímica (i) a relação entre os termos se dá pela subordinação dos conceitos *molhado* e *encharcado*. No MDLP, *molhado* é “Umedecido com qualquer líquido (...) Lugar umedecido por um líquido que nele caiu ou se entornou.” (p. 1399), e *encharcado* “Que se encharcou. Transformado em charco; empantanado, alagado. Metido em charco; atolado. Muito molhado; ensopado.” (p. 797). Nesse sentido, *molhado* é o termo mais amplo e mais genérico, pois abriga em seu conceito características mais gerais como ‘umedecido com qualquer líquido’; em outras palavras, aquilo que foi exposto a um líquido; já *encharcado* possui características mais específicas e que podem ser englobadas dentro do

conceito de *molhado*, como visto no MDLP, que se encharcou, muito molhado. Essas características restringem o uso do termo *encharcado* que, nesse caso, não foi só superficialmente molhado, mas se encheu de algum líquido, e o advérbio “muito” destaca a intensidade de algo exposto à água, diferentemente de *molhado*.

Em se tratando da relação (ii), o primeiro par, *encharcado* e *inchado*, apresentam sinônimos motivados por processos metafóricos, uma vez que podemos fazer associações entre os traços presentes nos conceitos desses termos. O termo *inchado*, segundo MDLP, é definido como “Que tem inchação. Dilatado, engrossado. Intumescido, avolumado. Enfatado, empolado, afetado, cheio de si.” (p. 1140). Com base nessa acepção, podemos inferir que o *coco inchado* é o resultado da imersão em algum líquido, pois a inchação, o volume são características/resultados de alguns objetos encharcados, como é o exemplo do *coco* que, ao ser molhado e passar muito tempo imerso na água, acaba inchando e ganhando volume.

Já em relação ao segundo par, ainda motivado pelo processo metafórico entre os termos *encharcado* e *pubo*, as associações podem ser feitas com base nas acepções encontradas para o termo *pubo*. *Pubo*, segundo o TAIB, é de origem indígena e quer dizer “mole, maduro, brando, macio”. No mesmo verbete relativo a *pubo*, o dicionário traz uma nota em que esclarece que *puba* alude à “mandioca enterrada em lama ou posta na água até amolecer e fermentar” (p. 408). DE acordo com o DHOT, *pubo* quer dizer “Mole, cansado; podre, imprestável.” (p. 247). Essas acepções nos permitem inferir que há traços nesses conceitos que podem ser associados ao conceito de *encharcado*, tais como ‘mole, posta na água, amolecer, podre, imprestável’. Todas essas características presentes no conceito de *pubo* são resultados da imersão do *coco* na água. Uma vez imerso na água, o *coco* encharca e, conseqüentemente, amolece, não servindo, segundo as quebradeiras de *coco*, para quebrar: fica muito mole, escorregadio, podendo causar acidentes no momento da quebra; em alguns casos, apodrece. Desse modo, o *coco pubo* não presta para a quebra.

No terceiro par que possui motivação metafórica, *encharcado* e *emburabado*, a metáfora é ativada no termo *emburabado*, entretanto, para evidenciarmos os traços que associam os conceitos desses termos foi mais difícil, uma vez que não encontramos registrado em nenhum dicionário a forma *emburabado*. Mas, ao ampliarmos as pesquisas em busca de uma possível motivação, talvez um neologismo criado pelas quebradeiras, encontramos subsídios para formar uma possível palavra partindo da forma dicionarizada *burara*<sup>24</sup>, com a

---

<sup>24</sup>Creemos que a ideia de *contaminação* – “Processo pelo qual na evolução de uma forma interfere uma outra forma de pronúncia, significação ou uso similares ou relacionados”(DTL, p. 99), ou ainda “processo pelo qual o



seguinte formação: *em* (prefixo) + *burara* + *ado*(sufixo). Seguindo essa linha, encontramos registrado no MDLP, *burara*, do tupi “*ymbyrá rá*, madeira que se solta (...) Lamaçal, tremedal” (p. 367). Com base nessa acepção, entendemos que a associação feita está presente nas características ‘lamaçal, tremedal’ que designam área pantanosa, lamacenta; charco, por meio do traço da forma *líquida*. Logo, *coco emburabado* é o coco que caiu na lama, em uma área que possui acúmulo de água, e encharcou.

### Conjunto 13. Coco queimado: coco sapecado, coco roçado

No conjunto 13, encontramos sinônimos motivados por uma relação de hiperonímia/hiponímia entre os determinantes dos sintagmas *coco queimado* e *coco sapecado* e por uma relação metafórica entre os determinantes dos termos *coco queimado/coco sapecado* e *coco roçado*.

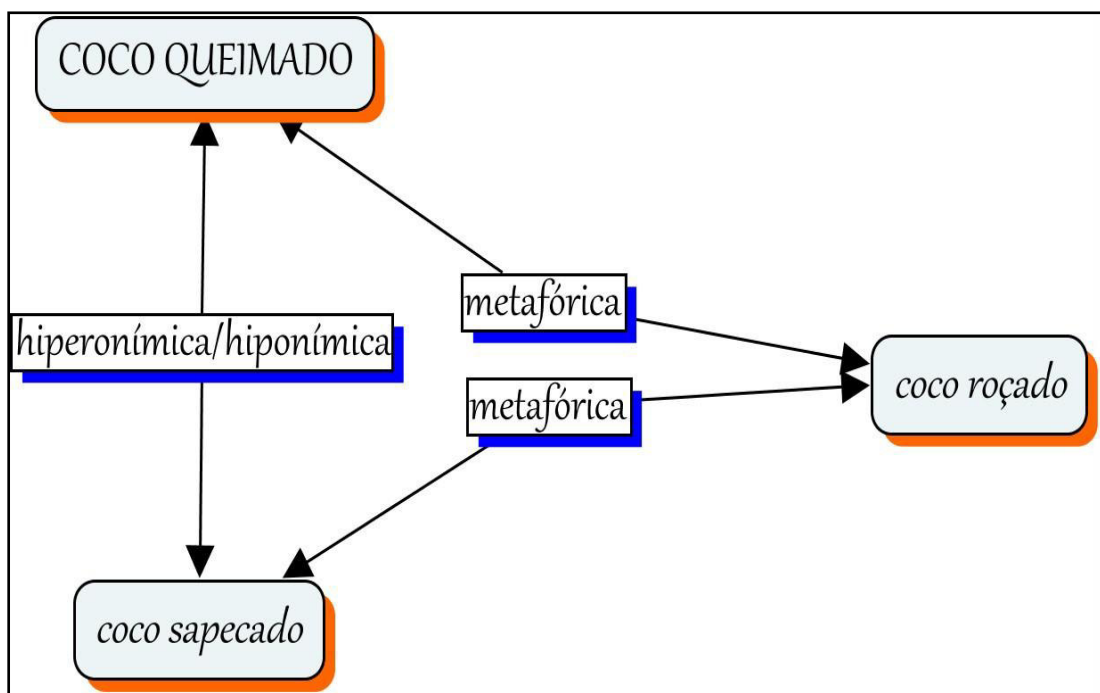


Figura 30 – Relações sinonímicas do conjunto *coco queimado*  
Fonte: elaborada pela autora

Os termos *coco sapecado* e *coco queimado* estabelecem entre si uma relação sinonímica. No entanto, podemos observar que os elementos determinantes que compõem esses sintagmas, embora sejam descritivos denotativos, possuem diferenças semânticas. O

---

desenvolvimento de uma palavra é influenciada por outra palavra de pronúncia similar ou por outra palavra de significação ou uso similares ou relacionados (...)” (WILLAMS, 1973, p. 116) – pode dar suporte a nossa hipótese no que diz respeito ao processo de formação do termo *emburabado*.

termo *queimado*, segundo o DHLP (p. 1589), significa “que ardeu em fogo, incendiado, que se carbonizou”; nesse caso, ressaltamos a intensidade do fogo e a exposição do coco ao fogo até chegar ao estado de “cinzas”; já o termo *sapecado*, ainda de acordo com DHLP, significa “chamuscado ou seco, levemente assado”. Nessa definição, a intensidade do fogo e a exposição do coco ao fogo são menores, porém, em ambas as acepções há resultados de exposição ao fogo, conceito principal dos termos apresentados. Entretanto, a diferença semântica entre os termos permite a hierarquização dos seus respectivos conceitos. O termo *queimado* abriga traços mais genéricos, sendo o termo mais geral, já *sapecado* pode ser considerado como um tipo de queimado, abrangendo traços mais específicos, como levemente assado, características estas que são relacionadas devido ao tempo de exposição ao fogo.

Já na relação dos termos *coco sapecado/ coco queimado* com o termo *coco roçado*, percebemos que o determinante *roçado* estabelece uma relação metafórica com os determinantes *sapecado* e *queimado*, embora *roçado* possua o mesmo traço principal dos outros termos. Em *roçado*, o fogo está relacionado com a limpeza de um terreno, campo, roça, que é feita por meio de queimadas. Esse preparo da terra destrói a vegetação que estava ali presente; neste caso em particular, palmeiras de babaçu; conseqüentemente, o fruto dessa palmeira, o coco, também queima, daí a denominação *coco roçado*.

#### **Conjunto 14. Cofó: saco**

No conjunto 14, os termos estabelecem relação de hiperonímia/hiponímia, como evidencia a Figura 31.

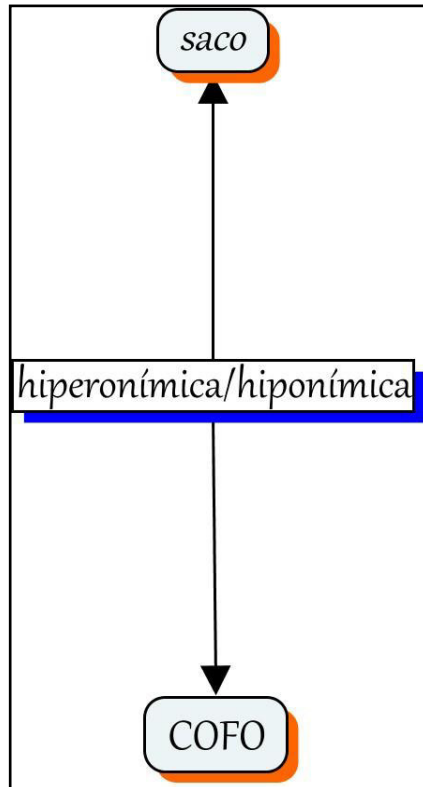


Figura 31– Relação sinonímica do conjunto *cofo*  
 Fonte: elaborada pela autora



Figura 32 – Foto do *cofo*  
 Fonte: Carazza (2012, p. 16)

A relação sinonímica de *cofo/saco* se estabelece como hiperonímia/hiponímia, pelo fato de seus conceitos estarem vinculados hierarquicamente, como evidencia o mapa conceitual da Figura 31. O termo *cofo* mantém uma relação de especificidade com o termo *saco*, sendo, pois, hipônimo de *saco*; *saco* possui características mais amplas, genéricas. Segundo o DHLP (p. 489), *saco* é um “receptáculo de pano, papel, couro, borracha ou material plástico, aberto apenas por cima, usado para fins diversos.”.

*Cofó*, por sua vez, é um tipo de saco que abriga características de material e uso mais específicos que *saco*. De acordo com o relato das quebradeiras, *cofo* é um objeto feito de palha trançada, que serve para guardar o coco babaçu. Assim, torna-se claro o uso específico do objeto. O *saco* pode ser utilizado em qualquer atividade, para guardar quaisquer objetos, já o *cofo*, no universo das quebradeiras de coco, é feito necessariamente de palha trançada e serve para guardar os caroços do coco ou até mesmo o coco inteiro.

Se buscarmos ainda a etimologia do termo *cofo*, do lat. *cophinus*, encontramos o sentido de *cesto*, que veremos no conjunto 18, como sinônimo de *jacá*.

### Conjunto 15. Esteira: meassaba<sup>25</sup>

No conjunto 15, os termos sinônimos *esteira/meassaba* são motivados pela relação hierárquica de hiperonímia/hiponímia.

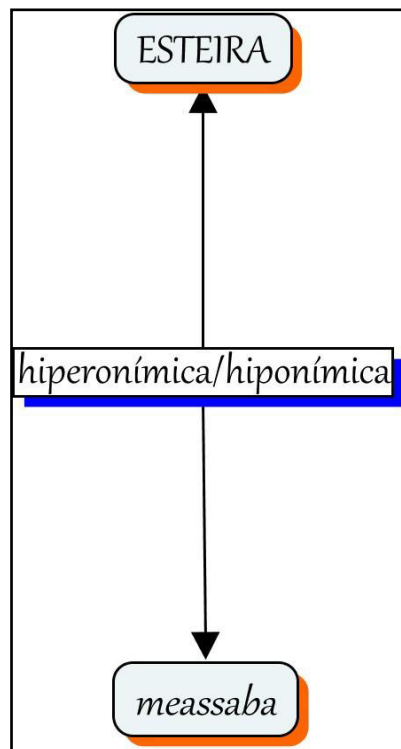


Figura 33 – Relação sinônima do conjunto *esteira*  
Fonte: elaborada pela autora

<sup>25</sup>Segundo a obra *Linguagem Popular do Maranhão*, de Domingo Vieira Filho, folclorista e escritor maranhense, a palavra *meassaba* pode apresentar as formas registradas em sua obra *mensaba* e *meansaba*, como podemos observar no excerto: “Também na cidade ele tem o mesmo viver relaxado, em sórdidas palhoças quase sem utensílios nem movéis, comendo no chão com uma meansaba por toalha”. (1979, p.69)



Figura 34 – Foto da *esteira*

Fonte: <http://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com.br/2012/11/1-oficina-de-artesanato-e-saberes.html>

Acesso em: 18 de junho de 2016

Assim como em outros conjuntos, o par *esteira/meassaba* possui conceito superordenado e subordinado. Nesse conjunto, *esteira* é o termo que possui características mais genéricas, estando num nível maior de hierarquia em relação a *meassaba*. De acordo com o DHLP, *esteira* pode ser um tecido feito de vários materiais e tem função diversificada; já no discurso das quebradeiras *esteira/meassaba* é o tecido trançado, em tiras entrelaçadas, usando a palha do olho da palmeira de babaçu. Considerando o contexto da atividade de quebra do coco babaçu, o termo *esteira*, embora contenha características específicas, ainda permanece sendo o termo mais genérico, inclusive pela abrangência do uso.

Em se tratando do termo *meassaba*, sinônimo de *esteira*, verificando dicionários específicos e vocabulários como o LPM (p. 68), conseguimos encontrar *meassaba* neste último, com a seguinte aceção: “esteira comprida que abre e fecha com várias utilidades, feita de folha de pindova<sup>26</sup>”. Desse modo, *esteira* e *meassaba* possuem traços bastante similares, o que os distingue é o traço atinente ao material com o qual é feito o objeto. Assim, *esteira* é hiperônimo de *meassaba*, uma vez que engloba em sua aceção diversos tipos de materiais, enquanto *meassaba*, termo hipônimo, restringe seu uso ao material, tendo que ser feito necessariamente de palha de pindova.

### **Conjunto 16. Forrageira: moinho**

No conjunto 16, a relação sinonímica entre os termos é motivada pelo processo metafórico, como podemos observar na Figura 35.

<sup>26</sup> Cf. conjunto 25 e Apêndice.

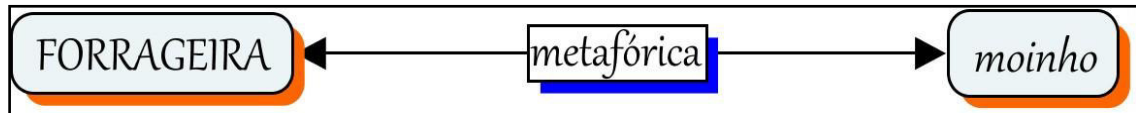


Figura 35 – Relação sinônímica do conjunto *forrageira*  
 Fonte: elaborada pela autora

Nesse conjunto, a metáfora é ativada no termo *forrageira*. O termo *moinho*, de acordo com o MDLP, é o “Engenho ou máquina de moer grão, ou de triturar determinadas substâncias.” (p. 1397) e, como DRB, a “Máquina usada na exploração agrícola para a moagem de produtos variados” (p.271). Essa acepção registrada nos dicionários é a mesma empregada pelas quebradeiras de coco – máquina usada para triturar a casca e a pele do coco babaçu; assim, consideramos *moinho* como o termo descritivo.

O termo *forrageira* é também registrado nesses mesmos dicionários, entretanto, com acepção diferente da de *moinho*. No MDLP, *forrageira* “(...) se refere a forragens. Forrageador. Plantas que servem de forragem.” (p. 981) e, no DRB, “Planta nativa ou cultivada que serve para alimento dos animais.” (p. 176). Com base nas acepções encontradas entendemos que *forrageira* trata-se de plantas que servem de alimentos. No entanto, essa relação da máquina com os alimentos não é evidente.

Em pesquisas mais avançadas no CTAA e no DUPC, constatamos que o termo *forrageira* está relacionado com o termo *forragear* que significa “ceifar forragem em; segar.” (p. 638). Com base nessa definição, é possível associar de forma mais clara a função da máquina *moinho* – triturar alimentos – com o ato de forragear que é segar. Em outras palavras, cortar alimentos (ervas, plantas, cereais). Ampliando a pesquisa, encontramos ainda uma definição que faz associação direta com a acepção empregada pelas quebradeiras. Aos buscarmos o termo *ceifar+-eira*, encontramos a seguinte acepção: “máquina, ceifador.” (p. 260). Essa definição deixa mais clara ainda a relação que se estabelece entre *forrageira* e *moinho*, uma vez que a associação não é feita apenas pela função *triturar/cortar*, mas também pela forma, ambas são máquinas.

### **Conjunto 17. Gongo:** biongo, bicho de coco

No conjunto 17, os termos sinônimos são motivados por processos metafóricos nos pares: *bicho de cocol gongo* e *bicho de cocolbiongo*, apresentados na Figura 36.

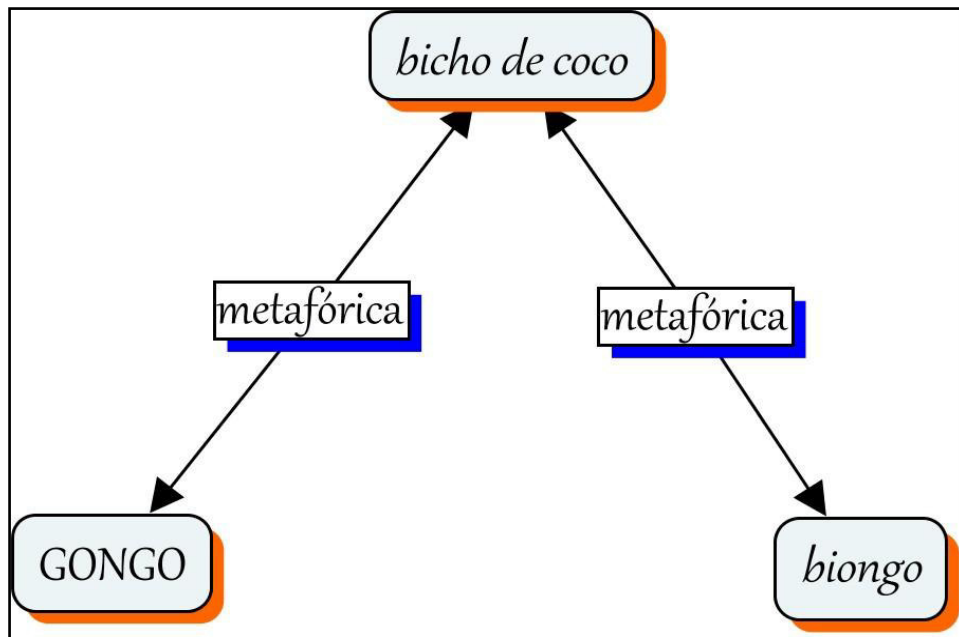


Figura 36 – Relações sinonímicas do conjunto *gongo*  
 Fonte: elaborada pela autora



Figura 37– Foto do *gongo*

Fonte: <http://saomateusdomaranhao.blogspot.com.br/2010/10/quem-ja-comeu-gongo-de-coco-babacu.html>.

Acesso em: 18 de junho de 2016

As relações sinonímicas dos termos são motivadas por processos metafóricos, porém mantêm essa relação com o termo *bicho de coco*, termo descritivo. No universo das quebradeiras de coco, o *bicho de cocol gongo* *biongo* é a larva de besouro com coloração branca, que se alimenta do caroço de coco babaçu. O primeiro elemento do sintagma *bicho de coco* já engloba essa definição, pois, segundo o DEPA, é o “hiperônimo utilizado para designar qualquer animal”, ou seja, a larva descrita pelas quebradeiras é um bicho.

No primeiro par *bicho de cocol gongo*, a relação metafórica entre os termos é ativada por meio do traço *forma*. Isso porque, ao buscarmos os conceitos de *gongo* tanto em

dicionários gerais, como em dicionários específicos e vocabulários regionais, encontramos definições como: (i) DHLP – “designação comum a todos os animais artrópodes miriápodes (...) [Vivem em lugares úmidos e escuros, embaixo de pedras ou troncos em decomposição, e evitam a luz.]” (p. 1465); (ii) DBB – “Bicho do coco babaçu. (DV) - provavelmente de gongolo\* (quimbundo).” (p. 126); (iii) VAB – “centopéia. Kimb. Kik.” (p. 254) e (iv) LPM – “Bicho de coco Babaçu.” (p.45), respectivamente.

Embora tenhamos encontrado a definição de *gongo* como bicho de coco babaçu, *gongo* é uma palavra de origem africana do *kimbundo* – gongolo – “nome popular da centopéia” (LPM, p. 45), assim como também registrado no VAB. Desse modo, podemos inferir que a designação *gongo* para o bicho de coco babaçu é feita por meio dos traços que permitem aproximar as duas entidades, pois ambas são animais invertebrados, pequenos que vivem em lugares úmidos e com pouca luz. Acresce-se a isso o fato de a centopeia e o *bicho de coco babaçu* apresentarem formas semelhantes.

Já nas questões atinentes ao par *bicho de coco/ biongo*, ao buscarmos a motivação da relação sinonímica, encontramos em apenas dois dicionários o registro do termo *biongo* sem alusão a qualquer animal, diferentemente das acepções encontradas para *gongo*. No DHLP, *biongo* é um “Casebre de palha; choça, palhoça, que designam local em que se vende ou ingere bebida alcoólica.” (p. 329) e, no MDLP, “Casebre (...) esconderijo”. (p. 329). Mesmo que essas acepções não estabeleçam uma relação direta com o universo animal, podemos inferi-la por meio de alguns traços presentes em *casebre* e *esconderijo*. Assim, como o *casebre* é um lugar, o coco também o é e serve de casa, habitação, *esconderijo* para o *biongo*: o *biongo* entra no coco babaçu, se aloja e se alimenta do caroço de coco babaçu. Desse modo, conseguimos associar a designação *biongo* para *bicho de coco*.

### **Conjunto 18. Jacá:** cesto

No conjunto18, verificamos sinonímia entre termos que mantêm relação de hiperonímia/hiponímia.





Figura 38 – Relação sinonímica do conjunto *jacá*  
 Fonte: elaborada pela autora



Figura 39 – Foto do *jacá*  
 Fonte: Carazza (2012, p. 20).

Os termos *cesto* e *jacá*, na terminologia do babaçu, são usados como termos sinônimos para designar o utensílio feito de fibra/cipó entrançado que serve para transportar o babaçu, geralmente em lombo de animais. Os traços apresentados nesse conceito estão presentes no conceito de *cesto* e *jacá*, entretanto, o conceito de *cesto* é mais genérico, possui traços mais gerais que podem agregar traços mais específicos, como o tamanho, o material com que é

feito o cesto e a sua utilidade. O termo *jacá*, por sua vez, possui uma relação de hiponímia com o termo *cesto*, pois apresenta traços mais característicos, restringindo o tipo de cesto, como por exemplo: em relação ao material, não podendo ser de plástico, ou madeira, mas sim de palha, cipó, taquara ou fibra, elementos que estão presentes no ambiente rural; ao uso, o *jacá* serve para transportar objetos e, geralmente, é conduzido em lombo de animais.

Nessa hierarquia, verificamos a proximidade dos conceitos de *cesto* e de *jacá* na terminologia aqui estudada, entretanto, o uso desses termos como sinônimos está restrito a um discurso especializado. O que acontece conceitualmente é que na língua corrente é comum o uso do termo *cesto* para designar esse tipo de utensílio e isso favorece o emprego desse termo, mesmo que genérico, no discurso especializado, enquanto que o termo *jacá* remete a um contexto mais específico, sendo utilizado, sobretudo, nas atividades agroextrativistas, que é o caso da quebra do coco babaçu.

### Conjunto 19. Leite de coco: vinho de coco

No conjunto 19, verificamos a sinonímia entre termos que mantêm relação metafórica.



Figura 40 – Relação sinonímica do conjunto *leite de coco*  
Fonte: elaborada pela autora

Nesse conjunto sinonímico, o processo metafórico se dá entre os primeiros elementos dos sintagmas *leite de coco*/*vinho de coco*. A metáfora é ativada no termo *vinho*, uma vez que o termo *leite* é o termo descritivo. De acordo com MDLP, *leite* é o “Líquido branco (...) Suco branco de alguns vegetais. Tudo o que parece leite: *Leite de coco*.” (p. 1238-1239), e, no universo das quebradeiras, é a substância líquida de coloração branca obtida por meio do processo de esmagação do caroço do coco babaçu com o acréscimo de água. *Vinho*, termo considerado metafórico, possui em seu conceito características que nos permitem associá-lo a traços presentes no conceito de *leite de coco*. Em pesquisas feitas no DHL, *vinho* significa a “Bebida resultante da fermentação alcoólica da uva. Produto oriundo da fermentação do suco da esmagação ou maceração das células das uvas (...) licor fermentado extraído de vegetais.” (p.2864). Com bases nessas definições, conseguimos associar traços em relação à forma, como “bebida”, ou seja, uma substância que se bebe: líquida; e ao trato no processo de

produção: “esmagação” – assim como para a obtenção do vinho é necessária a esmagação da uva, para a obtenção do *leite de coco* é necessária a trituração/esmagação do caroço do coco babaçu. Além disso, o *vinho* é extraído de vegetais, assim como o *leite de coco*.

**Conjunto 20. Massa de coco:** massa branca, mesocarpo, fubá

No conjunto 20, temos sinonímia entre termos que mantêm relação metafórica nos pares: *massa do coco/mesocarpo*, *massa do cocol/ massa branca* e *massa do cocol/ fubá*.

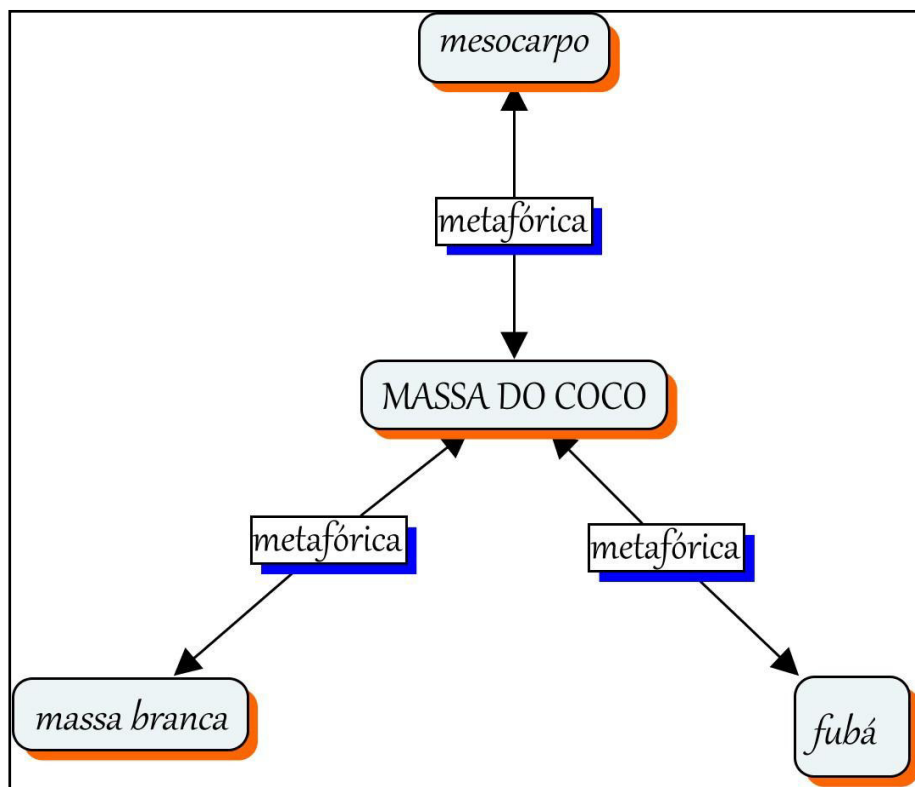


Figura 41 – Relações sinonímicas do conjunto *massa do coco*  
Fonte: elaborada pela autora



Figura 42 – Foto da *massa do coco*  
Fonte: Projeto ALiMA

No primeiro par, *massa do coco/mesocarpo*, a metáfora está presente em *massa do coco*, termo selecionado como principal no conjunto sinonímico. O termo *mesocarpo*<sup>27</sup>, de acordo com nossas pesquisas, é o termo utilizado pelo técnico para designar a massa que fica entre a pele e a casca do coco babaçu, utilizada para fins alimentícios, cosméticos e medicinais, que pelas quebradeiras é denominado *massa branca, massa do coco e fubá*. *Mesocarpo*, no DCLP (p. 919), quer dizer “camada intermediária, que nos frutos carnosos tem maior espessura, constituindo a polpa”. O radical *meso* vem do grego e quer dizer “meio” e o radical *carpo* também vem do grego e quer dizer “osso”.

*Mesocarpo e massa do coco* possuem características em comum, uma vez que ambos encontram-se entre a pele e a casca do coco. Soma-se a isso o fato da polpa, que constitui o *mesocarpo*, corresponder à *massa*, em se tratando do aspecto. Daí, *mesocarpo*= massa.

No par *massa do cocol massa branca*, a relação metafórica encontra-se entre os determinantes dos termos sintagmáticos *cocol/branca*, uma vez que os dois termos possuem a mesma base *massa*; enquanto o primeiro é descritivo, ou seja, determina o tipo de fruto a que se refere a massa; o segundo, *branca*, determina a cor da *massa*. A *massa do coco* por possuir coloração branca acaba recebendo a designação *massa branca*. Isso acontece porque, ao nomear as coisas e os objetos, as quebradeiras utilizam-se de traços presentes nos conceitos dos objetos e fazem associações por meio desses traços. Assim, no termo *massa do coco* a característica essencial está relacionada com o tipo de fruto, enquanto no termo *massa branca* a característica essencial está relacionada à característica que diz respeito à coloração.

Já o par *massa do cocol fubá* apresenta relação metafórica entre a base do sintagma do primeiro termo *massa* e *fubá*. O termo *fubá*, do *kimbundo*, significa, segundo o DBB (p.114), “farinha de milho ou de arroz”. O DHLP (p.934) também registra essa mesma acepção, destacando como regionalismo do Brasil, e acrescenta outra acepção, decorrente da mudança de classe gramatical do item, agora registrado como adjetivo, “que tem pelo alvamento”, ou seja, de cor quase branca ou esbranquiçada. A primeira associação que podemos fazer em relação a esses dois termos se dá pelo fato de que da *massa do coco* podemos fabricar uma farinha. A farinha é obtida por meio da secagem e trituração da *massa do coco (mesocarpo)*. A massa é transformada em pó, que posteriormente é peneirado e dá origem à farinha. Em outras palavras, o *fubá* é um dos produtos fabricados com a *massa do*

<sup>27</sup> Termo registrado no discurso das quebradeiras de coco. Entretanto, vale destacar que seu aparecimento deve-se ao contato das quebradeiras com técnicos da área, como podemos observar no depoimento de uma quebradeira de coco: INF. “Aí a gente tira o anticasco vermelho, aí ficou a massa do coco, que hoje a gente tá chamando mesocarpo, do babaçu...” INQ. “Hoje chama mesocarpo, e antes, como é que vocês chamavam?” INF. “Nós chamava mesmo era de massa.” INQ. “Massa? E porque que a senhora chama hoje de mesocarpo? Por que houve a mudança?” INF. “É porque vieram trabalhar com nós, aí gravaram nós. Aí eu só uso mesmo mesocarpo lá em Itapecuru Mirim.”

*coco*. Entretanto, no universo linguístico-cultural estudado, *fubá* não é entendido como produto e sim como sinônimo de *massa do coco*.

Outra associação dos conceitos dos termos em análise diz respeito à cor. Como vimos na análise do segundo par, a cor da massa é uma característica evidenciada nos conceitos, sendo ela de cor branca. Considerando as explicações já apresentadas e a acepção de *fubá* como adjetivo no DHLP, entendemos que a associação entre *massa* e *fubá* também pode ser dada pelo aspecto coloração.

### Conjunto 21. Mangará: pendão

No conjunto 21, verificamos sinonímia entre termos que mantêm relação metafórica.

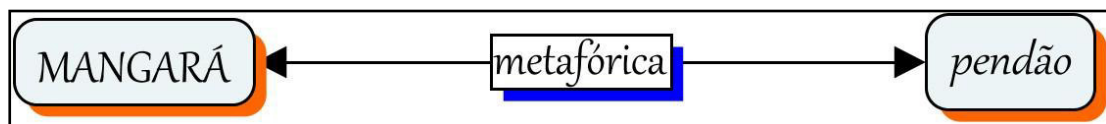


Figura 43 – Relação sinônima do conjunto *mangará*  
Fonte: elaborada pela autora



Figura 44 – Foto do *mangará*  
Fonte: Projeto ALiMA

Neste conjunto, podemos encontrar a metáfora ativada no termo *pendão*, uma vez que o termo *mangará*, no universo das quebradeiras de coco, é a extremidade da inflorescência ligada ao tronco da palmeira de babaçu, definição esta também encontrada no

DHLP (p. 1233), como “inflorescência da bananeira”, sendo considerado um regionalismo do Nordeste. O termo *pendão*, de acordo com nossas pesquisas, *a priori*, quer dizer “bandeira, estandarte que vai à frente das tropas ou das procissões”, entretanto, em uma de suas acepções, conotativamente, pode se referir à inflorescência do milho, essa acepção é registrada no NDCLP (p. 1047). Com base nessas informações, podemos inferir que o uso do termo *pendão* deve-se à associação entre a forma como o *mangará* encontra-se pendurado na palmeira e a forma de um estandarte, de uma bandeira desfraldada presa em uma haste.

### Conjunto 22. Paçoca de babaçu: farofa

O conjunto 22 apresenta termos sinônimos que possuem a relação hierárquica de hiperonímia/hiponímia: *farofa/paçoca de babaçu*. Vejamos a Figura 45.

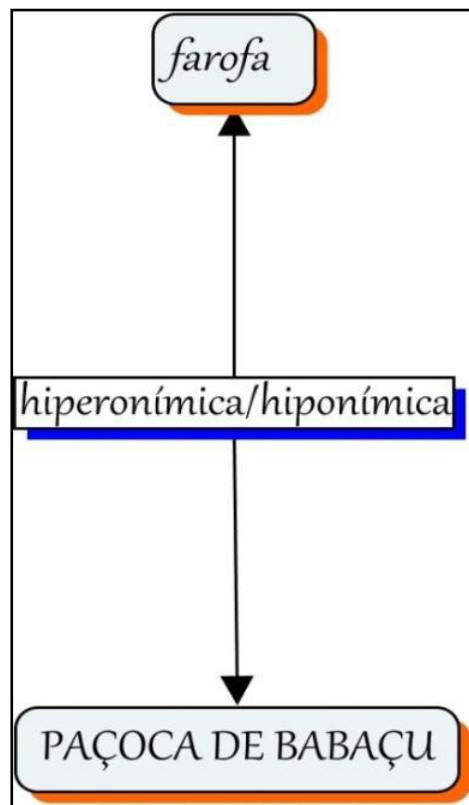


Figura 45 – Relação sinônima do conjunto *paçoca de babaçu*  
Fonte: elaborada pela autora

O par *farofa/paçoca de babaçu*, assim como em outros conjuntos já apresentados, possui uma relação de hiperonímia/hiponímia. Em outras palavras, conceitos superordenados e subordinados que podem ser evidenciados entre o termo *farofa* e o primeiro constituinte do sintagma *paçoca de babaçu*. Esses termos, no discurso das quebradeiras de coco, são

sinônimos usados para designar a mistura feita com farinha e azeite de coco babaçu, podendo ser acrescentados outros ingredientes.

No conjunto em análise, o termo mais genérico é *farofa*, por possuir traços mais gerais, e o mais específico, *paçoca de babaçu*, por possuir traços mais específicos, que podem ser agregados aos gerais. Por exemplo, o termo *farofa*—que, segundo o DBB, quer dizer “mistura de farinha com gordura e às vezes com outros alimentos” (p. 100) ou ainda, de acordo com o NDLLP, “Farinha de mandioca torrada ou escaldada com manteiga ou banha, às vezes misturada com ovos, carne” (p. 834) – agrega o conceito empregado pelas quebradeiras de coco, pois entre estas é considerado como a mistura de farinha com um ingrediente gorduroso.

*Paçoca*, por sua vez, restringe os ingredientes e a forma como é feita. Na busca de definições mais específicas, encontramos *paçoca* registrada no MCA que a define como “a amêndoa da castanha assada – e socada num pilão com farinha-d’água, sal e açúcar. Reduzido tudo a pequeninos grãos, impregnada a farinha de óleo e açúcar (...)” (p. 130). Embora na definição encontrada no MCA, *paçoca* remeta ao doce e não à *farofa*, podemos ativar o traço que remete à forma como é feita a *paçoca* (doce) e assim associar *paçoca* a *farofa*. Essa característica no trato para fazer a *paçoca* é evidente quando buscamos a etimologia do termo que, segundo o DHOT, é de origem tupi “pa’soka ~ *Pilar no pilão*=Aioçoc. (...) Iguaria preparada com carne socada no pilão” (p. 225-226), e, segundo o DELPN, vem do tupi “*paçoca*, de *po-çoc*, «esmigalhar com a mão»” (p. 276). Com base nessas informações de natureza etimológica, inferimos que, para a obtenção da *paçoca*, necessita-se pilar/esmigalhar a farinha, enquanto que para a *farofa*, torna-se necessário fazer apenas a mistura.

Desse modo, *paçoca* é mais específico, pois abriga em seu conceito características que restringem a sua feitura, enquanto que *farofa*, termo mais genérico, abriga as características de *paçoca de babaçu*. Para o DENFLP, *paçoca* é a “Iguaria preparada com carne desfiada e farinha de mandioca socada no pilão” (p.570). Há mais um argumento que dá sustentação à relação sinonímica ora analisada: a inserção de ingredientes como a carne desfiada na feitura da *paçoca*.

### **Conjunto 23. Palmeira macho: palmeira manina**

No conjunto 23, a sinonímia entre os termos sintagmáticos *palmeira macho*/*palmeira manina* são motivados por processos metafóricos, apresentados na Figura 46.

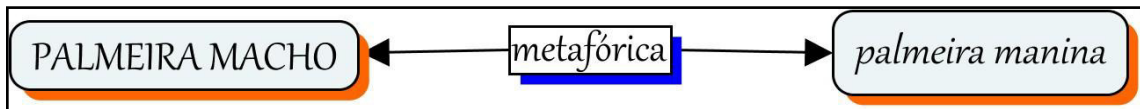


Figura 46 – Relação sinônima do conjunto *palmeira macho*  
 Fonte: elaborada pela autora

No par em análise, a metáfora está presente no determinante do termo sintagmático *palmeira manina*. Os termos que compõem este grupo se referem à palmeira de coco babaçu que não dá frutos. O determinante *macho*, denotativamente, de acordo com o DHLP (p.1210), registra em uma de suas acepções, em se tratando de plantas, aquela que “não produz frutos”. A relação estabelecida pelo conceito do termo é facilmente resgatada, sendo mais evidente e clara essa designação, diferentemente do determinante do sintagma *palmeira manina*.

Para entender o uso do determinante *manina* para designar a palmeira de babaçu que não produz frutos, lançamos mão do MDLP (p. 1315), no qual encontramos o registro do termo *manina* como designativo “da vaca que não emprenha”. Convém destacar que *manina* é, segundo o MDLP, uma corruptela de *maninha*, que significa “estéril, infecundo”. Embora o uso do termo *manina* não possibilite uma associação automática, pelo fato de que se trata de uma planta, a aproximação semântica é feita por meio dos conceitos relacionados ao mundo animal e vegetal, traços presentes em ambos, como o da *infertilidade*.

#### **Conjunto 24. Pele: casca**

No conjunto 24, verificamos sinonímia entre os termos que mantêm relação de hiperonímia/hiponímia: *pele/casca*, respectivamente, como podemos observar na Figura 47.



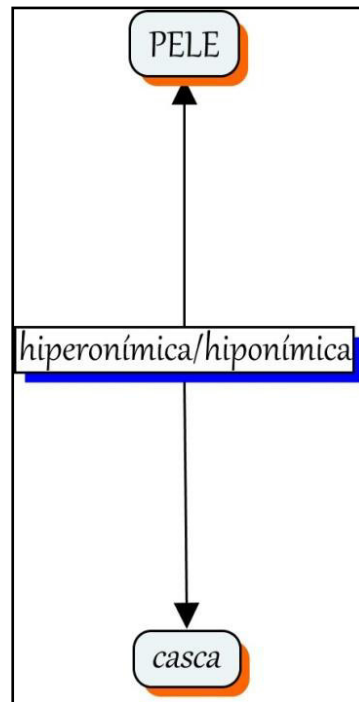


Figura 47 – Relação sinonímica do conjunto *pele*  
 Fonte: elaborada pela autora



Figura 48 – Foto da *pele*  
 Fonte: Projeto ALiMA

Neste conjunto, as relações sinonímicas entre os termos são estabelecidas pela hierarquia dos seus conceitos, em que *pele* é o termo que possui conceito mais abrangente/genérico, e *casca* possui conceito menos abrangente/específico. Desse modo, *pele* é hiperônimo de *casca*<sup>28</sup>.

Para melhor entender essa relação entre os conceitos de *pele* e *casca*, buscamos a acepção registrada no DHLP, que define *pele* como “Camada externa que limita o corpo de

<sup>28</sup>Vale lembrar que o termo *casca* já foi analisado no conjunto 8, entretanto, designando um outra entidade. No discurso das quebradeiras, *casca* é polissêmico e assume mais de uma acepção. (cf. conjunto 8).

um animal (...) O órgão que envolve o corpo dos vertebrados (incluindo o homem) (...) Envoltório de certas frutas ou legumes; casca.” (p. 2171). Essas acepções nos permitem afirmar que o termo *pele* pode ser a camada externa presente no animal e no vegetal. No universo das quebradeiras de coco, esse conjunto designa o invólucro que cobre o coco babaçu, a parte mais externa do coco, função esta desempenhada pela *pele*.

O uso de *casca* restringe o conceito de *pele* que está presente nos animais e nos vegetais. Desse modo, *casca* é o termo mais específico, utilizado para aludir apenas ao universo vegetal (plantas e seus frutos).

### Conjunto 25. Pindova: cachoeiro, palmeira nova, caçoteira, palmito

No conjunto 25, verificamos a sinonímia entre cinco termos que mantêm relação metafórica com o termo *palmeira nova*, são os pares: *palmeira nova/caçoteira*, *palmeira nova/cachoeiro*, *palmeira nova/palmito* e *palmeira nova/pindova*, como podemos observar na Figura 49.

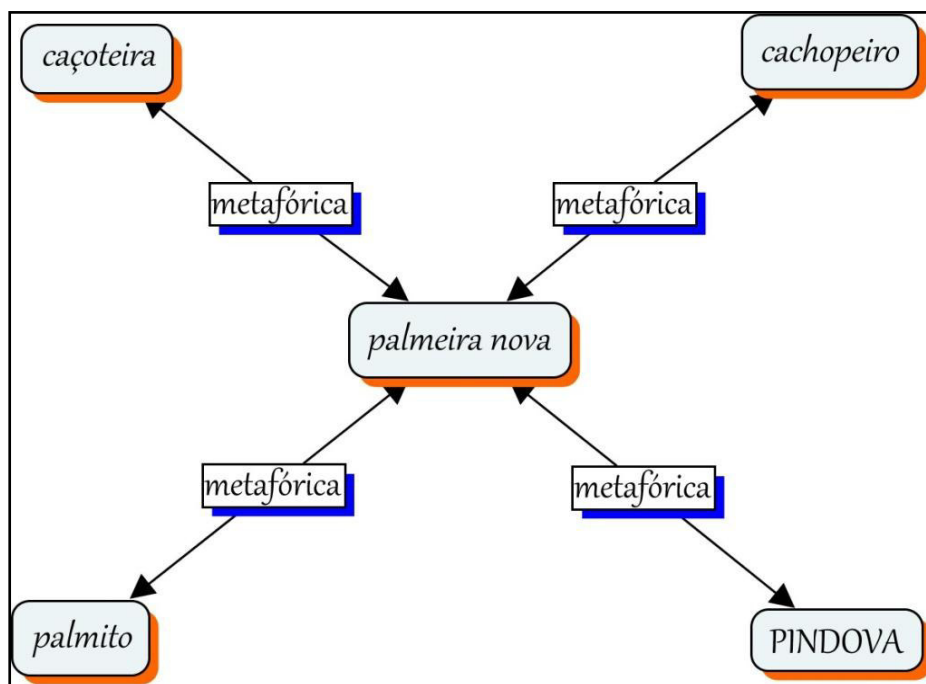


Figura 49 – Relações sinonímicas do conjunto *pindova*  
Fonte: elaborada pela autora

Os termos sinonímicos do conjunto 25 estão relacionados com o termo *palmeira nova*, que é o termo descritivo que designa a palmeira de babaçu nova ainda sem cachos.

Em se tratando do primeiro par *palmeira nova/caçoteira*, a metáfora é ativada no termo *caçoteira* que no discurso das quebradeiras é um adjetivo que qualifica a palmeira.

*Caçoteira* é formado por *caçote*+*-eira*. Segundo o VAB, *caçote* vem do kimbundo *kazote* e significa “pequena rã ou sapo.” (p. 187); no DBB, é a “designação popular para os sapos e pererecas de pequeno porte.” (p. 59). Com base nas acepções registradas no VAB e no DBB, podemos fazer associações em relação ao traço semântico que faz referência ao tamanho/porte do sapo e da rã com o tamanho/porte da palmeira de babaçu nova, quando ainda é pequena. Essa característica comum entre o universo animal (sapo/rã) e o universo vegetal (palmeira) aproxima esses dois termos e, desse modo, é possível fazer associações metafóricas.

Em relação ao segundo par *palmeira novalcachopeiro*, a metáfora é ativada no termo *cachopeiro* que corresponde a *cachopa*+*-eiro*. O termo *cachopa* já foi analisado no conjunto 6, entretanto, para a análise deste conjunto (25), focamos outros traços desse mesmo item e trabalhamos com a definição encontrada em outros dicionários e, assim, conseguimos fazer associações do uso de *cachopa* também relacionado à *palmeira nova*. No NDLLP e no DLP, em uma de suas acepções, *cachopa* significa “Rapariga; moça” (p. 308) e “Menina, rapariga” (p. 316), respectivamente. O traço evidente apresentado na acepção dos dicionários portugueses<sup>29</sup> que possui relação com *palmeira nova* está presente em ‘rapariga, moça e menina’, todas essas características remetem a uma pessoa do sexo feminino que é jovem/nova, ou ainda criança, que metaforicamente possuem relação com *palmeira nova* que ainda é ‘jovem’, não possui cachos, assim como a moça não possui filhos. Nesse par, observamos então uma atribuição de uma característica humana a uma planta.

No terceiro par *palmeira novalpalmito*, a metáfora é ativada no termo *palmito*. O uso desse termo para designar a palmeira nova que ainda não possui cachos faz associação com uma das acepções encontradas para *palmito*. No DRB, registra-se esse termo com a seguinte acepção: “Broto terminal do caule das palmeiras que é comestível em várias espécies. Por extensão, palmeiras produtoras de palmito.” (p. 297). Considerando que a palmeira de babaçu também produz palmito, a associação metafórica é ativada por meio do traço relacionado ao fato de o palmito ainda ser um broto, início do desenvolvimento de um ramo, de uma nova planta, assim como a palmeira que ainda é nova e ainda está crescendo.

No quarto par *palmeira novalpindova*, a metáfora é ativada no termo *pindova*, que, *a priori*, poderia ser considerado um termo descritivo se recorrêssemos apenas às informações

---

<sup>29</sup>Convém destacar que o DLP, em sua primeira edição, informa ao leitor que a obra é composta pelo Padre Raphael Bluteau e reformada e acrescida por Antônio de Moraes Silva, que é natural do Rio de Janeiro. Na segunda edição, usada nesta dissertação, consta na página de rosto que o dicionário foi recopilado por Moraes Silva. Segundo Correia (2009, p. 115), “o dicionário de Moraes acompanhou a língua portuguesa, em Portugal e no Brasil, durante cerca de dois séculos, tendo conhecido diversas edições (...) O dicionário de Moraes foi efectivamente o grande dicionário de referência português durante décadas...”.

etimológicas contidas no DENFLP e no TAIB, que registram *pindova* como uma palavra de origem tupi *pi'noua*<palmeira. A etimologia nos levaria, portanto, a inferir uma relação descritiva entre o que registram os dicionários citados e o uso que do termo é feito pelas quebradeiras de coco.

Contudo, ao buscarmos mais informações a respeito do termo *pindova*, encontramos uma possível motivação para o estabelecimento de uma relação metafórica. No TAIB, encontramos *pindova* relacionado à *pindaíba* “do tupi pina' iua<pi'na 'anzol' + ïua 'haste” (p. 592), o que nos leva a inferir que a *palmeira nova* possui uma haste em forma de ‘anzol’ (pequena copa), pois ainda está se desenvolvendo. No DELMP, *pindaíba* remete à “falta de dinheiro (...) estar na pindaíba, estar em dificuldade, em extrema penúria” (p. 366). Então, metaforicamente, associamos o sentido figurado com o traço *falta/penúria*. Em outras palavras, uma palmeira que não possui cachos, folhas e flores.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho buscamos reconhecer os termos sinônimos e os processos que motivam a presença desses sinônimos na terminologia do babaçu do Maranhão, com base na fala das quebradeiras de coco. A seleção e análise dos dados nos permitiram fazer algumas afirmações que se encontram sintetizadas nos seguintes pontos:

- Há discussões entre os estudiosos que se debruçam sobre o fenômeno da sinonímia, tanto no âmbito da Semântica, quanto no da Terminologia, e muitos deles divergem; alguns consideram a existência da sinonímia perfeita, outros, a quase-sinonímia.
- A sinonímia é vista, por alguns autores, como um empecilho no discurso especializado, enquanto outros autores a reconhecem e aceitam como um fenômeno intrínseco e imprescindível nas terminologias.
- Ratificando a ideia de alguns autores que reconhecem e aceitam a sinonímia no discurso especializado, nosso trabalho evidencia a presença significativa da sinonímia: no total foram somados 83 termos; destes, 42 possuem sinônimos, contabilizando 123 sinônimos.
- Foram analisados 25 conjuntos sinonímicos com 72 termos, o que gerou a análise de 51 relações. Dentre as 51 relações, 36 são metafóricas, 12 hiperonímicas/hiponímicas, duas holonímicas/meronímicas e uma metonímica;
- O processo que motiva as relações entre os termos sinônimos mais produtivo é o processo metafórico, contando com mais de 70% das relações analisadas.
- O uso de dicionários gerais, etimológicos e específicos e vocabulários regionais foi imprescindível na busca das acepções, origens e etimologias dos termos, com vistas a realizar uma análise mais rica e consistente. No total foram consultadas 22 obras e destas 21 foram utilizadas para análise, sendo seis dicionários gerais, cinco dicionários etimológicos, sete dicionários específicos e três vocabulários regionais.
- As quebradeiras, ao nomear as entidades presentes na atividade de quebra do coco, demonstram o conhecimento empírico da atividade e a criatividade no ato de nomeação.
- Os termos usados pelas quebradeiras de coco configuram a visão que elas têm desse universo, e o registro desses termos é de suma importância para preservar a memória cultural, que envolve não só a economia, mas também uma tradição passada de geração para geração.

- O contato com profissionais de indústrias que trabalham com técnicas de uso e manuseio do babaçu contribuiu para o registro de termos que fazem parte de um discurso “mais técnico” e que é usado pelas quebradeiras. Esse contato, que traz para as quebradeiras ganhos com a apropriação de técnicas mais eficazes, modernas que geram economia, estimula também a apropriação da variedade linguística usada pelo técnico. É exatamente essa interferência na nomeação de alguns termos para designar entidades do universo das quebradeiras, como por exemplo, a sobreposição do uso de *mesocarpo* no lugar de *massa do coco* que ilustra o trecho a seguir:

(...)

INQ - E aqui mesmo, na localidade, todo mundo chama *mesocarpo*?

INF - Não, não. Eles ainda acham estranho esse negócio de *mesocarpo*. Inclusive, eu fiz uns biscoitos aqui e vendi, de mesocarpo, e uma colega minha chegou e disse assim: “Ah, eu comi um biscoito tão gostoso feito de pódarco”, entendeu? Ela é lá da Associação das Quebradeiras de Coco. Para ela, era feito desse material, até que eu brincando com ela disse: “Desse jeito tu me deixa lá embaixo. Porque estou produzindo é do coco babaçu, que é do pó, que o nome é chamado *mesocarpo*”. Para nós, é a *massa do coco*!

(...)

INF - É assim, porque depois que é... surgiu esse projeto, né? A questão do coco foi conhecida no Brasil inteiro. Que hoje a gente já tem no Maranhão, o Maranhão inteiro já conhece, né? A arte do coco, né? Ali, eles... através de curso, de palestras, que surgiram esses nomes. Da *fibra*, do *mesocarpo*... da *amêndoa*...

INQ - E com o pessoal chegando aqui, e tudo, aí vocês foram...

INF - Foram modernizando, esses nomes com esses outros nomes. Até mesmo porque, eu acho... para mim, sempre vai ser é... *caroço*, *pele*, *casca*, entendeu? Até mesmo, porque minha mãe e meu pai me criaram e sustentaram nesse produto do babaçu que para nós, não era babaçu, era o *coco*. Aí hoje a gente já conhece como *babaçu*.

(Inf: L.B\_02PV)

Com base na análise dos dados, este trabalho apresentou uma descrição da sinonímia na Terminologia do babaçu, segundo os aspectos semânticos; os processos que motivaram a criação de sinônimos; além de como esse conhecimento é organizado. Observamos ainda que os termos utilizados pelas quebradeiras possuem, em seus conceitos, traços que permitem fazer associação; algumas vezes, de forma simples e clara; outras requerem que percorramos um caminho mais longo, fazendo associações com entidades de outro universo, sendo resgatado por alguma característica relacionada com a forma ou a função.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Mariângela. *A elaboração de um dicionário terminológico da economia: aspectos da sinonímia nos discursos especializados*. 2006. 136p. Tese (Doutorado em Letras). Curso de Pós – Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AUGER, Pierre. Essai d'elaboration d'um modele terminologique/ terminographique variationniste. In: *TradTerm*. v.7. São Paulo: Humanitas, 1994.
- AULETE, Caldas. *Novíssimo dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Parassinonímia, funções e relatividade. In: *Revista do GELNE/Universidade Federal do Ceará*, Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, v.1, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1999.
- BARROS, Lídia Almeida. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BORBA, Francisco S. *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.
- BOUTIN-QUESNEL, Rachel. *et al. Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Publications du Québec: 1985.
- CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología: Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/ Empúries, 1993.
- \_\_\_\_\_. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada – Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación*. In: Simpósio Ibero-Americano de Terminologia, 7, 1998. Havana. *Anais...* Lisboa: Colibri, 2002. p. 41-60.
- CARRAZZA, Luis Roberto; SILVA, Mariane Lima da; ÁVILA, João Carlos Cruz. *Manual Tecnológico de Aproveitamento Integral do Fruto do Babaçu*. Brasília – DF. Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). Brasil, 2012.
- CASTRO, Yeda Pessoa de Castro. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Salvador: Topbooks, 2001.
- CONTENTE, Maria Madalena Dias Marques. *Terminocriatividades, sinonímia e equivalência interlinguística em medicina*. Lisboa: Edições Colibri, 2008.
- CONTENTE, Maria Madalena *etal. Siminologia e tipologia constrativa da sinonímia terminológica em Medicina*. Riterm – Revista Debate Terminológico. N. 1 – 03/2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/21289/12269>. Acesso em junho de 2016.
- CORREIA, Margarita. *Os dicionários portugueses*. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.



COROMINES, Joan. *Breve dicionário etimológico de la lengua castellana*. 3.ed. Madrid: Editorial Gredos, 2011.

COSTA, João da. *Dicionário rural do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Histórico das palavras Portuguesas de origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos; Editora Universidade de São Paulo, 1989.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dic. Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. 15 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

FAULSTICH, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Cienc. Cult.*, v.58, n.2, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GAUDÊNCIO, Thiago Carvalho. *A sinonímia na terminologia do direito trabalho e processo trabalhista: uma análise no texto sentença judicial*. São Paulo, 2011. 144p. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOPES, Nei. *Dicionário Banto do Brasil*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Centro Cultural José Bonifácio, 1993-1995.

LUCENA, Josete Marinho de. *Uma palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu*. Fortaleza, 2008. 155 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*: projeto DEPARC. Salvador: EDUFBA, 2013.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 6.ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. 5 v.

MARANHÃO, Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres, Frei. Poranduba maranhense. *Revista de Geografia e História*, São Luís, n. 1, dez.1946. Separata.

MATEUS, Maria Helena; XAVIER, Maria Francisca. (Orgs.). *Dicionário de Termos Linguísticos*. Lisboa: Cosmos, 1992.2v.

MELO, Ludmila Gratz. *O léxico do babaçu: um estudo com base no corpus constituído para o ALiMA*. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2013. 18 p. Relatório de Pesquisa. (Iniciação Científica).

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramento, 1998.

- MORAIS, Raimundo. *O meu dicionário de cousas da Amazônia*. Brasília: Senado Federal, 2013.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955. 2 v.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Tupi Antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.
- Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa. Porto: Lello Editoras, 1996.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.v. 1.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.
- SHIRAIISHI NETO, Joaquim. *Leis do babaçu livre – práticas jurídicas das quebradeiras de coco babaçu e normas correlatas*. Manaus, AM, UFAM/Fundação Ford, 2006, 77p.
- SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Litho - Typographia Fluminense, 1922. *Fac-simille* da 2ed.[1813].
- SILVA, Deonísio da. *De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa*. 17.ed.Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.
- SINCLAIR, John. *Corpus and Text: Basic Principles*. In: *Developing Linguistic Corpora: a Guide to Good Practice*, ed. Martin Wynne. Oxford: Oxbow Books, 2005. Disponível em: <http://seer.ufg.br/riterm/article/view/21289/12269>. Acesso em maio de 2016.
- SOUZA, Osvaldo Martins Furtado de. *Caderno de Têrmos Aplicados à Agricultura*. 2.ed. Recife, 1970.
- STRADELLI, Ermano. *Vocabulário Português-Nheengatu, Nheengatu-Português*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.
- TERMMEMAN, Rita. *Sociocognitive Terminology Theory*. In: *Terminologia e cognición*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2001.
- ULLMANN, Stephen. *Uma introdução à ciência do significado*. 3ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- VIEIRA FILHO, Domingos. *A linguagem popular do Maranhão*. São Luís: São Luís, 1979.
- WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília, INL, 1973.
- WÜSTER, E. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Traduc. María Teresa Cabré. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada – Universitat Pompeu Fabra, 1998.

## APÊNDICES

## VERBETE DAS OBRAS CONSULTADAS

DICIONÁRIOS	TERMOS
<b>A</b>	
<b>ÁGUA</b>	
<b>DHLP</b>	substantivo feminino. 1substância (H <sub>2</sub> O) líquida e incolor, insípida e inodora, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; (...) 3líquido que corre das árvores quando feridas ou queimadas; 4suco de certos frutos; 5 qualquer secreção orgânica aquosa, como suor, saliva, lágrimas, humor, urina etc. p. 72
<b>AMÊNDOA</b>	
<b>NDLLP</b>	Amêndoa, <i>s.f.</i> Fruto da amendoeira.    Essa fruta confeitada.    A semente de qualquer caroço.    Presente da Semana Santa (geralmente uma caixa de amêndoas.    Cavidade relativamente pequena parcial ou completamente cheia de minerais secundários. p.95
<b>DELPN (v. I)</b>	Amêndoa – Do gr. <i>Aygdále</i> , pelo lat. <i>Amygdala</i> ; esp. <i>almendra</i> , it. <i>Mandorla</i> , fr. <i>Amande</i> . O <i>Appendix Probi dá amiddula</i> (140). No <i>Corpus Glossariorum Latinorum</i> , III, 316, 4, aparece <i>amyndalac</i> com rara assimilação, à distância, de consoantes separadas. V. M. Lubke, <i>Introdução</i> , 136; Cornu, <i>Port. Spr.</i> 130, Cortesão dá uma citação em <i>Lege. Brachet</i> cita <i>amandalariun</i> capitular de Villis. p.25
<b>DENFLP</b>	Amêndoa <i>sf.</i> 'Fruto de uma planta da fam. das rosáceas'   XVII, <i>almendra</i> XV   Do lat. <i>Amydala</i> , deriv. Do gr. <i>Amygdále</i>    amenoADO XVI    amendoEIRA XVII    amendoEI. RANA 1899. p.39
<b>DRB</b>	Parte interna da semente que, nos angiospermas, é representada pelo albumen e embrião e, nos gimnospermas, pelo embrião e endosperma. p.26
<b>MDLP</b>	<i>sf.</i> ( <i>Latvilgamendula</i> , <i>gramygdále</i> )1 Fruto de várias árvores frutíferas chamadas <i>amendoeiras</i> . 2O caroço que contém a semente. 3Qualquer semente contida em caroço. 4Qualquer

	<p>semente isolada do seu invólucro ou espermoderma. A. -amarga: semente de uma variedade da amendoeira comum (<i>Prunus amygdalus amara</i>), que tem gosto muito amargo. A. -doce-coco Bot: variedade de amendoeira, de caroço bastante quebradiço (<i>Amaygdalus communis fragilima</i>). A. -doce: semente doce, comestível, de uma variedade da amendoeira comum (<i>Prunus amygdalus dulcis</i>). A.-dos-andes: o mesmo que <i>castanha-de-macac</i>. A. - molar. Bot. Variedade de amendoeira, de caroço fácil de quebrar (<i>Amaygdalus communis fragilis</i>)</p> <p>p. 128</p>
<b>AZEITE</b>	
<b>MDLP</b>	<p><i>sm(ár az-zait)</i> <b>1</b> Óleo que se extrai da azeitona. <b>2</b> Óleo extraído de outras plantas. <b>3</b> Óleo extraído da gordura de certos animais. <b>4</b> O fruto da oliveira. <b>5</b> Lubrificante. <b>6</b> Namoro. <b>7</b> Capricho, mau humor, zanga. <i>A-de-aroeira</i>: goma-resina, extraída da aroeira vermelha. A. -<i>de-carrapato</i>: óleo de rícino ou de mamona. A.-<i>de-cheiro</i>: <i>azeite-de-dendê</i>. A. - <i>de-dendê</i>: o que se extrai do fruto da palmeira do dendê. A.-<i>doce</i>: o que se extrai da azeitona. A.-<i>virgem</i>: o que primeiro se extrai da azeitona sem auxílio da água quente. <i>Deitar azeite no fogo</i>: irritar pessoa já zangada. <i>Não ter azeite na lamparina</i>: estar com o copo vazio.</p> <p>p. 275</p>
<b>NDCLP</b>	<p><i>sm.</i> 1. Óleo extraído da azeitona 2 Óleo que se extrai de alguns vegetais ou da gordura de certos animais.</p> <p>p.187</p>
<b>DEPA</b>	<p><i>sm.</i> 'óleo extraído da azeitona ou olive.</p> <p>p. 70</p>
<b>B</b>	
<b>BABAÇU</b>	
<b>DHLP</b>	<p>design. comum às plantas do gên. <i>Orbignya</i>, da fam. das palmas</p> <p><b>1.1</b> palmeira de até 20 m (<i>Orbignyaphalerata</i>), de folhas estriadas de amarelo, espadas lanceoladas e frutos drupáceos oblongos, com sementes oleaginosas; coco-de-macaco, coco-de-palmeira, coco-naiá, coco-pindoba, curuá, palha-branca [Nativa da Bolívia, Guiana, Suriname e Brasil é esp. explorada pelos óleos e gorduras das sementes, com vários usos industriais, por seus frutos e sementes comestíveis, e pelas folhas e espadas, de que se fazem obras trançadas.]</p> <p>tupi <i>wagwa'su</i> (&lt;<i>i'wa</i> 'fruta' + <i>gwa'su</i> 'grande')</p> <p>p.236</p>

BICHO	
<b>DEPA</b>	<p>sm. (&lt;lat, vulgar <i>bestiu</i>, de <i>bestia</i>) ‘hiperônimo utilizado para designar qualquer animal.</p> <p>p. 77</p>
<b>MDLP</b>	<p><i>sm (latvulg *bestiu)</i> <b>1</b>Designação genérica que se dá aos animais terrestre, sobretudo aos vermes e insetos. <b>2</b>Animal feroz. <b>3</b> Pessoa. <b>4</b>Pessoa intratável e solitária. <b>5</b>Gente vulgar, de pouca conta. <b>6</b><i>fam</i> Piolho. <b>7</b><i>pop</i> Câncer. <b>8</b>Jogo de azar, à base de sorteios lotéricos. <b>9</b>Estudante novato nas escolas e academias; calouro. <b>10</b> Principiante de qualquer ofício. <b>11</b> Cavalgadura. <b>12</b> <i>gír</i>Indivíduo muito versado em qualquer matéria. <b>13</b> <i>Espgír</i>Importância que recebe o jogador de futebol como gratificação pela vitória conseguida ou como indenização de despesas por ele feitas, por ocasião de um jogo ou treino. <b>14</b> <i>gír</i>O mesmo que <i>cara</i>: indivíduo, pessoa(usado para o dois gêneros). <i>B. careta</i>, <i>gír</i>: figura vulgar; indivíduo sem importância social. <i>B.-carpinteiro</i>, <i>Entom</i>: inseto coleóptero que rói a madeira onde vive. <i>B.-claro</i>: bicho-da-seda doente, que muda de cor. <i>B. da consciência</i>: remorso. <i>B.-da-farinha</i>: a) larva de vários coleópteros da família dos Tenebrionídeos, que infesta e polui produtos cereais, dos quais se alimenta, mas que é muitas vezes cultivadas como alimentos para animais insetívoros, para uso em laboratórios, e como isca na pesca; b) larva de um coleóptero cosmopolita (<i>Tenebriomolitor</i>) cuja cor varia de marrom-pálido a amarelo, também chamado <i>bicho-da-farinha-amarelo</i>. <i>B.-da-preguiça</i>: verme causador do amarelo. <i>B.-da-seda</i>: lagarta de um inseto que produz seda (<i>Bombixmori</i>); bômbix. <i>B.-da-terra</i>: o mesmo que <i>grilo-toupeira</i>. <i>B.-de-cesto</i>:mariposa larval da família dos Psiquídeos, que constrói um casulo de sedo dentro do qual vive e que é coberto de fragmentos de plantas. Alimenta-se de folhagem e é uma praga destrutiva, quando abundante. <i>B.-de-concha</i>: pessoa arredia e retraída, que não aparece em público. <i>B.-de-conta</i>: <i>V tatuzinho</i>. <i>B.-de-parede</i>: a) <i>V tatuzinho</i>; b) <i>V barbeiro</i>, acepção 6. <i>B.-de-pau</i>: nome comum a vários insetos ortópteros da família dos Fasmídeos, cujo corpo se parece com gravetos, haste ramúsculos secos; cipó-seco, mané-magro; taquara-seca. Dá-se o mesmo nome também aos <i>gafanhotos-de-jurema</i>, apesar de pertencerem a outra família. <i>B.-de-pé</i>: diminuta pulga (<i>Tunga penetrans</i>) das regiões tropicais. Sua fêmea, fecundada, penetrada sob a pele do pé e de outras partes expostas do homem e animais, causando irritação desconfortável e muitas vezes graves feridas; tunga. <i>B. de pena</i>: <i>V ave</i>. <i>B.-de-porco</i>: <i>V bicho-de pé</i>. <i>B.-de-sete-cabeça</i>: coisa muito complicada e difícil. <i>B.-de-unha</i>: diz-se de animal</p>

	<p>muito corredor, na raia ou no campo. <i>B.-do-mato</i>, <i>Entom</i>: larva de uma minúscula mariposa que destrói as folhas do cafeeiro. (<i>Perileucopteracoffella</i>); bicho mineiro. <i>B.-do-mato</i>: a) fera; b) pessoa intratável ou amiga da solidão; c) indivíduo grosseirão;d) <i>Folcem</i> algumas regiões brasileiras, significa o caipora ou curupira. <i>B. escolástico</i>: novato na faculdade, calouro. <i>B. homem</i>: o homem, considerado como animal malfazejo. <i>B. papãp</i>, <i>Folc</i>:monstro imaginário, com que se amedrontam as crianças. <i>Sin</i>: <i>papãp</i>, <i>bitu</i>, <i>coca</i>, <i>cuca</i>, <i>manjaléu</i>, <i>mumuca</i>, <i>papagente</i>, <i>papa-figo</i>, <i>tutu</i>. <i>B.-preto</i>: diabo, demônio. <i>Pl</i>:<i>bichos-pretos</i>. <i>Matar o bicho</i>: ingerir aguardente ou outra bebida alcóolica. <i>Ter ou estar com bicho carpinteiro</i>: estar irrequeiro; mover-se continuamente. <i>Virar bicho</i>: mostrar-se agressivo, zangar-se.</p> <p>p. 77</p>
<b>BAGAÇO</b>	
<b>BDELC</b>	<p>‘Residuo de lo que se exprime para sacar el zumo de la caña de azúcar, etc’. , 1600. Deriv. <i>debagó</i>, que en portugués y en muchos dialectos del Oeste designa el grano de uva y deriva a su vez del lat. <i>BACA</i> ‘fruto (de cualquier planta)’; en castellano <i>bagazo</i> se tomó probablemente del port. <i>Bagaço</i> ‘orujo de la uva’, que en el s. XIV se aplicaba a la semilla o a la pulpa de la misma.</p> <p>p.59</p>
<b>DELPN</b>	<p>De <i>baga</i> e suf. <i>aço</i>.</p> <p>p.58</p>
<b>DELPM</b>	<p>De <i>bag</i>. Séc. XIV</p> <p>p.371</p>
<b>MCA</b>	<p>Resíduos frutos, <i>bagaço</i> de laranja. <i>Bagaço</i> de cana. Esta lima é só o <i>bagaço</i>, não tem sumo.</p> <p>p.32</p>
<b>MDLP</b>	<p><b>Bagaço</b><i>Sm</i> (<i>baga+aço</i><sup>2</sup>) <b>1</b> Resíduo de fritos, ervas ou de qualquer outra substância depois de se lhe tirar o suco. <b>2</b> Parte fibrosa da cana-de-açúcar depois de ser espremida. <b>3</b> Coisa inútil. <b>4</b>Meretriz velha. <b>5</b>Abundância, riqueza. <b>6</b> Folguedo, dança. <b>7</b>Bagonvigoroso ou volumoso; bagalhão, baganhão.</p> <p>p. 284</p>
<b>DRB</b>	<p>Resíduo de frutas, caules, raízes etc., depois da extração de sucos.</p> <p>p. 50</p>
<b>BIONGO</b>	
<b>DHLP</b>	<p>sm. 1 Pequena taberna ou venda; adega, bodega 2 Casebre de palha; choça, palhoça, que designam local em que se vende ou</p>

	ingere bebida (alcoólica).
<b>MDLP</b>	<i>sm</i> <b>1</b> <i>gír marítima</i> Compartimento. <b>2</b> Pequena venda ou botequim. <i>sm pl</i> Casebre, biboca, choça, esconderijo. p. 329
<b>BORRA</b>	
<b>NDCLP</b>	(bor.ra) <i>sf</i> . 1 Substância sólida ou pastosa que assenta no fundo de um recipiente depois de ter estado em suspensão num líquido: borra de café. p. 235
<b>DELPM (v. 1)</b>	<sup>1</sup> <i>s</i> . Di lat. <i>Burra</i> , <<burel, tecido grosseiro de lã>>. Em 1092: <<De ipso porto d oueliasusque ad illasboras>>. <sup>2</sup> <i>s</i> . Do cast. <i>Borracha</i> que <<parece resultar de un cruce de las voces cat. <i>botella</i> ‘bota’ y morraixa ‘redoma’. p. 452
<b>DEPA</b>	Borrvalho: <i>sm</i> . (borra+ <i>-alho</i> ) ‘resto de brasa ainda quente’ p.79
<b>MDLP</b>	<b>Borra</b> <sup>1</sup> <i>sf</i> ( de borrar) <i>gír</i> Diarréia, soltura. <b>Borra</b> <sup>2</sup> ( <i>ô</i> ) <i>sf</i> ( lat <i>burra</i> ) <b>1</b> Parte glutinosa ou sólida em suspensão num líquido e que assenta quando este se deixa em repouso; fezes, lia, pé, sedimento. <b>2</b> Matéria sólida de cor roxa, que se separa do vinho e se deposita nas vasilhas que o contêm. <b>3</b> Parte que não se fia do casulo da seda. <b>4</b> Resíduo da seda, que se despediça durante a fiação. <b>5</b> Escória da sociedade. <b>6gír</b> Bagatela, ninharia. <i>Sf pl</i> Resíduo da cardagem de qualquer filaça. p. 348
<b>BUZU</b>	
<b>VAB</b>	(FB) (PS) - <i>s.m.</i> concha do mar, que servia de moeda na África durante [sic] e é muito usada em adornos rituais e no jogo de Ifá. p. 182
<b>DBB</b>	<i>s.m.</i> (1) Jogo popular com rodela de casca de laranja, grãos de milho, etc. (2) Violão (BH) - Do quicongo buzu, peça de madeira, prancha. p. 53
<b>C</b>	
<b>CACETE</b>	
<b>DENFLP</b>	<i>Sm</i> . ‘bordão, porrete’ 1831; <i>adj.</i> S2g. ‘maçante’ XX. Talvez <i>dim</i> , de caço ‘vasilha com cabo’, em alusão à pequena dimensão do cabo    <b>cacete</b> AÇÃO XX    <b>cacet</b> AR ‘importunar’ 1899; ‘bater com o cacete’ XX    <b>casset</b> ETE <i>sm</i> . ‘cacet’    Do fr. <i>Casse-tête</i> .

	p.132
<b>NDLLP</b>	<b>Cacete</b> (ê), <i>s.f.</i> Pau curto e grosso.    Pão de trigo comprido. p. 307
<b>DENFLP</b>	<b>Cacete</b> , <i>s.</i> Deve ser <i>dim.</i> De <i>caço</i> , como bem o prévio Gonçalves Viana. Em 1831 publicou-se em Lisboa « O <i>Cacete</i> . Periódico Anti- Revolucionário »feito « na Impressão Rgia>> (a seu respeito, <i>vj.</i> : Inocência, <i>Dicionário Bibliográfico</i> , III, p 41, Nº 1742). p.15
<b>VPN</b>	<b>Cacete</b> , Mará, Myracanga. p. 180
<b>MDLP</b>	<b>Cacete</b> (ê) <i>sm(frcasse-tête)</i> <b>1</b> Bordão, grosso em uma das extremidades; moca. <b>2</b> Bengala, porte. <b>3</b> <i>gír</i> Indivíduo maçador ou impertinente. p. 379
<b>DHLP</b>	pedaço de madeira, mais ou menos cilíndrico, ger. mais grosso numa das pontas, <i>us. esp.</i> para desferir pancadas. (p. 550)
<b>CACHOPA</b>	
<b>NDLLP</b>	<i>s.f.</i> Rapariga; moça p.308
<b>DLP</b>	<i>s.f.</i> Menina, rapariga p.316
<b>DHLP</b>	<i>sf.</i> Cacho ('conjunto') de flores na extremidade de um ramo. p.552
<b>NDCLP</b>	( <i>ca.cho.pa</i> ) <i>sm.</i> <b>1</b> Lus. Cachos de flores na extremidade de um ramo. p. 256
<b>MDLP</b>	(ô) <i>sf Reg</i> (Rio Grande do Sul) Porção de flores na extremidade de um ramo. p. 380
<b>CAÇAMBA</b>	
<b>VAB</b>	(banto) <b>1.</b> (BR) <i>s.f.</i> Balde preso numa corda para tirar água dos poços; qualquer balde; (p. ext) tipode veículo usado para remoção de terra. Ver cacimba. <i>kimb.</i> Kisamb, Cesto grande. p.183
<b>DBB</b>	<i>s.f.</i> (1) Balde preso por uma corda enrolada num sarrilho para tirar água dos poços. (2) Escribo fecahdo em forma de chinela (BH). (3) Carroceria de caminhão baseculante. (4) Nos carros de polícia, compartimento onde se alojam os presos a transportar - Do quimbundo Kisambu. Cesta, cesto grande. p. 57
<b>DHLP</b>	Regionalismo: Brasil. 1balde amarrado a uma corda <i>us.</i> para tirar água de poços; 2 <i>m.q. alcatruz</i> ('vaso'); 3qualquer tipo de



	recipiente ou depósito; Ex.: <i>c. de lixo</i> ; 4receptáculo de caminhões, guindastes, escavadeiras, dragas etc. p. 351
<b>NDCLP</b>	(ca.çam.ba) sf 1 Bras. Balde us. Para tirar água de poço, sendo erguido por meio de uma corda à qual está atado. p. 255
<b>CAÇOTEIRA/CAÇOTE</b>	
<b>VAB</b>	(banto) 1. (BR) - s.m. pequena rã ou sapo. Ver sambacaçote. Cf. bonzenga. Kik. Kimb. Kazote. p.187
<b>DBB</b>	s.m. (1) designação popular para os sapos e pererecas de pequeno porte. (2) Rã (BH) - Do quimbundo Kazote, diminutivo de dizote, rã. p.59
<b>MDLP</b>	<i>sm cação+ ote</i> 1Cação pequeno; caçonete. 2Reg(Nordeste) O mesmo que rã. 3 Indivíduo imberbe 4 <i>ant</i> Saio de soldado . p. 382
<b>CANZOLA/CANZO</b>	
<b>VAB</b>	(banto) (LS) -s. casa. Var. canzuá, quixó, unzó. Cf. ilê. Kik. Kinzo. Kimbundo. Kanzo. p. 199
<b>DBB</b>	Canzo:s.m. Casa (MV) - Do quimbundo canzo, casa. p.74
<b>CAPEMBA</b>	
<b>DBB</b>	s.f. Flocos de folhas da carnaubeira (RN), invólucro do cacho da palmeira quando nova (PC), buxa de coco (RME) - de catemba. p. 75
<b>CAROÇO</b>	
<b>NDLLP</b>	<b>Caroço</b> (o), <i>s.m.</i> Parte dura de certos frutos que encerram a semente.    Cilindro com que se forma a alma das paças de fogos.    Íngua.    Glândula enfardada.    <i>Pop.</i> Dinheiro.    <i>Prov.</i> Carolo (do milho).    <i>Bras.</i> Embaraço; engasgo; inibição ou dificuldade momentânea de expressão num discurso.    Baile de estrondo. p.356
<b>OCLP</b>	<b>Caroço</b> do grego <i>karúdiom</i> , avela, noz pequena, pelo latim <i>carudium</i> . A hipótese de a origem ser <i>cor</i> , coração, ou órgão miúdos e arredondados do corpo humano ou integrantes das vísceras de animais, não foi comprovada. As neolatinas reforçam a hipótese da semelhança com a noz pequena. Em italiano, caroço <i>éndcciolo</i> ; em francês é <i>noyau</i> ; em espanhol <i>cuesco</i> ou <i>huesco</i> . Designa o núcleo onde está a semente de diversas frutas,

	<p>entre as quais a ameixa e a manga. Entre as várias acepções, indica também coisa difícil, pessoa que incomoda e corrida de pouco valor nos táxis. Recentemente ganhou nova acepção, ao designar também a jogada imprecisa do altinho, contrária ao melzinho.</p> <p>p.94</p>
<b>VAB</b>	<p><b>Caroço</b> (banto) (LS) – s. Ver <b>caluço</b>.</p> <p>p. 203</p> <p><b>Caluço</b>: (banto) (LS) – s. arroz. Var. caroço. Kik./kimb. (ka)luso &lt; Port. <u>Arroz</u>.</p> <p>p. 192</p>
<b>DELPN (v.II)</b>	<p><b>Caroço</b> – C. Michaelis de Vasconcelos, <i>Glos. doCanc. Da Ajuda</i>, s. v <i>coraçõ</i>, propõe um positivo <i>caraçõ</i> que por metátese de vogais deu <i>caroço</i> Joaquim da Silveira, <i>RL,XXIv</i>, 212, aha que está em vez de <i>caroço</i>, e que a base éo lat. <i>Cor</i>, coração, centro, núcleo. Manda comparar o esp. <b>corazón</b>, o fr. <b>Coeur</b>, o it. <b>Cuore</b>, <b>core</b>, que todos significam caroço e alega que em galego se diz mesmo caroço a par de <i>caroço</i> (Valladares Núñez. <i>Dic.</i>).Loni, <i>Gênio da Língua Portuguesa</i>, I, 136 derivado lat. <i>Car</i>, carne, e suf. <i>oço</i>. A Academia Espanhola deriva carozo, fiapos da espiga de milho, do lat. <i>Cor</i>, coração.</p> <p>p. 99-100</p>
<b>DRB</b>	<p>Designação vulgar e comum das sementes de frutos como a jaca, uva etc.</p> <p>p.81</p>
<b>MDLP</b>	<p>(ô) <i>sm</i> (latvulgarudium, do gr)<b>1</b> Parte dura e óssea de certos frutos, que é ou contém a semente. <b>2</b>Semente do algodão e de vários frutos. <b>3</b><i>Tecn</i>Parte separada de uma peça fundida oca ou que forma um furo dentro ou através de uma peça fundida (<i>p ex</i>, a alma de uma peça de fogo); macho núcleo. <b>4</b><i>Med</i> Glândula linfática enfartada. <b>5</b><i>V calombo</i>. <b>6</b>Tubo de ferro ou de cobre, coberto com tamiça ou argila, empregado para produzir o resfriamento, no fabrico do bronze e do aço. <b>7</b><i>gír</i> Engasgo, dificuldade ou inibição momentânea de expressão em um discurso. <i>Pl: caroços (ó)</i></p> <p>p.439</p>
<b>CASCA</b>	

<b>MDLP</b>	<p><i>sf.(der regressiva de casca) 1</i> Invólucro externo de plantas, frutos, ovos, tubérculos, sementes etc. <b>2</b> <i>Zool</i> Cobertura córnea das tartarugas. <b>3</b>Concha. <b>4</b> Exterioridade, aparência. <b>5</b>Nome de várias plantas. <b>6</b>O mesmo que cascarra, acepção 1. <i>adj + smavarento, sovina. C. - da-mocidade: casca-da-rosa:casca-da- virgindade. C. -da- virgindade: casca do barba-timão-verdadeiro usada como adstringente; casca-da -mocidade. C.-de-anta: arbusto magnoliáceo, também chamado capororoca-picante, cataia, melamboe pau-para-tudo. (Drimyswinteri). C. -de-anta-brava: arbustodas Apocináceas; janapucá, puçá (Rauwolfiabanhensis). C.-de-ferida: indivíduo implicante, de maus seniementos. C. -grossa: indivíduo rude ou grosseiro Pl: casca-grossa. C. -para-tudo: planta da família das Caneláceas Cinnamonodendroncorticolum), considerada excitante e febrífuga; erva-moura. C. - preciosa: árvore laurácea (Anibacanellila); pereiorá. Casca de alho: bagatelas, ninharias.</i></p> <p>p. 446</p>
<b>CAVACO</b>	
<b>DHLP</b>	<p>Substantivo masculino. <b>1</b> farpa ou lasca produzida pelo desbaste da madeira; cavaca. <b>2</b> Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: música. Regionalismo: Brasil. m.q. <b>cavaquinho. 3</b> pequeno fragmento que sobra da carne charqueada (freq. us. no pl.).</p> <p>p.659</p>
<b>COFO</b>	
<b>DHLP</b>	<p>substantivo masculino. <b>1</b>Rubrica: pesca. variedade de cesto oblongo, us. por pescadores. prov. do antigo <i>cofinho</i> 'id.', do lat. <i>cophinus</i> 'cesto' e, este, do gr. <i>kóphinos</i> 'cestinha de flores'.</p> <p>p.754</p>
<b>CONTAMINAÇÃO</b>	
<b>DTL</b>	<p>Processo pelo qual na evolução de uma forma interfere uma outra forma de pronúncia, significação ou uso similares ou relacionados.</p> <p>p. 99</p>
<b>E</b>	
<b>ESTEIRA</b>	
<b>DHLP</b>	<p>substantivo feminino. <b>1</b>tecido grosseiro, feito de matérias vegetais (tábua, palha etc.) entrançadas ou entrelaçadas, us. para forrar caixotes, envolver volumes etc; <b>1.1</b> tecido mais</p>

	delicado, feito com hastes finas de junco, palma etc., us. para atapetar o chão, enfeitar ou revestir paredes, e outros usos; <b>2</b> Derivação: por extensão de sentido. tapete feito desse tecido. p.1249
<b>ENCHARCADO</b>	
<b>MDLP</b>	<i>Ad j(partde encharcar)</i> <b>1</b> Que se encharcou. <b>2</b> Transformado em charco; empantanado, alagado. <b>3</b> Metido em charco; atolado. <b>4</b> Muito molhado; ensopado. p. 797
<b>EMBURABADO/BURARA</b>	
<b>MDLP</b>	s.f. (tupi <i>ymbyrá rá</i> , madeira que se solta) (...) <b>3</b> Lamaçal, tremedal p.367
<b>ENDOCARPO</b>	
<b>DHLP</b>	sm. Camada mais interna do pericarpo dos frutos, que se acha em contacto com a(s) semente(s), de constituição bastante variável, com, p.ex., o caroço da azeitona e a parte comestível da laranja; endocárpio. p. 1141
<b>NDCLP</b>	(en.do.car.po) sm. Membrana que forra internamente o pericarpo dos frutos, fica em contato com as sementes e tem constituição variada (dura, como no coco e no pêssego, ou macia, como na tengerina e na laranja). p. 551
<b>MDLP</b>	<b>Endocarpo</b> <i>sm (endo+carpo<sup>2</sup>) Bot</i> Membrana interna do pericarpo em contato com a semente. <i>Var: endocárpio.</i> p. 802
<b>DRB</b>	A camada mais interna do pericarpo dos frutos. Pode ser dura, como na manga, ou ter pêlos, como na laranja. <i>Ver. Pericarpo.</i> p. 142 <b>Pericarpo:</b> Todo o fruto, à exceção das sementes. Corresponde a parede do ovário e consiste do epicarpo, mesocarpo e endocarpo. p. 306
<b>F</b>	
<b>FAROFA</b>	
<b>DBB</b>	<b>Farofa</b> , s.f (1) Mistura de farinha com gordura e às vezes com outros alimentos. (2) Jacância, bazófia (BH) – Raymundo (1933:130) escreve, citando Capello & Ivens: “Estamos certos

	de que é palavras africanas; entre os negros de angola há a palavra <i>falofa</i> ou <i>farófia</i> , para designar a mistura de farinha, azeite ou água, a que se junta gindungo. “E Oscar Ribas arremata: “O vernáculo em quimbundo é <i>falofa</i> . Resultou ele de <i>kuvala</i> ofa, expressão que significa: parir morto (...) Da mecânica linguística (...) originou-se o termo <i>valofa</i> , depois modificado para farofa (...) Agora interpretemos o sentido (...) ‘parir’ corresponde a preparar, e ‘morto’, frio...(in Cascudo, 1965:100). p. 112
<b>DENFLP</b>	<b>Farofa</b> <i>sf.</i> ‘comida feita de farinha’ ‘jactância, bazófia’    1899, <i>farófa</i> 1881    De provável origem africana    <b>farofEIRO</b> . p. 350
<b>NDLLP</b>	<b>Farofa</b> , <i>s.f.</i> Farinha de mandioca torrada ou escaldada com manteiga ou banha, às vezes misturada com ovos, carne, etc.    Bazófia, jactância, pretensão, coisa sem valor.    Palavreado chocho.    Conversa fiada. p. 834
<b>NDCLP</b>	<i>Bras. Cul.</i> Prato (ger. acompanhamento) preparado à base de mandioca frita em gordura, ger. misturada com outros ingredientes como cebola, ovos, linguíça etc. p.643
<b>MDLP</b>	<i>sf (quibumdo farofa)</i> 1 Farofa de mandioca torrada, temperada com toicinho, banha ou manteiga e, às vezes, misturada com ovos, carne etc. 2 Bravata. 3 Jactância. 4 Fanfarrice. 5Vaidade. 6. Palavreado chocho. 7Ictiol V corcoraca-boca-larga. 8gír Pedra preciosa. p. 939
<b>FIBRA</b>	
<b>DHLP</b>	<i>sf. n</i> Qualquer estrutura filamentosa, ger. sob forma de feixe, encontrada nos tecidos animais e vegetais ou em algumas substâncias minerais 1.1 Estrutura extraída de inúmeros vegetais, como, p.ex., o algodão, o linho, o cânhamo etc. para fins industriais 1.2 célula esclerenquimática de forma alongada, com paredes mais ou menos espessadas, com ou sem lignina, e que, quando madura, pode ou não apresentar protoplasto vivo. p.1334
<b>NDCLP</b>	(fi.bra) <i>sf.</i> 1 Cada um dos filamentos que, dispostos em feixa, contituem tecido animal ou vegetal 2 Feixes longos de vasos que constituem as partes lenhosa dos vegetais, ou que foram com tecidos celulósos as redes de parênquima que formam frutos, pétalas, flores etc. 3 Fio ou filamento de material diverso. p. 653
<b>NDLLP</b>	<i>s.f.</i> Nome de filamentos delgados que, dispostos em feixes,

	constituem certas substâncias animais, vegetais ou minerais. p.852
<b>MDLP</b>	<i>sf(lat fibra)</i> <b>1</b> Nome que se dá a qualquer classe de estrutura alongada filiformes, delgadas, dos reinos vegetal, animal e mineral, ou sintéticas. <b>2Anat</b> Cada um dos elementos celulares filamentosos, que entram na constituição dos tecidos dos organismos. <b>3Bot</b> Filamento do linho e de outra matérias têxteis. <b>4Bot</b> Designa a célula alongada e pontiaguda, que tanto pode pertencer ao lenho com ao periciclo, como ao líber e excepcionalmente acompanha a semente (algodão). <b>5Espécie</b> de papelão consistente, feito de filamentos, com que se confeccionam cestos para papéis, malas tc. <b>6Energia</b> , firmeza de caráter, valor moral: <i>Homem de fibra</i> . <b>7Radiotéc</b> n Material isolante feio de papel especial, pano e celulose comprimidos em alta pressão. <i>F. têstil</i> : a que serve para a fabricação dos tecidos. <i>Dim: fibrinha, fibrila e fibrilha. Fibra a fibra ou fibra por fibra</i> : em todas as fibras, inteiramente, por completo. p. 953-954
<b>DRB</b>	1. Célula muito alongada que se apresenta isolada ou em feixes nos tecidos dos animais e dos vegetais. É celulósica ou lignificada mosultimos. 1. Parte dos vegetais como a juta, o agave, o linho etc. Utilizada na confecção de tecidos. 3. Estrutura filamentosa que ocorre em certos em certos minerais. 4. Constituinte de alimentos volumosos para animais, principalmente os ruminantes. p. 169
<b>FIGA</b>	
<b>MDLP</b>	<i>Sf (lat tardio *fica)Folc</i> <b>1</b> Amuleto ou talismã feito de madeira, de metal etc., em forma de mão fechada, com o polegar entre os dedos indicador e médio, usado supersticiosamente como preservativo de malefícios, doenças etc. Representa o ato sexual, simbolizando a fecundação e a reprodução. De acordo com a cor da atuação: preta, contra mau-olhado; vermelha, dá boa sorte; verde, favorece os negócios e casos amorosos; amarela, aviva a memória; cor-de-rosa, não deixa esquecer a pessoa amada. <i>Sinerud: digite</i> . <b>2</b> Sinal feito com a mão, pondo os dedos como na figa, para esconjurar ou repelir. <b>3</b> Esconderijo. <i>De um figa</i> : apõe-se ao objeto de menosprezo ou desprezo. <i>Fazer figa</i> : espicaçar; troçar de alguém. p.956
<b>DBB</b>	Figa: s.f. Amuleto em forma de mão fechada (BH) – Étimo controverso. Nascentes aponta o lat. tardio <i>fica</i> , vulva. Encontramos, no suaíle, <i>fingo</i> , amuleto, gris-gris; e <i>finga</i> , proteger com um amuleto. Serão portuguesismos?

	p. 101
<b>DELPN (v. I)</b>	<b>Figa:</b> De <i>figo</i> . Para explicar a expressão <i>fazer figa</i> , Larousse, depois de contar uma passagem havida entre o imperador Frederico Barbarroxa e os milaneses, acha provável, alegando os significados do vocábulo em italiano, que se trate de uma alusão obscena. p. 215
<b>DELPM (v. I)</b>	Figa: s. Do fr. <i>Figue</i> , <<empr. De l'a. pr. <i>Figa</i> , lat. pop. * <i>fica</i> , issusurle modele dos nombreux noms de fruits em -a, Du lat. class. <i>Ficus</i> , fém., à la fois <<figuier>> et <<figue>>, d' ou it. <i>Fico</i> , aux deux sens, esp. <i>higo</i> <<figue>>. <i>Figus</i> avait aussi le sens de <<verruë>>, d'où Le fr. <i>fic...Faire la figue à quelqu'un</i> , attesté dès le XIII <sup>e</sup> s., empr. de l'it. <i>Far la fica</i> , <i>Le fiche</i> , révèle à la même date, qui désigne propr. Um geste de dérision, d'intention obscène, <i>fica</i> ayant pris en it. Le sens de <<vulve de la femme>>, Bloch-Wartburg, s. v. <i>figue</i> . Séc. XIII: <<e a madre pólo demo non deu h-uafiga>>, St. Maria, N <sup>o</sup> 399, vol III, p. 346. p. 46
<b>FILHOTE</b>	
<b>DHLP</b>	sm. 1 Natural, originário 2 cria de animal 2.1 Filhote jovem da piraíba. p. 1342
<b>NDCLP</b>	(fi.lho.te) sm. 1 Animal recém-nascido; CRIA 3 Natural, oriundo. p. 657
<b>FORRAGEIRA</b>	
<b>MDLP</b>	<i>adj</i> ( <i>forragem+eiro</i> ) Que se refere a forragens. <i>Sm</i> Forrageador. <i>sfpl</i> Plantas que servem de forragem. p. 981
<b>NDLLP</b>	<b>forra</b> ( <i>ô</i> ), <i>s. f.</i> Mar. Precinta ou banda para reforçar as velas.    Madeira com que se reforça uma parte do navio.    Chumaço; entretela.    <i>Bras.</i> Peça de mármore para revestimento de uma construção.    <i>Adj.</i> Diz-se da ovelha ou da cobra que não foi lançada ao macho ou que não ficou prenha. <b>forrageador</b> ( <i>ô</i> ), <i>adj.</i> e <i>s. m.</i> Que ou aquele que forrageia.    Plagiário.    O que se apropria das ideias dos outros. <b>forragem</b> , <i>s. f.</i> Ferrã, verde, erva (para alimento dos cavalos e muares).    Pasto (para toda a espécie de gado).    Quantia que se dá a militares e funcionários para a alimentação do cavalo que lhes compete. p. 881
<b>DEPA</b>	<b>forr[ar]</b> – v. (< de <i>forro</i> [este, do ár. <i>hurr</i> ])m. 'tornar forro';

	<p>'libertar da escravidão'.    IPP3 [xiv/flos/39rc2]: a cabo de poucos dias acaeceu que o sancto bispo <b>forrou</b> hussmeninhos servos que o serviam em sua vida muy fielmente, deu-lhis já poucos de seus dieiros e poucas possissoes.    IP+3 [xiv/flos/39rc2]: e poislhidisserom que cada dia atendia sa morte, fez chamar queles mancebos que <b>forrara</b> e preguntou-lhis que possissoes eram aquelas que lhis o sancto bispo dera.</p> <p><b>forro</b>– adj. (&lt; ár. <i>hurr</i>)m. 'que foi libertado'; 'desobrigado'. [xiii/frax/123r]: Quê per mādado de senhor seu, quer seya fidalgo quer nō quer liure quer <b>forro</b> e fazer alguu dano ou força desguysadanōayapēanenhũa, mays o senhor que lhomādou fazer soffra a pēa do feyto, caaquel que a fez per seu mandado nō à cula per que obedeeço a quēdiuia; [xiv/flos/31rc1]: e mandou polos mercadores que lhienviarom aquelas doas e rogou-os que lhi dessem aquelmeninho e que lhes daria por el quanto lhi demandassem. e eles disserom que o menino era forro e engenho e que seu padre e sa madre lhoderom que veesse com eles pera haverem com ele prazer.</p> <p>p. 247</p>
<b>DELPN (v. I)</b>	<p><b>FÔRRA</b> – De <i>forrar</i> ou de <i>fôrra</i>. G. Viana, <i>Vocabulário</i>, dá com ô; A. Coelho, com ó. Se é um deverbais de <i>forrar</i> deve ter o acerto; se um femenino de <i>fôrro</i>, o fechado. M. Lübke, REW, 3405, prende ao germ. <i>fodr</i>.</p> <p><b>FORRAGEM</b> – Do fr. <i>fourrage</i> de origem germânica (M.Lübke, REW, 3405). A. Coelho tirou de <i>fôrro</i> (substantivo).</p> <p>p. 223</p>
<b>DRB</b>	<p>Planta nativa ou cultivada que serve para alimento dos animais. As forrageiras cultivadas incluem plantas de famílias variadas, geralmente gramíneas, leguminosas, cactáceas e plantas produtoras de raízes ou tubérculos. As forrageiras nativas são constituídas por um grande número de espécies, destacando-se no semi-árido as <i>ramas</i>, forrageiras de porte arbustivo ou arboreo. O território brasileiro, por sua extensão e diversificação das condições de solo e de clima, determina que soluções locais sejam preferidas e que a escolha das forrageiras seja discutida com engenheiros agrônomos, técnicos agrícolas e zootecnicistas.</p> <p>p. 176</p>
<b>CTAA</b>	<p><b>Forragear</b>: segar; colher forragem.</p> <p><b>Forrageiro</b>: forrageador: forrageador.</p> <p><b>Forragem</b>: Todo e qualquer alimento dos animais em criação; plantas e grãos para alimentação do gado.</p> <p>p. 40</p>



<b>DUPC</b>	<p>Forrageiro: de ou relativo a forragem</p> <p>Forragem: toda espécie de plantio ou folhas, verdes ou secas, para servir de alimento do gado.</p> <p>Forragear: ceifar forragem em; segar.</p> <p>p. 638</p> <p>Ceifadeira: máquina ceifador.</p> <p>p.260</p>
<b>FUBÁ</b>	
<b>VAB</b>	<p>(banto) 1. (BR) -s. Farinha de milho ou de arroz. Kik. Kimb. 2. (BA) - s.m. especie de doce de amendoim, farinha e açúcar pulverizado. Cf. afurá.</p> <p>p.236</p>
<b>DBB</b>	<p>s.m. Farinha de milho ou de arroz (BH) - Do quimbundo fuba (quicongomfuba), fécula, farinha.</p> <p>p. 114</p>
<b>DHLP</b>	<p>s.m. Regionalismo: Brasil.: farinha de milho ou de arroz com a qual se faz angu; fubá.</p> <p>p. 934</p>
<b>G</b>	
<b>GANZOLA</b>	
<b>DHLP</b>	<p>Regionalismo: Maranhão. sf. Na brincadeira do pique, ponto em que se está a salvo.</p> <p>p.1426</p>
<b>GONGO</b>	
<b>VAB</b>	<p>(banto/kwa) (BA) - s.m. Ver ingongo.</p> <p>p.242</p> <p>Ingongo: (banto/kwa) (BA) s.m. centopéia. Kimb. Kik. 2-exp. <i>enrolado como (in) gongo</i>, em situação difícil.</p> <p>p. 254</p>
<b>DBB</b>	<p>s.m. Bicho do coco babaçu. (DV) - provavelmente de gongolo* (quimbundo).</p> <p>p. 126</p>
<b>LPM</b>	<p>Bicho de coco Babaçu. O <i>gongo</i> é o <i>BruchusNucleorum</i>.</p> <p>p.45</p> <p>Gongolô: Nome popular da centopéia. É o que informa Silvio Froes Abreu em “Terra das Palmeiras”, 233. Com a grafia <i>gongólo</i> Rodolfo consigna o termo aduzindo ser o nome dado na Bahia ao embuá, um Diplópodo que também é chamado de piolho -de-cobra.</p> <p>p.45</p>

<b>DHLP</b>	<p>substantivo masculino. Rubrica: zoologia.  design. comum a todos os animais artrópodes miriápodes, terrícolas, da classe dos diplópodes, semelhantes às lacraias, mas com dois pares de pernas em cada segmento do corpo; a maioria tem cor preta ou marrom, por vezes ornamentada de vermelho ou alaranjado; bicho-bola, bicho-de-ouvido, caramuji, gongolo, gongolô, piolho-de-cobra, surrupeio [Vivem em lugares úmidos e escuros, embaixo de pedras ou troncos em decomposição, e evitam a luz.]  p.1465</p>
<b>NDCLP</b>	<p><b>Gongolô:</b> <i>sm. Bras. Zool.</i> Nome comum a diversos miriápodes, cujas principais famílias são os <i>polidesmídeos</i> e os <i>julídeos</i>; tb. <i>embuá</i>.  p.717</p>
<b>MDLP</b>	<p><b>gongo</b><sup>1</sup><i>sm</i> (<i>malaio gong</i>) Instrumento de percussão, originário do Oriente, que consiste em um disco metálico convexo, que se faz vibrar batendo-o com uma baqueta enchumada numa extremidade. <i>G. -do-campo, Bot:</i> arbusto rubiáceo (<i>Pshychotria rígida</i>)  <b>gongo</b><sup>2</sup><i>sm</i> Espécie de croque usado pelos barqueiros, para se segurarem aos ramos das árvores das margens dos rios.  p. 1043</p>
<b>I</b>	
<b>INCHADO</b>	
<b>MDLP</b>	<p><i>Adj (part de inchar)</i> <b>1</b>Que tem inchação. <b>2</b>Dilatado, engrossado. <b>3</b> Intumescido, avolumado. <b>4</b> Enfatado, empolado, afetado, cheio de si.  p. 1140</p>
<b>J</b>	
<b>JACÁ</b>	
<b>DHLP</b>	<p><i>sm</i> cesto trançado de taquara ou cipó us. no transporte de cargas, sobretudo preso ao lombo de animais.  p. 1665</p>
<b>L</b>	

LEITE	
MDLP	<p><i>sm (lat lacte)</i> <b>1</b> Líquido branco, opaco, segregado pela glândulas mamárias da fêmea dos mamíferos. <b>2</b> Tudo o que se assemelha a esse líquido. <b>3</b> Suco branco de alguns vegetais. <b>4</b> Tudo o que parece leite: <i>Leite de coco</i>. <b>5</b> <i>Farm</i> Preparado líquido destinado a amaciar, refrescar ou limpar a pele: <i>Leite de rosas</i>: cor de azulada do leite, indício de um alteração. <i>L. condensado</i>: leite concentrado por evaporação, com adição de açúcar e enlatados, para preservação. <i>L. -de-bruxa, Reg pop</i> (Nordeste): secreção láctea dos mamilos das crianças recém-nascidas, que parteiras recomendam retirar, por espremedura. <i>L. -de-cachorro</i>: planta asclepiadácea (<i>Oxypetalum appendiculatum</i>). <i>L. de cal</i>: a) água com excesso de cal em suspensão; b) coisa sem proveito. <i>L. de enxofre, Quím</i>: um dos estados alotrópicos do enxofre, em forma de pó fino, leve, amarelo-pálido, inodoro e insípido. <i>L. de galinha</i>: planta liliácea (<i>Ornithogalum umbellatum</i>). <i>L. de magnésia, Farm</i>: suspensão branca de hidróxido de magnésio em água, antiácido e laxante. <i>L. de onça</i>: bebida preparada como cachaça e leite condensado. <i>L. em pó</i>: leite desidratado por evaporação a cerca de 5% de umidade. <i>L. fresco</i>: leite em estado natural. <i>L. magro</i>: leite podre de gordura. <i>L. vegetal</i>: o suco da maior parte das plantas lactescentes. <i>Jogo a leite de pato</i>: jogo em que não se fizeram apostas em dinheiro, ou em espécie. <i>Tirar leite de pedra</i>: conseguir o que se considera impossível. <i>Trabalho a leite de pato</i>: trabalho não remunerado.</p> <p>p. 1238-1239</p>
M	
MACETE/MACETA	
DELPN (v. II)	<p><b>Macet a, -ar, -e</b> → MAÇA. p.486</p> <p><b>MAÇA</b> <i>sf.</i> ‘clava’ ‘pilão cilíndrico usado por calceiteiros’ XIV. Do lat. *matea, por mateola ‘pau, cabo de enxada’    <b>Emaçar</b> <i>ARvb</i> . ‘embrulhar, reunirem maço’    XX, <i>emmassar</i> XVII    <b>maçADOR</b> 1859    <b>maçADUR</b> XVI    <b>macETA</b> <i>sf</i> ‘pequena maça de ferro que os pedreiros usam para bater no escopro’    <i>maçeta</i> XIV    <b>macET</b> <i>AR</i> XX    <b>macetes</b> <i>sm.</i> ‘pequeno maço de pau usados pelos maceneiros’ 1813    <b>maço</b> <i>sm.</i> ‘ferramenta de pau, espécie de martelo, usado por marceneiro, escultores etc.’ ‘espécie de martelo usados pelos encadernadores antes de costurar os ‘livros’ ‘conjunto de coisas atadas ou reunidas num mesmo liame’ XIII    <b>maçOLA</b> XV   </p>

	<b>maçudo</b> XX    <b>massagada</b> 1844. De <i>maço</i> , por um processo pouco claro. p. 485
<b>NDLLP</b>	<b>Maceta</b> (ê), s.f Instrumento de ferro com que pedreiros e escultores batem no cinzel.    Pedra para moer tintas.    Maçaneta de bombo.    <i>Bras.</i> Diz-se d cavalo que tem as mão doentes ou defeituosas.    <i>Ant.</i> Escarrador. p. 1152
<b>MDLP</b>	<b>maceta</b> <sup>1</sup> (ê) <i>sf(maço+eta)</i> 1 Maça de ferro com que os pedreiro e escultores batem o cinzel. <b>2Pint</b> Pedra cilíndrica de base chata e muito lisa, própria para moer e desfazer as tintas. <b>3</b> Maça para tocar o bombom. <i>Adj</i> Qualificativo da montaria que tem as articulações dos joelhos e machinhos dianteiros defeituosos ou doentes. <b>maceta</b> <sup>2</sup> (ê) <i>sfant</i> Escarradeira; cuspeira. p. 1290
<b>MACHO</b>	
<b>DHLP</b>	Adjetivo. <b>1</b> relativo a ou próprio do sexo masculino; <b>2</b> Derivação: por extensão de sentido. másculo, viril; <b>3</b> Rubrica: agricultura, botânica - que tem apenas estames e, portanto, não produz frutos (diz-se de flor ou planta). p. 1210
<b>MANGARÁ</b>	
<b>DHLP</b>	substantivo masculino. <b>1</b> Rubrica: angiospermas. m.q. <i>mangarito</i> ('designação comum'); <b>2</b> Rubrica: morfologia botânica. Regionalismo: Nordeste do Brasil. Uso: informal. extremidade bulbosa da inflorescência da bananeira, roxa ou castanho-avermelhada; buzina, coração. p.1233
<b>MANINA/MANINHA</b>	
<b>MDLP</b>	Maninha: Adj.(lat. Vulg *manninu) <b>1</b> Estéril, infecundo (...) p.1315
<b>MARRETA</b>	
<b>MDLP</b>	(ê) <i>sf(marra+eta)</i> <b>1</b> Pequeno marrão. <b>2</b> Cacete grosso. <b>3</b> Malho. <b>4</b> <i>gír</i> Negocista, picareta. p. 1329
<b>DHLP</b>	pequeno marrão, de cabo comprido. Regionalismo: Brasil. Cacete de grande tamanho. p.1859
<b>MEASSABA</b>	

<b>LPM</b>	Esteira comprida que abre e fecha com várias utilidades, feita de folhas de pindova. Abon. “o preto carpina Máximo – <i>Ratoino</i> , não podendo continuar a maltratar os costados numa meassaba, resolveu penetrar na casa de Honório” “... O Carapuça, ed. De 2-7-1884. S. Luís. Há as formas <i>mensaba</i> e <i>meansaba</i> , esta usada na area do Pindaré. Abn. “Também na cidade ele tem o mesmo viver relaxado, em sórdidas palhoças quase sem utensílios nem movéis, comendo no chão com uma meansaba por toalha...” Ozimo de Carvalho, “Retrato de um Município”, 113. p.53
<b>MESOCARPO</b>	
<b>DHLP</b>	sm. 1 Séria inferior dos ossos do carpo 2 Camada intermediária do pericarpo dos frutos, que nos frutos carnosos tem maior espessura, constituindo a polpa; mesocárpo. p.1903
<b>NDCLP</b>	(me.so.car.po) sm. 1 Camada do pericarpo que, nos frutos carnosos, corresponde à polpa 2 Série inferior dos ossos do carpo. p. 919
<b>MOINHO</b>	
<b>DHLP</b>	sm. 1Engenho que se destina à moagem, esp. de cereais, composto de duas mós postas uma sobre a outra, movida pelo vento, água ou motor 2 Construção em que se acha instalado esse engenho 3 Qualquer máquina que se destina à trituração de algo; moenda. p.
<b>NDCLP</b>	(mo.i.nho) sm. 1 Engenho, com duas mós giratórias, movidas pelo vento, água, animais ou motor, para moer, esp.grãos de cereais 2 Lugar onde está instalando esse engenho 3 Máquina usada para triturar ou moer; MOENDA 4 Lugar onde se mói azeitonas. p. 937
<b>MDLP</b>	<i>sm(latmolinu)</i> <b>1</b> Engenho ou máquina de moer grão, ou de triturar determinadas substâncias. <b>2</b> Casa onde está instalado esse engenho ou máquina. <b>3</b> Indivíduo que come muito e depressa. <i>M. de água</i> ou <i>m. de palavras</i> : pessoa que fala muito. <i>M. de vento</i> : a) máquina que tem o vento por motor; b) o mesmo que <i>aeromotor</i> ; c) cabeça estourada, imprudente, leviana. <i>M. segundeiro</i> : o que só serve para moer painço de milho. p.1397
<b>DRB</b>	Máquina usada na exploração agrícola para a moagem de produtos variados, inclusive rochas para adubação, e que exigem

	granulação menor que a da britagem. Os tipos mais comuns são os de martelo, o de bolas e o de discos. p.271
<b>DEPA</b>	~ moynho(s) ~muinho(s) – sm. (<lat. <i>Molinum</i> ) ‘instrumento de moagem grãos, movido por queda d’água, vento ou por tração animal ou mecânica’. p.334
<b>NDLLP</b>	s.m. Engenho de moer.   Lagar de azeite.    Pessoa que come muito e depressa. <i>Moinho de água</i> , azeite. p. 1244
<b>DELPN</b>	Do lat. <i>Molinu</i> , scilicet <i>saxum</i> , pedra de moer; esp. it. <i>Molino</i> , fr. <i>moulin</i> . p. 338
<b>MOLHADO</b>	
<b>MDLP</b>	<i>adj (part de molhar)</i> <b>1</b> Umedecido com qualquer líquido. <b>2</b> Embriagado. <i>Sm</i> Lugar umedecido por um líquido que nele caiu ou se entornou. <i>simpl</i> Vinho, azeite e outros líquidos que se vendem nas casas de comestíveis: <i>Armazém de secos e molhados</i> . p. 1399
<b>○</b>	
<b>ÓLEO</b>	
<b>MDLP</b>	<b>óleo</b> <sup>1</sup> <i>sm (lato oleu)</i> <b>1</b> Líquido gorduroso e comestível que se extrai do fruto da oliveira, do caroço do algodão, do amendoim etc. <b>2</b> <i>Quím</i> Nome dado a substâncias gordurosas, líquidas sob temperatura normal, de origem mineral, animal ou vegetal, empregadas nas mais variadas finalidades, como sejam: lubrificação, combustão, iluminação etc. <b>3</b> Perfume que se obtém fazendo macerar flores em óleo refinado. <b>4</b> <i>Bot</i> Nome vulgar de árvores silvestres, mencionadas nos subverbetes a seguir, cuja madeira, durável e resistente, tem larga aplicação na indústria. <i>O. -de-bacaba</i> : óleo obtido da bacabeira. <i>O. - comunbá</i> : árvore leguminosa. <i>O. -cru</i> : o não-refinado ; óleo bruto. <i>O de dendê</i> ; <i>V azeite-de-dendê</i> . <i>O de fígado de bacalhau</i> : óleo obtido de fígado frsco de <i>Gaduamorruhae</i> outras espécies do gênero Guada. <i>O. -de-jataí</i> : o mesmo que guarabu. <i>O.de linhaça</i> : óleo extraído da semente do linho. <i>O. -de-macaco</i> : o mesmo que de <i>cabriúva-do-campo</i> . <i>O. de mamona</i> : o mesmo que óleo de rícino. <i>O.-de-mocó</i> : árvore da Amazônia. <i>O. de rícino</i> : óleo de semente de rícino ( <i>Ricinuscommunis</i> ) usado como purgante. <i>O. de</i>

	<p><i>vitriolo</i>: ácido sulfúrico. <i>O essencial</i>: o mesmo que <i>óleo volátil</i>. <i>O. diesel</i>: óleo combustível, próprio para motores diesel. <i>O. fixo</i>: o que não se volatiliza facilmente. <i>O. gordo</i>: a) óleo fixo, contendo muita substância graxa; b) o mesmo que <i>cabrírava-campo</i>. <i>O. mineral</i>: qualquer óleo derivado do petróleo; petróleo. <i>O. -pardo</i>: a) o mesmo que <i>cabriúva</i><sup>1</sup>; b) o mesmo que <i>cabriúva-do-campo</i>. <i>O. -vermelho</i>: a) planta leguminosa-papilionácea (<i>Myrospermumerytroxylum</i>); b) árvore leguminosa-papilionácea (<i>Myrospermumperuiferum</i>); c) o mesmo que <i>copaíba-jutaí</i>; d) o mesmo que <i>copaíba-vermelha</i>. <i>O. volátil</i>: o que facilmente se volatiliza, óleo essencial. <i>Santos óleos</i>: os que se usam na igreja Católica para a crisma, a extrema-unção e outras cerimônias.</p> <p><b>Óleo</b><sup>-2</sup>: <i>elemcomp</i>(<i>latoleu</i>) Expressa a idéia de óleo: <i>oleogasogênio</i>, <i>oleografia</i>. p. 1487</p>
<b>NDCLP</b>	<p><i>sm.</i> 1 Substância líqüida gordurosa extraída de vegetais, animais e minerais (<u>óleo</u> de mamona, <u>óleo</u> de baleia). p. 990</p>
<b>DEPA</b>	<p>~ oloyo – <i>sm.</i> ‘designação generic para as substâncias gordurosas, inflamáveis ou balsâmicas, de origem animal, vegetal ou mineral. p. 369-370</p>
<b>OSSO</b>	
<b>DHLP</b>	<p><i>sm.</i> 1 Tecido duro que forma o esqueleto da maioria dos animais vertebrados, constituindo em uma matriz de tecido conjuntivo, composta de osseía e fibra colágenas impregnadas de sais de cálcio 2 O que é resistente; duro, difícil de penetrar. p.2088</p>
<b>NDCLP</b>	<p>(os.so) <i>sm.</i> 1 Matéria dura que forma o esqueleto do homem e dos vertebrados, constituída de tecido de tecido conjutivo com osseína e fibra de colágeno repleta de sais de cálcio; protege órgão com reservatório de cálcio e fosfato. p. 1006</p>
<b>MDLP</b>	<p>(ô) <i>sm</i> (<i>latossu</i>)<b>1 Anat</b> Cada um dos elementos sólidos e calcificados que formam o esqueleto dos vertebrados. <b>2</b> Fragmentos ou componente desse arcabouço. <b>3pop</b> A parte difícil de um empreendimento. <b>4</b> Dificuldade. <b>5pop</b> Emprego. <b>6pop</b> Mulher, amante ou namorada. <b>7pop</b> Cliente ou freguês que não paga. <i>smp</i><b>1</b> Resto mortais. <b>2fam</b>As mãos. <i>adj pop</i> <b>1</b> Valente. <b>2</b> Competente. <i>Grande osso</i>: osso do carpo, situado entre o trapezóide e o unciforme. <i>O. de correr</i>: osso que tem tutano. <i>O. -do-cavalo</i>: o sílex como satélite do diamante; ossada. <i>O. -do-pai-joão</i>: o cóccix. <i>O. -do vintém</i>: o tornozelo. <i>O malar, Anat</i>:</p>

	<p>cada um dos dois ossos quadrangulares situados na face, ao lado das bochechas. <i>O. parietal, Anat.</i>: cada um dos ossos que servem para formar as paredes súpero-laterais do crânio. <i>Carne sem osso</i>: lucro ou vantagem perfeita, sem nenhuma contrariedade. <i>Em carne e osso</i>: em pessoa, na realidade. <i>Estar no osso</i>: estar em muito mau estado de conservação (qualquer utilidade). <i>Não há carne sem osso</i>: cada coisa tem a sua dificuldade. <i>Ossos duros de roer</i>: coisa ou empreendimento que apresenta dificuldade quase inerentes a certos encargos, ou deles resultantes. <i>Roer os ossos</i>: a) desfrutar os restos de alguma coisa; b) ter só os percalços sem auferir lucro ou vantagem alguma. <i>Roer um osso</i>: lidar em um trabalho de que não resulta glória nem proveito.</p> <p>p. 1513</p>
<b>P</b>	
<b>PAÇOCA</b>	
<b>DENFLP</b>	<p>s.f. Iguaria preparada com carne desfiada e farinha de mandioca socada no pilão. Amendoim ou castanha-do-pará torrados e socados no pilão com açúcar e farinhas  passoca 1873; ext. mistura, confusão. Do tupipa'soka.</p> <p>p.570</p>
<b>DELPN</b>	<p><b>Paçoca</b>, s, Do tupipaçoca, de po-çoc, «esmigalhar com a mão», Segundo Clóvis, p. 148.</p> <p>p.276</p>
<b>NDLLP</b>	<p><b>Paçoca</b>, s.m Bras. Carne pilada com farinha.    Amendoim pilado com farinha.    Mistura, confusão.</p> <p>p.1349</p>
<b>DHOT</b>	<p><b>Paçocas</b>.f. Var.: 8-9 <i>passoca, passóca</i>[, T. pa'soka ~VLB II. 77: <i>Pilar no pilão</i> =Aioçoc. Act. E se for cousa q. pilado-a se aiunde toda em hũa massa, ou pilouro. Aiapaçoc. act.]. Iguaria preparada com carne socada no pilão; amendoim ou castanha-do-pará torrados e socados no pilão; com açúcar e farinha; <i>por extensão</i> (v. abon. 1946), mistura, confusão.</p> <p><b>1873</b> J. ALENCAR <i>Guerra dos Mascates</i> I. xii, 146: [...]passoca e inhames, as moquecas enfolhadas, os bolos de cará, acepipes ensinados pelos índios. [...]. <b>1874</b> TAUANY <i>História Brasileira</i> 46: O camarada, á noutinha, preparou uma passóca para a viagem. <b>1902</b>. E. CUNHA <i>O Sertões</i> 138: Mas como frugalidade rara permite passar os dias com alguns punhados de pessoca, não se lheafrouxa, tão de prompto, o animo. <b>1922</b> A PEIXOTO <i>Bugrinha</i> xii. 167: [...] acendeu o fogo, fez café, comeu passóca, preparou o pito, e já as estrelas piscavam [...] <b>1929</b> Idem</p>



	<p><i>Sinhazinha</i> xii. 212: Da capanga tirava punhados de passóca, que, de longe, atirava na boca, sem perder um grãozinho de farinha torrada. <b>1929 G. ARANHAA</b> <i>Viagem Maravilhosa</i> xvi. 291: O feiticeiro segurou a cuia de farinha nos joelhos, deitou dentro um pouco de paraty e de azeite e, rezando sempre, mexia com a mão até fazer uma passoca. <b>1939 R MORAIS</b> <i>Os Igarauínas</i>vi. 73: - Olho de sogra, baba de moç, fio d'ovos, sem falar nas passocas de castanha do Pará e de caju. <b>1946. GUIMARÃES ROSA</b> <i>Sagarana</i> 35: Ele foi por uma banda e vai voltar pelo outro lado, e vem me contar passoca e novidade, tudo o que os vaqueiros estão conversando e fazendo, ou deixando de fazer.</p> <p>p.225-226</p>
<b>MCA</b>	<p>É a amêndoa da castanha assada – e socada num pilão com farinha-d'água, sal e açúcar. Reduzido tudo a pequeninos grãos, impregnada a farinha de óleo e açúcar, está feita a paçoca, que é vendida em cartuchos de papel nas cidades. Em geral é preparada com a castanha comum <i>Bertoletia excelsa</i>, mas há quem faça da sapucaia, e até mesmo da castanha de caju.</p> <p>p. 130</p>
<b>MDLP</b>	<p><i>sf(tupi pasóka)</i><b>1</b> Carne assada e desfiada, pilada com farinha de milho. <b>2</b>Amendoim torrado e pilado com farinha de açúcar. <b>3</b>confusão, salsada, mistura.</p> <p>p. 1526</p>
<b>PALMITO</b>	
<b>MDLP</b>	<p><i>sm (palma+ito<sup>l</sup>)</i><b>1</b> Folha ou ramo de palmeira. <b>2</b>Miolo comestível da parte terminal do caule das palmeiras, de agradável sabor. <b>3</b>Ramo de palmeira adornado e bento em domingos de Ramos. <b>4</b><i>Bot</i> Uma das espécies de palmeiras (<i>Oreodexeasangena</i>). <b>5</b>Palma ou ramo que se põe nas mão de crianças e donzelas falecidas como símbolo de inocência e virgindade. <i>P.-amargosa</i>: nome pelo qual também é conhecido o <i>jerivá</i>. <i>P.-de-ferrão</i>: peixe de rio (<i>Ageneiosescalenciennesi</i>), também chamado <i>peixe-palmito</i>. <i>P.-do-campo</i>: palmeira (<i>Coccos flexuosa</i>). <i>P.-doce</i>: planta palmácea (<i>Pindareafustuosa</i>). <i>P.-juçara</i>: v. <i>juçara</i>. <i>P.-mole</i>: V <i>palmeira-açaí-mirim</i>. <i>De palmito e capela</i>: ornado de palmas como símbolo de virgindade.</p> <p>p.1530</p>
<b>DRB</b>	<p>Broto terminal do caule das palmeiras que é comestível em várias espécies. Porextensão, palmeiras produtoras de palmito.</p> <p>p. 297</p>
<b>NDLLP</b>	<p><i>s.m.</i> Ramo de palmeira.    Miolo do tronco da palmeira.    Ramo de flores entrelaçadas com folhas de palmeira que se distribui na</p>

	<p>feita dos Ramos.    Ramo de flores que se põe nas mãos das crianças ou donzelas, quando mortas, como symbol de inocência e virgindade.    <i>Bot.</i> Espécie de palmeira.    <i>Ant. Afr. Port.</i> Espécie de largarto de árvores.    Planta da Índia.</p> <p>p. 1358</p>
<b>PELE</b>	
<b>DHLP</b>	<p>sf. 1 Camada externa que limita o corpo de um animal, esp. quando forma uma cobertura macia e flexível 1.1 Órgão que envolve o corpo dos vertebrados (incluindo o homem), composto de três camadas (epiderme, derme e tela subcutânea ou hipoderme), com função esp. protetora, termorreguladora e captadora de estímulos dolorosos e táteis 10 Envoltório de certas frutas ou legumes; casca.</p> <p>p. 2171</p>
<b>NDCLP</b>	<p>(pe.le) sf. 1 Anat. Membrana mais ou menos espessa que reveste o corpo humano e dos animais vertebrados. 7 Casca de certos frutos e legumes.</p> <p>p. 1046</p>
<b>MDLP</b>	<p><i>sf(latpelle)</i> <b>1</b> Membrana que reveste exteriormente o corpo do homem e o de muitos animais. <b>2</b> Epiderme. <b>3</b> Couro. <b>4</b> Couro separa do corpo dos animais. <b>5</b> <i>fam</i> A própria pessoa; o corpo. <b>6</b> Invólucro de certos frutos e legumes; casca. <b>7</b> Parte tendinosa e coriácea que se encontram nas carnes comestíveis. <b>8</b> Odro. <b>9</b> <i>Reg</i>(Pará) O disco achatado da borracha bruta, tal como é exposta à venda, após o preparo dos seringais. <b>10</b> <i>gir</i> Cédula de papel-moeda. <i>sfpl</i> Pêlos espessos e abundantes com que se garante ou enfeita o vestuário. <b>2</b> Artefato de couro de animal. <i>P.-de-lixia</i>: varíola confluenta. <i>Pl. peles-de-lixia</i>. <i>P.-de-ovo</i>. Tecido de algodão natural ou sintético muito fino e macio. <i>Pl: peles-de-ovo</i>. <i>P.-do-diabo</i>. O mesmo que <i>bombazina</i>. <i>P.-vermelha</i>, <i>Etnol.</i> indígena das peles-vermelhas, denominação genérica dada às tribos aborígenes da América do Norte; <i>adjm+f</i> relativos às peles-vermelhas. <i>Arriscar a pele</i>: expor-se a um perigo. <i>Cortar na pele de alguém</i>: dizer mal dele. <i>Mudar de pele</i>: rejuvenescer, regenerar-se. <i>Não cabe na pele</i>: ser muito gordo, envaidecer-se. <i>Não poupar a pele de alguém</i>: não perder a ocasião de falar mal dessa pessoa. <i>Não querer estar na pele de alguém</i>: não querer se a pessoa por causa da má situação. <i>Salvar a pele</i>: evitar o perigo. <i>Ser da pele do diabo</i>: ser ruim, ser travesso. <i>Ser pele e osso</i>: estar muito magro. <i>Ter a pele grossa</i>: ser invulnerável aos ataques. <i>Tirar a pele</i>: explorar. <i>Vender caro a pele</i>: defender-se com toda energia, morrendo mas dando cabo do adversário.</p> <p>p. 1583</p>

PENDÃO	
<b>DHLP</b>	sm. 1 BANDEIRA 2 Estandarte que vai à frente das tropas ou das procissões; guião 3 Símbolo ou emblema de um grupo, de uma doutrina, de uma causa; bandeira. p. 2175
<b>NDCLP</b>	(pen.dão) sm. 1 Bandeira, estandarte 4 Inflorescência do milho. p. 1047
PINDOVA	
<b>DENFLP</b>	s.f. Palmeira da subfamília das cocosaídeas. Do tupipi'nova. p.605
<b>TAIB</b>	<b>pindaíba</b> – sf. 'planta da fam. Das anonáceas'   <i>penaíba</i> 1587   Do tupi <i>pina' iua</i> < <i>pi'na</i> 'anzol' + <i>iua</i> 'haste'    <b>pindaib</b> AL XX. <b>pindoba</b> – sf. 'palmeira da subfam. Das cocosoídeas' 1585. Do tupi <i>pi'noua</i>    <b>pindob</b> UÇU 1587. p. 592
<b>DELPM (v. 5)</b>	<b>Pindaíba</b> , s. Os dicionários registram este voc. e dão-lhe estas acepções: <corda feita de palha de coqueiro; árvore anonácea brasileiro; falta de dinheiro>, Clóvis, porém, afirma que <aparece apenas no modismo estar na pindaíba, estar em dificuldade, em extrema penúria>. E tira-o do tupi < <i>pindá</i> , anzol; <i>yba</i> , veja, vara. <i>Pindáyb</i> era nome dado aos arbustos de que se tirava a vara do anzol> (p. 149). Com este voc. Crio que se relacionam <i>pindabuna</i> , <i>pindaúba</i> (ambos em 1890, Morais) e <i>pindola</i> (séc. XVI: <com paredes (as casas) de palha ou de taipa de mão, cobertas de pindola, que é certo género de palma que veda bem água, e dura três ou quatro anos>, Cardim, p. 307. <b>Pindoba</b> , s. Vj. Pindaíba. p. 366
<b>DHOT</b>	<b>pindobas</b> .f. Var.: 5-9 <i>pindoba</i> , 5 <i>pindoga</i> , 6 <i>pindoua</i> , 7 <i>pindova</i> , 7 – 9 <i>pindóba</i>   < <i>T pi'noua</i> ~ VLB II. 63: Palma ou palmeira não tem gênero = As espécies são muitas, mas nenhuma se nomea senão pola fruta, saluo a principal delas com que se cobrem as casas que se chama Pindoba. E o fruto della Ynajâl. Palmeira da subfamília das cocosóideas. De acordo com os testemunhos dos primeiros cronistas do Brasil, <b>a pindoba era amplamente utilizada pelos indígenas na construção</b> de suas ocas. Esse processo rústico de cobrir as choupaas com folhas de palmeiras foi logo adotado pelos europeus e ainda é comum no interior do Brasil. p. 235
<b>DHLP</b>	sf 1 Design.comum a diversas plantas da fam. das palmas, esp.às do gên. Attalea; pindobeira, pindova. p. 2214

NDCLP	(pin.do.ba) sf. 1 Bras. Bot. Nome comum a diversas espécies de palmeiras, esp.do gên. Attale, de cuja semente se extrai óleo 2 Bot. O fruto e a semente dessas palmeiras 3 Tecido de palha de palmeira. p. 1066
MDLP	<i>sf(tupi pindóua)Bot1</i> Palmeira elegante, cuja folhas servem para a cobertura dos ranchos, tapiris e tijupás. ( <i>attaleahumilis</i> . 2Planta palmácea ( <i>Diplotheniumcaudescens</i> 3Zool Jararaca-verde; pitioba. <i>P.-do-sul: v pindó. Var: pindova</i> . p. 1620
<b>PUBO</b>	
TAIB	<b>puba</b> <sup>1</sup> (s) -brandura (VLB, I, 59); (adj.: <b>pub</b> ) – <b>PUBA, PUBO</b> , mole, maduro, brando, macio: <i>Ereî‘useúpeu‘i-puba?</i> – Queres comer farinha puba? (Anch. Teatro, 44); Xe <b>pub</b> . – eu sou mole; eu sou puba. (VLB, II, 40) NOTA – No P.B. (N, NE), <b>PUBA</b> também significa 1) <i>a mandioca enterrada em lama ou posta na água até amolecer e fermentar: mingau de puba; 2)terreno úmido, coberto de capim (in Dicion. Caldas Aulete)</i> . Daí, também, <b>CAPIM-PUBA</b> (“capim brando”), erva da família dasgramíneas; <b>PUBAR</b> , pôr ( <i>mandioca</i> ) <i>a curtir na água ou na lama; (N) apodrecer, fermentar (in Dicion. Caldas Aulete)</i> . <b>puba</b> <sup>2</sup> - o mesmo que <b>mandi’opuba</b> (v.) (Nieuhof, <i>Men. Viag.</i> 287) p.408
DHOT	<b>Pubo, puba</b> <i>adj</i> [<T. ‘puua ~VLB II. 40: <i>Molle</i> = Puba. Membeca]. Mole, cansado; podre, imprestável. A propósito o emprego, raro e esporádico, de adjetivos tupis em português, veja-se o comentário ao verbete <i>açu</i> . 1934 G. Ramos <i>S. Bernardo</i> iii. 15: Então o delegado de polícia me prendeu, levei uma surra de cipó de boi, tomei cabacinho e estive de molho, pubo, três anos. [...] 1934 Jorge de Lima <i>Calunga</i> vii. 73: Se contasse o acontecido apanhava das negas até ficar puba, se não contasse como sempre sucedia, estava levantando buranhem do aleijadinho que era serviço. 1946 GUIMARÃES ROSA <i>Sagarana</i> 242: [...] para virem vender no arraial um cacho de banana-ouro, meio saco de povilho pubo, ou uma pele de raposão. p. 247
NDLLP	<b>puba</b> , <i>s. f. Bras.</i> Nome dado à mandioca enquanto a deixam enterrada na lama para apodrecer e fermentar. p. 1522
DENFLP	<b>puba, pubo</b> <i>adj. ‘mole, cansado’ ‘podre, imprestável’ XX.</i> Do tupi ‘puua. O voc. Ocorre, também, como elemento de

	composição, na formação de alguns compostos de origem tupi: <i>tupiopuba, vipuba</i> etc. p.646
<b>DHLP</b>	adj.2g. 1 Mole, macio; pubo. 2 Massa de mandioca fermentada 3 Terreno úmido coberto de capim, ger nas margens dos rios. p.2330
<b>NDCLP</b>	(pu.ba) sf. 1 Massa de mandioca deixada de molho até amolecer e fermentar; CARIMÃ; MASSA PUBA 2 Terreno úmido e coberto de capim. p. 1066
<b>MDLP</b>	<b>Pubo</b> <i>adj(der regressiva de pubar)</i> 1Decomposto pela fermentação; podre. 2Moído por excesso de exercício ou de trabalho; estafado. p. 1728
<b>Q</b>	
<b>QUEIMADO</b>	
<b>DHLP</b>	Adjetivo. 1 que se queimou; 2 que ardeu em fogo; incendiado; Ex.: <i>mato q.</i> 3 que se carbonizou. Ex.: <i>madeira q.</i> p.2352
<b>R</b>	
<b>RALÃO</b>	
<b>MDLP</b>	<b>ralo</b> <sup>1</sup> <i>sm (latrallu)</i> 1V <i>ralador</i> . 2 Folha de metal cheia de pequenos orifícios que se põe nas janelas, nas portas, no locutário dos conventos etc., para se falar sem contato com a comunicação direta; ralete. 3fundo da joeira ou da peneira; crivo. 4 Utensílio com pequenos orifícios para coar certos líquidos. 5Peça crivada que se põe nas pias, nos suguões e nos tanques, para o escoamento das águas e outros líquidos. <b>ralo</b> <sup>2</sup> <i>adj (latraru)</i> Pouco espesso; raro: <i>Barba rala. Antôn: espesso, denso.</i> <b>ralo</b> <sup>3</sup> <i>sm (baixo-latrallu)</i> Entom Denominação comum dada em Portugal a certos insetos de vida subterrânea, a que chamam também de <i>grilos-toupeiras</i> . <b>Ralo</b> <sup>4</sup> <i>smOrnit</i> Gênero ( <i>Rallus</i> ) de aves ribeirinhas, tipo da família dos Ralídeos, representados no Brasil por várias espécies conhecidas pelo nome comum de <i>saracura</i> . <b>ralo</b> <sup>5</sup> <i>sm (frrâle)</i> V <i>rala</i> <sup>3</sup> . p. 1768
<b>VAB</b>	‘ralar coco’, alusivo ao gesto de raspar o coco contra o ralo.

	p.329
<b>OCLP</b>	Do francês <i>râler</i> , ralar, tendo também o sentido de raspar, arranhar, arfar, pois no francês anitgo, <i>râle</i> é o barulho que o ar faz ao passar por pulmões em mau estado. Provavelmente, por influencia de ralo, do latim <i>rallum</i> , raspador para tirar a terra da relha do arado, adquiriu o significado de trabalhar muito. Ralo também um utensílio domestico utilizado para raspar tubérculos como a mandioca e a batata. p. 395
<b>DENFLP</b>	<sup>1</sup> De ralar. p.35
<b>S</b>	
<b>SACO</b>	
<b>DHLP</b>	substantivo masculino. 1receptáculo de pano, papel, couro, borracha ou material plástico, aberto apenas por cima, us. para fins diversos. p.489
<b>SAPECADO</b>	
<b>DHLP</b>	Adjetivo. 1chamuscado ou seco (diz-se esp. de folha de mate); 2 levemente assado (diz-se esp. de carne). p.2516
<b>SOLTA</b>	
<b>DHLP</b>	sf. 1 Ato ou efeito de soltar(-se); soltamento, soltura.5 Pastagem do gado se refaz 6 Manta. p. 1767
<b>NDCLP</b>	(sol.ta) sf. 1 Ação ou resultado de soltar(-se); SOLTURA 2 Corda ou peça de ferro para prender a cavalgadura 3 Área de pastagem em que o gado é colocado para recuperar as forças 5 Manta, cobertor. p. 1979
<b>V</b>	
<b>VINHO</b>	
<b>DHLP</b>	sm. 1 Bebida resultante da fermentação alcoólicas total ou parcial dos mosto da uva 1.1 Produto oriundo da fermentação do suco da esmagação ou maceração das células das uvas, por

	<p>células de leveduras e, em alguns casos, por células de bactérias lácticas 2 denominação comum a vários tipos de bebidas resultantes das fermentações comum a vários tipos de bebidas resultantes da fermentação do sumo de plantas ou frutas, possuindo algumas propriedades medicinais 3 licor fermentado extraído de vegetais.</p> <p>p.2864</p>
<b>NDCLP</b>	<p>(vi.nho) sm. 1 Bebida alcoólica produzida a partir da fermentação do suco de uva 2 Esse tipo de bebida, feita a partir do suco de outras frutas (vinho de jenipapo).</p> <p>p. 1417</p>
<b>MDLP</b>	<p><i>sm(latvinu)</i>1 Líquido alcoólico, resultado de fermentação do sumo da uva ou ainda de outros frutos.2 Licor fermentado que se extrai dos vegetais. 3Bebedeira, embriaguez. <i>V. abafado</i>: vinho cuja fermentação se suspendeu por meio de álcool ou do ácido sulfuroso. <i>V. botado</i>: vinho que perdeu a cor. <i>V. carrasco</i>: vinho áspero ao paladar, grosso e travoso. <i>V. de dendê</i>: bebida alcoólica, de sabor agradável, preparada com o líquido do tronco do dendezeiro.<i>V. de maçã</i>: bebida que se fabrica com o suco fermentado das maçã; sidra. <i>V. doce</i>: vinho de uma uva muito madura e com qualidades muito sacarinas. <i>V. fino</i>: o que se bebe à sobremesa, é que é de qualidade superior, mais velho e mais alcoólico. <i>V. generoso</i>: vinho de grande formação alcoólica, de longa formação e duração e que, com o tempo, vai apurando as qualidades. <i>V. moscatel</i>: o que feito de uva moscatel. <i>V. palheta</i>: vinho tinto muito singelo, pouco corado e muito transparente. <i>V. seco</i>: vinho muito forte, pouco açucarado e de boa qualidade. <i>V. surdo</i>: a) aquele que dá força aos vizinhos fracos, por ter muito álcool; b) o mesmo que vinho <i>abafado</i>. <i>V. tinto</i>: vinho cuja coloração é mais ou menos escura ou vermelha, em razão da prolongada curtimenta ou da cor da uva com que foi fabricado.</p> <p>p. 2204</p>

**ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO - LEXICAL**



**Projeto Atlas Linguístico do Maranhão**  
**Questionário Semântico-lexical**  
**PRODUTOS AGROEXTRATIVISTAS - BABAÇU**

- 1- Como é chamado o local onde tem muitas palmeiras de coco babaçu?
- 2- Como é chamada a parte do babaçu de onde se retira o óleo?
- 3- Como se chama a palha nova [branca], ainda fechada, da palmeira do babaçu que é usada para cobrir casas?
- 4- Antes de cobrir a casa, o que se faz com a palha nova [branca], ainda fechada, da palmeira?
- 5- Como se chama a palha já aberta da palmeira do babaçu, que é usada para cobrir casas?
- 6- Antes de cobrir a casa, o que se faz com a palha já aberta da palmeira?
- 7- Como se chama o ato de tirar as palhas da palmeira, sem cortar seu tronco [pé]?
- 8- Que objetos se faz com a palha do babaçu? [Qual é a utilidade da palha do babaçu?]
- 9- Para que serve o tronco [caule/madeira] da palmeira?
- 10- Qual é o nome da parte branca, mole que fica dentro do caule, na parte de cima [no miolo] da palmeira, e que se come?
- 11- Existem outros nomes para \_\_\_\_\_ (cf. item 10)?
- 12- Quando se corta a palmeira do babaçu, jorra um líquido. Como é o nome desse líquido?
- 13- Para que serve esse líquido?
- 14- Como se chama o fruto da palmeira do babaçu?
- 15- Existem outros nomes para esse fruto?
- 16- Quais são as partes que formam [compõem] o coco babaçu?
- 17- Existem outros nomes para essas partes?
- 18- Para que serve cada uma dessas partes? [Que utilidades têm essas partes?]
- 19- Na cozinha, o que se pode fazer com o coco babaçu? [Que utilidade tem o coco babaçu para fins culinários?] (Caso esta pergunta tenha sido respondida no item anterior, deve-se desconsiderá-la).




- 20- Você conhece alguma receita preparada com o coco babaçu?
- 21- Como se chama a paçoca do babaçu ?
- 22- Que utilidade tem o coco babaçu [fruto] verde?
- 23- Como se faz [prepara] o vinho [leite] das amêndoas do coco babaçu ?
- 24- Como se chama o bicho que dá no coco babaçu?
- 25- Você conhece algum remédio preparado com o coco babaçu? [Que utilidades tem o coco babaçu para a medicina caseira?]
- 26- Que produtos de beleza podem ser preparados com o coco babaçu? [Que utilidades tem o coco babaçu para a indústria de cosméticos?]
- 27- Como se chama a parte onde os cocos ficam pendurados?
- 28- Como se chama a parte em forma de chapéu que prende o coco babaçu ao cacho?
- 29- Como se chama aquela parte em forma de canoa de onde sai o cacho de coco?
- 30- Em geral, quantos cocos tem um cacho?
- 31- Por que os cachos de coco babaçu não são cortados ?
- 32- Quantos cachos são produzidos por palmeira no período da floração ?
- 33- Que nome se dá a palmeira que não dá [produz] fruto ?
- 34- Como se chama a palmeira de babaçu que ainda está nova?
- 35- Como se chama a pessoa que quebra o coco babaçu?
- 36- Existem outros nomes para \_\_\_\_\_ (cf. item 35)?
- 37- Quais são as ferramentas [os instrumentos] usados na quebra do coco?
- 38- Você pode explicar como se quebra o coco babaçu?
- 39- A quebra do coco é uma atividade de toda a família? [O que faz cada membro da família?]
- 40- Qual é a atividade da família, para se manter [sustentar-se], no período da entressafra?
- 41- Qual é o período da safra do coco babaçu?
- 42- Qual é o período de entressafra do coco babaçu?
- 43- Qual é a época da floração da palmeira do babaçu?

- 44- Qual é a época em que acontecem muitos acidentes na quebra do coco?
- 45- Que tipo de acidente, em geral, ocorre nessa época?
- 46- Quando os lavradores fazem queimadas na roça e o coco babaçu cai antes do tempo, se diz que o coco está...?
- 47- Em geral, quantas amêndoas tem um coco babaçu?
- 48- Em geral, quanto custa 1Kg de amêndoas do coco babaçu?
- 49- Como se chama aquilo [o objeto] que se usa para levar o coco depois de colhido?
- 50- Como é feito o transporte do coco colhido?
- 51- Para quem é vendida a amêndoa do coco babaçu? [Qual é o destino da amêndoa?]
- 52- Que animais [roedores] se alimentam do coco babaçu?
- 53- Você conhece alguma lenda, história, cantiga, que fale do babaçu [tenha relação com o babaçu] ?
- 54- Você conhece estas palavras ou expressões ligadas ao babaçu?
- Jacá
  - Coco de solta
  - Coco preso
  - Coco de meia
  - Coco encharcado [lameado/melado]
  - Sistema de vale
  - “O coco é nosso branco”
  - Cantineiro

b

## ANEXO 2 – FICHA DO INFORMANTE

	<b>Projeto Atlas Linguístico do Maranhão</b> <b>Ficha do Informante – Questionário Específico</b> <b>Pesquisa: Produto Extrativista e Agroextrativista Maranhense</b> <b>Produto: Babaçu N.º do informante:</b>	
<b>DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE</b>		
1. NOME:		2. ALCUNHA:
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F	5. IDADE:
6. ENDEREÇO:		
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro		
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE COMEÇOU A SE DEDICAR A ESTA ATIVIDADE ?	
10. NOME DA ATIVIDADE:		
11. LOCALIDADE:	12. GRAU DE INSTRUÇÃO:	
13. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):		
14. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		
<b>RENDA</b>		
15. TIPO DE RENDA: A. <input type="checkbox"/> individual B. <input type="checkbox"/> familiar		
<b>CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO</b>		
16. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca	17. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas D. <input type="checkbox"/> noticiários G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> pr. religioso C. <input type="checkbox"/> pr. de auditório F. <input type="checkbox"/> filmes	
18. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. <input type="checkbox"/> parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura	19. OUVE RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> parte do dia G. <input type="checkbox"/> enquanto trabalha B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro C. <input type="checkbox"/> nunca F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja	
20. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral D. <input type="checkbox"/> noticiário policial G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> música C. <input type="checkbox"/> pr. religioso F. <input type="checkbox"/> pr. c/ participação do ouvinte		21. LÊ JORNAL: A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> semanalmente B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> raramente C. <input type="checkbox"/> nunca
22. NOME DO JORNAL: _____ A. <input type="checkbox"/> local B. <input type="checkbox"/> estadual C. <input type="checkbox"/> nacional	23. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> editorial D. <input type="checkbox"/> pr. cultural G. <input type="checkbox"/> classificados B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> política H. <input type="checkbox"/> outra C. <input type="checkbox"/> variedades F. <input type="checkbox"/> página policial	

24. LÊ REVISTAS? A.  às vezes B.  semanalmente C.  mensalmente D.  raramente E.  nunca

25. NOME/TIPO DE REVISTA: \_\_\_\_\_

### PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQÜENTEMENTE	ÁS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
26. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
27. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
28. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
29. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
30. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
31. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
32. OUTROS-				

33. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRATICA? \_\_\_\_\_

### PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

34. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:

A.  tímido B.  vivo C.  perspicaz D.  sarcástico

35. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:

A.  total B.  grande C.  média D.  fraca

36. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:

A.  cooperativa B.  não cooperativa C.  agressiva D.  indiferente

37. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE:

A.  "A" B.  "B" C.  "C" D.  "D"

38. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR:

A.  grande B.  médio C.  pequeno D.  nenhum

39. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:

A.  sim B.  não

40. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):

41. AMBIENTE DO INQUÉRITO:

42. OBSERVAÇÕES:

43. NOME DO ENTREVISTADOR:

AUX.:

44. LOCAL DA ENTREVISTA

CIDADE:

UF:

45. DATA DA ENTREVISTA:

DURAÇÃO: